

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

FERRAMENTAS ORGANIZACIONAIS DA CONVIVIALIDADE
Aproximações de Ivan Illich aos Estudos Organizacionais

NILO CORADINI DE FREITAS

Porto Alegre
2019

NILO CORADINI DE FREITAS

FERRAMENTAS ORGANIZACIONAIS DA CONVIVIALIDADE:

Aproximações de Ivan Illich aos Estudos Organizacionais

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Administração, modalidade Acadêmica.

Área de Concentração: Estudos Organizacionais

Orientador: Prof. Dr. Fábio Bittencourt Meira

Porto Alegre
2019

CIP - Catalogação na Publicação

Freitas, Nilo Coradini de
Ferramentas Organizacionais da Convivialidade:
Aproximações de Ivan Illich aos Estudos
Organizacionais / Nilo Coradini de Freitas. -- 2019.
106 f.
Orientador: Fábio Bittencourt Meira.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Administração, Programa
de Pós-Graduação em Administração, Porto Alegre,
BR-RS, 2019.

1. Convivialidade. 2. Ivan Illich. 3. Ferramenta.
4. Decrescimento. 5. Comunicação Não-Violenta. I.
Meira, Fábio Bittencourt, orient. II. Título.

NILO CORADINI DE FREITAS

FERRAMENTAS ORGANIZACIONAIS DA CONVIVIALIDADE:

Aproximações de Ivan Illich aos Estudos Organizacionais

Esta dissertação foi analisada e julgada adequada para a obtenção do título de Mestrado Acadêmico em Administração na área de Estudos Organizacionais e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora

Orientador: Prof. Dr. Fábio Bittencourt Meira

Aprovado em 24/07/2019

BANCA EXAMINADORA

Examinador: Prof. Dr. Ariston Azevêdo Mendes

Examinador: Prof. Dr. Fernando Dias Lopes

Examinador: Prof. Dr. Lucas Casagrande

Examinador: Prof. Dr. Rene Eugenio Seifert Junior

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha companheira de todas as horas. Ela que tem estado comigo tão intensamente que se faz presente em mim, já não me concebo sem ela, não sei o que são traços meus e o que são dela. Camila, não consigo acreditar na sorte que eu tenho em percorrer meus caminhos ao teu lado, os teus ao teu, de os ver transformar em *nossos*, de nos ver devir as pessoas que já somos hoje após tantos anos e em quem viermos a ser enquanto habitarmos o mundo. A cada alegria e a cada dor, a imensidão do nosso amar me extasia e me fortalece. Do nosso amar que é verbo, que cria, transforma, que a gente faz e que faz a gente – *amar não é consumir amor*. Contigo eu entendo que necessidade e liberdade andam juntas. Sou livre porque te preciso. Te preciso porque sou livre.

Agradeço também ao professor Fábio Meira, antes de tudo pela paciência necessária para permitir a liberdade no ato de pesquisar. Por todas conversas, por cada cuidado e pela atmosfera amigável no trato, tão importante para o exercício de pensar, de ler, de formar minha visão e meus argumentos enquanto aluno. Agradeço pela destreza no manejo das muitas inquietações, incertezas e imprevisibilidades que trouxe nesse projeto, por todas riquíssimas reflexões e, novamente, pela acolhida. Ao acabar esta dissertação, tenho um sentimento bom e sinto ter realizado algo com sentido. Isto só é assim graças a orientação do Fábio.

Agradeço a CAPES pela bolsa que possibilitou que esse trabalho fosse escrito dentro de uma rotina minimamente digna. Leia-se, agradeço à todas e todos aqueles que contribuíram para que houvessem bolsas entendidas como amparo social e não como prêmio meritocrático, que ajudaram a estabelecer critérios objetivos para a distribuição destes recursos de forma a ser possível construir pesquisas independentes, sem relações clientelistas e sem sucumbir a uma lógica tecnicista ou produtivista.

Agradeço as amigas e amigos de diferentes práticas de (ou com) Comunicação Não-Violenta. Em especial ao grupo estudado neste mais de um ano de encontros; ao Marcos por tantas escutas, ao Dani e a Vic por tantos momentos e trocas.

Agradeço a banca avaliadora, pelo tempo e atenção. Espero que a leitura seja agradável e possa germinar novas ideias, debates e pensamentos.

Agradeço meus pais, Nilo e Jaqueline. As condições para a escrita desse trabalho não estariam lá sem o apoio de vocês. A força para amparar um projeto no qual não se vê sentido, em nome de respeitar a minha vontade é uma virtude que valorizo de mais em vocês.

Agradeço a desconhecidas e desconhecidos pelos esforços em tornar o conhecimento, acadêmico ou não, acessível. Agradeço projetos de disseminação, tradução, *hubs* de ciência, *Gênesis* de bibliotecas, protopias entre outros, cujo anonimato é necessário em nossos tempos de vigilância.

Agradeço o colega Lucas Casagrande pelas conversas, escritas e companheirismo. Foi muito bom termos nos encontrado e conseguir discutir mais a fundo as diversas questões com as quais compartilhamos atenção. Obrigado pela proximidade, pelo espaço convivial e sem mediações (ou quase!).

Agradeço também o colega Matheus Machado. Sou grato pelos debates, pela paciência em ler minhas anotações, pela abertura e acolhida.

Agradeço a Leão Neto. Pela atenção, pelas conversas e reflexões conjuntas.

Agradeço a Carin. Obrigado pelos cuidados, pelo carinho e por ter posto a Camila no mundo. Obrigado pelas conversas, pela proximidade e sinceridade que nelas fluem.

Agradeço as porções felinas da minha vida. Inheu e Sessi, estão comigo onde vou e nunca vou esquecer vocês. Bologna e Benedito, sem vocês este trabalho talvez tivesse ficado pronto algumas semanas antes. No entanto, sem o afeto e o calor que trazem, talvez minha amargura não permitisse maiores reflexões.

Por fim, agradeço aquelas e aqueles que de alguma forma se põem com o punho em riste pela autonomia. Respiro junto a vocês e sei quem são os meus. Forcemos a porta do presente, tentemos, fracassemos, tentemos de novo e fracassemos melhor. Teimemos, ataquemos, construamos, talvez vençamos. Em todo caso, superemos. Sigamos nossos rumos. Vivamos, portanto. Agora. Destituamos o mundo, o amanhã está anulado.



RESUMO

A obra de Ivan Illich (1926-2002) apresenta importantes contribuições para o entendimento da modernidade. Nas sociedades industriais, o consumo obrigatório de bens ou serviços gera contraprodutividade por necessidade técnica. Isto se dá pelo estrangulamento da esfera autônoma (convivial) de produção em desproporção que confere predominância à esfera heteronômica (industrial). Estas desmedidas ocorrem por meio das ferramentas utilizadas nas sociedades e da topografia mental que definirá uma tendência geral, definida de maneira sócio-histórica, da relação das pessoas com tais ferramentas. Ferramenta é todo meio pelo qual as pessoas podem expressar seus fins. Atualmente há uma tendência de reversão na relação homem-ferramenta, esta desmedida gera uma nova topografia mental na qual a distalidade é apagada e substituída por uma lógica de funcionamento de sistemas, o que impede ou dificulta a convivialidade. Busca-se avaliar o caráter mitopoiético de procedimentos organizacionais sob o conceito de ferramenta organizacional. A partir do debate contemporâneo em torno do Decrescimento, avalia-se o caráter das relações suscitadas pela ferramenta organizacional, buscando cultivar uma consciência crítica do poder simbólico das tecnologias modernas, levando-se em conta o ambiente no qual a ferramenta é empregada. Para tanto, apresenta-se um estudo de caso de práticas em torno da Comunicação Não-Violenta na cidade de Porto Alegre.

Palavras-chaves: Convivialidade; Ivan Illich; Ferramenta; Decrescimento; Comunicação Não-Violenta

ABSTRACT

Ivan Illich's (1926-2002) *oeuvre* presents important contributions for understanding modernity. In industrial societies, obligatory consumption of goods or services generates counterproductivity by technical necessity. This occurs by the strangulation of the autonomous (convivial) sphere of production in an imbalance that renders the heteronomous (industrial) sphere predominant. These excesses occur through the tools that are employed in societies and the mental topography that defines a general tendency, which is defined in a socio-historical manner, of the relation between people and such tools. Tool is every mean through which people express their ends. Currently, there is a tendency of reversal in the man-tool relationship, which fosters a new mental topography where distality is undone and replaced by systems-thinking, making conviviality difficult or impossible. An attempt to evaluate the mythopoetic character of organizational procedure under the concept of organizational tool is presented. Inspired in the current Degrowth debate, an evaluation of the relation's character fostered by an organizational tool is made, seeking to cultivate critical awareness of the symbolic power of modern technology, accounting for the environment and conditions in which such tool is employed. A case study of practices in Non-Violent Communication in the city of Porto Alegre, Brazil, is presented.

Keywords: Conviviality; Ivan Illich; Tool; Degrowth; Non-Violent Communication

Lista de Ilustrações

Figura 1: (CROALL; RANKIN, 1981, p.47).....	7
Figura 2: Fonte: (KERSCHNER et al., 2018, p.9). Nuvem de palavras de frequências de citação de autores individuais nos textos abordados no artigo.....	40
Figura 3: Matriz de Tecnologias Conviviais. (VETTER, 2017). Tradução livre.....	76

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CIDOC	Centro Intercultural de Documentação – Cuernavaca, México
CNV	Comunicação Não-Violenta
CNVC	Centro pela Comunicação Não-Violenta (EUA)
DIY	<i>Do It Yourself</i> ou Faça-você-mesma(o)
EUA	Estados Unidos da América
MIT	Instituto de Tecnologia de Massachusetts
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
PIB	Produto Interno Bruto
PNB	Produto Nacional Bruto
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SUS	Sistema Único de Saúde
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

Sumário

1. INTRODUÇÃO, OU CONTRA OS BOMBEIROS-PIROMANÍACOS.....	13
2. IVAN ILLICH: ALTERNATIVAS PARA A HUMANIDADE E SUAS FERRAMENTAS...17	17
2.1 O PENSAMENTO DE ILLICH: CRÍTICA DO INDUSTRIALISMO E A PROPOSTA DA CONVIVIALIDADE.....	18
2.2 ERA DOS SISTEMAS E A SENSIBILIDADE COMO ALTERNATIVA.....	22
2.3 SÍNTESE: CONCEITOS DE CONVIVIALIDADE E FERRAMENTA.....	29
3. AS PESQUISAS ATUAIS.....	32
4. PROBLEMA DE PESQUISA E PERCURSO METODOLÓGICO.....	43
4.1 FERRAMENTA ORGANIZACIONAL.....	43
4.2 CONSIDERAÇÕES PARA CRITÉRIOS DE ANÁLISE DA PESQUISA.....	47
4.2.1 Critérios de Análise da Ferramenta Organizacional.....	47
4.2.2 Critérios de Análise das Condições de Uso da Ferramenta Organizacional.....	48
4.3 NOTAS SOBRE MÉTODO.....	48
5. COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA.....	50
5.1 OS QUATRO COMPONENTES DA COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA.....	50
5.2 POR QUE ANALISAR A COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA?.....	53
5.3 FACETAS DA COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA.....	54
5.3.1 Vivência em CNV em um Centro Cultural.....	55
5.3.2 Grupo de Estudos de CNV.....	58
5.3.3 A CNV Institucionalizada.....	62
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
7. REFERÊNCIAS.....	69
8. ANEXO I: MATRIZ DE TECNOLOGIAS CONVIVIAIS.....	76
9. ANEXO II: ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTAS.....	77
10. ANEXO III: TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS.....	78
10.1 ENTREVISTA I.....	78
10.2 ENTREVISTA II.....	85
10.3 ENTREVISTA III.....	93
10.4 ENTREVISTA IV.....	101

1. INTRODUÇÃO, OU CONTRA OS BOMBEIROS-PIROMANÍACOS

A pesar do título, este trabalho dedica-se à leitura e apresentação das ideias de Ivan Illich, em uma aproximação exploratória, além de discutir autores que buscam ferramentas conviviais e também, por sua vez, buscá-las. A questão dos prazos e do fôlego de uma dissertação de mestrado impuseram limites às reflexões apresentadas, de forma que estes foram os passos possíveis. A apresentação da obra de Ivan Illich no capítulo seguinte destaca o conceito de convivialidade, sua ideia de ferramenta entendida como tudo aquilo pelo qual as pessoas expressam suas intenções e o embricamento sócio-histórico pelo qual passamos atualmente, o qual o autor denominou a Era dos Sistemas. Ali, espera-se avançar o entendimento de uma proposta que passaria pela destituição da religião econômica como mediadora entre o possível e o real, na qual as formas de vida possam vir a expressar-se sem ter de pagar tributo aos dogmas econômicos do crescimento e da acumulação.

Tal pensamento tem expressão, e a obra de Illich destaque, no debate do Decrescimento e sua relação com a tecnologia, conforme discutido no capítulo 3, que busca ressaltar a obra de outras(os) pesquisadoras(es) que se propuseram a pensar ferramentas conviviais. Em especial, as reflexões acerca de *tecnologias conviviais* de Vetter (2017), ajudaram a formular ideia de ferramenta organizacional (convivial ou não) enquanto categoria de análise; a ideia de *espaço convivial* de Bradley (2016) foi fundamental no entendimento da importância cabal do ambiente para a configuração ou não da convivialidade; além das críticas e proposições de Samerski (2016) que ajudaram no entendimento da obra de Ivan Illich e a balizar as reflexões em torno da questão dos efeitos desincorporantes das tecnologias e da teoria dos sistemas.

No capítulo 4 é apresentada a proposta conceitual da ferramenta organizacional convivial como componente organizacional que pode operar a passagem do campo industrial/manipulativo para a convivialidade e ajudar a frear a tendência geral da topografia mental cibernética. Esta proposta conceitual busca delinear categorias para análise organizacional embasada no pensamento de Illich, delimitando o que seria uma ferramenta organizacional e seu caráter convivial ou manipulativo.

No capítulo 5 é apresentado um estudo de caso tomando as ferramentas embasadas na Comunicação Não-Violenta como exemplos de ferramentas organizacionais. A obra de Illich analisa a linguagem e suas interações nas relações sociais, bem como destaca a necessidade de atenção *incarnada* no trato interpessoal para que haja convivialidade, contrastando com uma simples interface maquínica (e. g. ILLICH, 1976b; ILLICH, 2002). A Comunicação Não-Violenta ressalta estes aspectos e que se volte as atenções à experiência corporal, ajudando nas reflexões sobre o que

seriam conversas e interações humanas sob os pressupostos da convivialidade, além da óbvia intersubjetividade necessária a uma linguagem.

Por fim, no capítulo 6 são expostas algumas reflexões a partir do que se encontrou ao longo do presente trabalho. Dentre elas, aponta-se a impossibilidade da Comunicação Não-Violenta em um ambiente organizacional, dado que esta é plenamente contingente e seus princípios de operação não estão livres de um contexto. Uma ferramenta organizacional depende de seu ambiente e de relações preestabelecidas que condicionam seu caráter quanto à convivialidade.

A ideia da pesquisa parte de uma inquietação com relação à questão ambiental e a noção de que as consequências da degradação do ambiente por parte das pressões do modo de vida industrial e urbano se agravarão de forma a impor dificuldades cada vez maiores à reprodução não só de si mas de todos os modos de vida nas próximas décadas. Ao longo de minha trajetória esta noção esteve presente. Quando criança, gostava de assistir a documentários sobre o comportamento de diferentes espécies de animais selvagens, que sempre vinham acompanhados de dados sobre ameaças de extinção. Com o passar dos anos, foi-se constituindo uma intuição em nível não elaborado racionalmente – quase que visceral – de que o modo de vida exercido por mim e à minha volta é construído a partir de relações de força e de equívocos, estando aquém do que seria possível caso houvesse um ordenamento racional e que levasse em conta os interesses de todos seres envolvidos, a partir de relações (mais) simétricas. Tal sentimento não era compartilhado por ninguém à minha volta, ou assim me parecia. Com o passar dos anos, na juventude e entrando na vida adulta encontrei refúgio no contato com literatura a respeito dos problemas sociais e ambientais, o que permitiu um melhor entendimento das questões que carregava comigo e aos poucos me foi abrindo portas, tanto internamente como para a convivência com pessoas com vivências e cosmovisões distintas daquelas às quais eu cresci interagindo – e que em grande medida também me habita(va)m.

Quando de minha graduação, que coincide com o processo mencionado de passagem à vida adulta e a “descoberta” de outros modos de ser possíveis, resultou claro que grande parte do projeto de vida para o qual minha trajetória apontava nunca viria a materializar-se: eu não seria um burocrata, um empresário, não sonharia com trocar de carro rotineiramente, não participaria da produção de comerciais de margarina nem tiraria *selfies* com policiais militares, fardando a camiseta da seleção brasileira de futebol. E isto porque o que felizmente é lugar-comum para muitos foi-se desvelando também para mim: nada do que foi descrito é neutro, estes desejos são oriundos de um contexto histórico, o modo como a sociedade em que vivo está organizada é baseado no uso da força e usa desmedidamente dos recursos terrestres de modo a exauri-los, causando extinções massivas de espécies e impondo uma vida infernal à outras, e há muitas outras pessoas que

pensaram e pensam a respeito disto, agiram e agem no sentido de mudar estas situações. E acontece que a ciência ocupa um lugar de destaque no debate público e na decisão de como se ordenará a sociedade e o uso das tecnologias. Portanto, longe da tradição positivista que fundou as ciências sociais e que impera sobre as áreas funcionais da administração, atuando sob o pressuposto de uma neutralidade da ciência, faz sentido a mim contribuir para uma reflexão crítica, que venha a ajudar a pensar os caminhos sociais percorridos e por vir. Ocorre que, como disse Castoriadis:

[...] a ecologia não é somente um problema de relações sociais, de ser humano a ser humano; é o problema do ser humano com a natureza e com os outros seres humanos. [...] Nesta relação do homem com a natureza instauram-se relações sociais e as duas se condicionam. (CASTORIADIS; COHN-BENDIT, 1981, p.82).

Falar da questão ambiental é falar de relações sociais e modos de vida, é pensar a(s) sociedade(s).

Parece ser ponto pacífico, da direita à (certas) esquerda(s), que a sociedade deve buscar o crescimento econômico indefinidamente – tendo sido a retomada deste repetidamente posta como objetivo pelo governo Temer (*e. g.* PORTAL PLANALTO, 2017); o economista Thomas Piketty, na mesma entrevista ao jornal Correio do Povo em que reconhece o problema do aquecimento global declara que “o nível de desigualdade no Brasil é um obstáculo para o crescimento” (SILVA, 2017). Bolsonaro (2017) sonha com um “Vale do Nióbio” como um paralelo brasileiro ao Vale do Silício, que acrescenta ao lamentável projeto de expansão da mineração a inacreditável concepção do Vale do Silício como um local onde se minera silício. Com este tipo de pensamento saído vitorioso das últimas eleições, hoje a região metropolitana de Porto Alegre tem a possibilidade de vir a ser vizinha da maior mina de carvão a céu aberto do país. Políticos e empresários agem como bombeiros-piromaníacos: “põem mais lenha/petróleo na fogueira, gritando muito alto que é a única maneira de apagá-la” (LATOUCHE, 2006, p.1).

No entanto, entendo que é mais razoável não gastar mais tinta com a direita – pois de lá não é possível esperar nada diferente. Em fevereiro de 2018 as fundações do PT, PCdoB, PDT, PSB e PSOL assinaram um manifesto conjunto que defende priorizar investimentos e incentivos à cadeia produtiva do petróleo, gás e biocombustíveis, fármacos e petroquímica, construção civil e agropecuária para alavancar o crescimento econômico, sem crítica aos desmatamentos e ignorando completamente a mudança climática. Posteriormente, ainda fala sobre a importância da segurança hídrica, como se não houvesse contradição entre ambos posicionamentos¹. Lula, em sua recente entrevista ao El País, discorre sobre a decepção de ver capitular o projeto de um “Brasil gigante” que tinha vindo à tona com a descoberta do pré-sal (LULA DA SILVA, 2019).

1 Manifesto chamado “Unidade para Reconstruir o Brasil” (FUNDAÇÃO MAURÍCIO GRABOIS ET AL, 2018). Agradeço ao professor Alexandre Costa da Universidade Estadual do Ceará pelos apontamentos destes posicionamentos do manifesto.

O fascismo já fora declarado como a política oficial do Antropoceno (VALENTIM, 2018). Entendo que é preciso pensar além da defesa de um nacional-desenvolvimentismo, das instituições da democracia, entender o novo contexto histórico no qual estamos nos inserindo. Este projeto busca também trazer elementos que permitam pensar estas condições. O modo de organizar a produção e a vida é ele próprio produtor de subjetivações (ou como foi chamado por Illich, “topografias mentais”) que vêm a reforçar este modo de organizar. O que vivemos hoje é um cibernético, organizado mundialmente. Este produz subjetivações que se ancoram em pressupostos econômicos do funcionamento das dinâmicas sociais, tendo o crescimento econômico como imperativo – há uma programação tecno-linguística operada para que o *status quo* se mantenha (BERARDI, 2018). Como é pensar as organizações e o organizar na era dos *memes*, da crise perpétua, da emergência climática e da vigilância de massa? Espero humildemente colaborar no avanço destas reflexões com o trabalho a seguir, embora evidentemente o conjunto do trabalho que segue é apenas *uma* resposta possível dentre os caminhos abertos por tal pergunta e que respondê-la categoricamente na esperança de haver esgotado o assunto seria risível.

2. IVAN ILLICH: ALTERNATIVAS PARA A HUMANIDADE E SUAS FERRAMENTAS

Ivan Illich (1926-2002) nasceu em Viena, filho de um diplomata da região da Dalmácia e de uma mãe judia-alemã. Fugindo do antissemitismo, sua família se muda para a Itália, onde estuda cristalografia na Universidade de Florença e desempenha um pequeno papel na resistência italiana. Em 1943 ingressa na Universidade Gregoriana do Vaticano, onde estuda teologia e filosofia. Em 1951 obtém doutoramento em história na Universidade de Salzburgo e é ordenado padre. Não querendo traçar carreira eclesiástica no interior do Vaticano, Illich parte a Nova Iorque, onde trabalhará em uma paróquia de público porto-riquenho, entre 1951 e 1956. Em 1956, assume como vice-reitor da Universidade Católica de Porto Rico, que deixa em 1960 e estabelece-se em Cuernavaca, México. Em 1961 funda o Centro Intercultural de Formação, posteriormente Centro Intercultural de Documentação (CIDOC), onde sobretudo trabalhava-se o (e em oposição ao) tema do desenvolvimento. Pela tendência do CIDOC, Illich teve problemas com o Vaticano que o levaram a abandonar sua função de sacerdote em 1969² (ESPEJO, 2008; CAYLEY; ILLICH; KENNEDY, 2003; CAYLEY, 2005). Na década de 1970, Illich publica os livros que o tornaram famoso, realizando uma crítica à sociedade de maneira distinta da teoria crítica da Escola de Frankfurt. Erich Fromm (1976), seu amigo pessoal e pertencente à esta última, denominou a crítica illichiana de “radicalismo humanístico”, conceituando “radicalismo” como uma maneira de ver a qual duvida-se de “tudo”, examina-se criticamente os pressupostos e instituições – uma “dúvida radical”, orientada pelo conhecimento da dinâmica da natureza humana e interessada pelo desenvolvimento e desdobramento do homem (FROMM, 1976).

Agamben (2013), argumenta que talvez esteja chegada para a obra de Illich do que Walter Benjamin chamara “hora de legibilidade”, e de lê-la de modo novo, pois se a filosofia implica uma interrogação da humanidade e da não-humanidade, a obra de Illich é genuinamente filosófica, como sua arqueologia, que desenvolvera de maneira independente da de Foucault. O autor salienta ainda a presente preocupação com fatores que ameaçam a humanidade do homem, a condição de precisar, não entendida biologicamente, senão que através das práticas imemoriais através das quais a vida se torna possível, a dimensão que Illich chamara “convivialidade”³ - aglutinação dos termos *convivium* (banquete), *bonum vitae* (boa vida) e *con-vivere* (viver juntos) (VÉRAN; VANDENBERGHE, 2016). A especificidade de sua crítica está na indagação das modalidades pelas quais se passou do extra-histórico ao histórico e do teológico ao profano – como as noções cristãs de amor, liberdade e contingência que são transferidas aos serviços, ao Estado e à ciência e produzindo o contrário do

2 Para uma aproximação riquíssima da vida e obra de Ivan Illich até sua renúncia enquanto parte do clero, em língua portuguesa, ver a dissertação de mestrado de Leão Neto (2017).

3 Por vezes traduzido à língua portuguesa como “convivencialidade”.

que eram em sua origem (AGAMBEN, 2013). Illich passara o restante de sua vida entre sua casa em Cuernavaca, e trabalhando como professor convidado, entre outras, na Universidade da Pensilvânia, EUA, e na Universidade de Bremen, Alemanha, cidade onde falecera (ESPEJO, 2008).

2.1 O PENSAMENTO DE ILLICH: CRÍTICA DO INDUSTRIALISMO E A PROPOSTA DA CONVIVIALIDADE

No início da década de 1970, as empresas automobilísticas Ford, Fiat e Volkswagen financiaram o Clube de Roma para “profetizar” limites ao crescimento. Em seguida, muito foi discutido com relação a limites físicos dos recursos do planeta. Pareceu a Ivan Illich (1981) necessário argumentar sobre limites análogos no setor de serviços – o que tentara fazer com seu livro “Sociedade Sem Escolas” (ILLICH, [1970] 2018). Neste, seu argumento era de que esta instituição serve sobretudo para legitimar a hierarquia social e fazer com que os alunos confundam “ensino com aprendizagem, obtenção de graus com educação, diploma com competência, fluência no falar com capacidade de dizer algo novo. Sua imaginação é ‘escolarizada’ a aceitar serviço em vez de valor” (ILLICH, 2018, p. 11). Em suas publicações da década de 1970, o autor aplica os princípios de análise utilizados para a escola para outras instituições da sociedade (ILLICH, [1973] 1976c), bem como avalia outras mais especificamente, como a medicina (ILLICH, 1975), o transporte (ILLICH, [1973] 2005) e a Igreja (ILLICH, [1970] 1976).

Com o crescimento econômico, a capacidade de agir com orientação a valores de uso no ambiente é arruinada, à medida que ferramentas eficientes demais passam a ser utilizadas. No lugar do que as pessoas costumavam fazer por si mesmas, são postas coisas que as pessoas passam a receber prontas, o que acaba por constituir o que o Illich (1976c) chamou de “monopólio radical”. Este é o domínio de um tipo de produto industrial, não de uma empresa – e este produto industrial exerce controle exclusivo sobre a satisfação de uma necessidade e exclui as atividades não-industriais da competição. O monopólio radical impõe um consumo obrigatório e restringe a autonomia das pessoas, constitui uma forma de controle social ao obrigar o consumo de algo que apenas grandes instituições podem prover. Não apenas se fecham as alternativas com monopólios, mas também o consumo de produtos industriais privilegia aqueles que mais consomem estes mesmos produtos: é necessário atravessar a autoestrada em um automóvel para acessar o aeroporto; mais de uma década de escolarização é necessária para acessar a universidade – o que leva a uma polarização social, concomitantemente com um crescente estigma àquelas pessoas que não tiveram acesso a tal consumo – uma casa construída pelos próprios moradores, com a chegada de habitações certificadas por profissionais passa a ser “irregular”, às pessoas que possuem apenas o conhecimento ancestral, que não foi aprendido na escola são negadas as mais diversas

oportunidades – é um desvalor necessário à chegada dos produtos industriais, que Illich denominara “modernização da pobreza” (ILLICH, 1977).

Cada um dos produtos industriais é resultado de uma forma de produção cara em capital investido, seja em material ou em saber. “Cada um desses produtos concorre com um valor de uso que as pessoas desfrutaram sempre de maneira autônoma” (ILLICH, 1975, p. 66). Os bens produzidos autonomamente – por natureza, impossíveis de ser alienados em um mercado, produzidos para venda e que não aparecem no PIB – na maior parte do tempo não são atividades feitas por dinheiro e na maioria das vezes não podem ser. Esta esfera de produção até pouquíssimo tempo atrás era a predominante para toda a humanidade, “somente os militares, os bandidos e os mendigos obtinham toda a alimentação do mercado, seja por compras, por roubo ou por esmolas” (ILLICH, 1975, p. 67). Assim, duas formas de produção desde o neolítico concorrem entre si para a realização de objetivos sociais maiores, as formas de produção autônoma e heteronômica.

Em nossa era estas esferas entram em conflito. Nas sociedades pré-industriais havia níveis de equidade e autonomia inimagináveis na sociedade industrial, sem negar que houvesse exploração ou ineficácia. A intenção do autor é estudar o estrangulamento da forma autônoma de produção pelo avanço da heteronômica, sem demonizar o industrialismo: “sem dúvida o produto industrial pode tornar a ação mais eficaz e o autor mais independente. É o caso das bicicletas, dos livros e dos antibióticos, que além disso podem ser produzidos mais eficazmente de uma forma industrial.” (ILLICH, 1975, p. 83). Há uma noção, portanto, de que é possível haver uma sinergia entre ambas formas de produção, no entanto, percebe-se um desequilíbrio em favor do modo heteronômico, que leva a produção total a uma contraprodutividade, quando determinados limiares de produção sejam ultrapassados. Há uma inadequação nos instrumentos oficiais de medida de produção (de então e de hoje), pois “quando a forma industrial de produção se desenvolve numa determinada sociedade, os instrumentos dominantes colocados para medir seu crescimento ignoram de saída os valores produzidos pela forma autônoma” (ILLICH, 1975, p. 69).

O custo real de uma mercadoria é sistematicamente transferido a outras, de modo a não refletir em seu preço. É o que os economistas chamam de externalidade.

O preço pago por um consumidor para percorrer um quilômetro pode ser *grosso modo* o mesmo quer o faça pela estrada ou pelos ares, enquanto que o verdadeiro custo social e ecológico está em estreita correlação com a velocidade máxima do veículo utilizado. Os aluguéis em subúrbios ou no centro de uma cidade podem variar apenas de 1 para 2, mas os impostos para financiar os meios que tornam acessíveis apartamentos melhor ou pior situados mantêm uma relação consideravelmente superior. A educação, os transportes e a medicina de qualidade superior comportam-se como mercadorias, mas somente na proporção de seu custo que, como a parte visível de um *iceberg*, aparece no mercado e nas contas dos planejadores. (ILLICH, 1975, p. 79-80, *itálicos no original*).

A contraprodutividade se dá além das externalidades. A chamada “contraprodutividade global” é o conjunto de diversos fatores. Em sua base está o fenômeno da inflação, os desperdícios e os supérfluos – que criam as razões de ser dos hospitais, da polícia e da justiça, entre outros. As atividades de um restaurante podem produzir boa comida, mas não dão conta de limpar o sistema de esgoto ou tratar o lixo produzido. Em segundo lugar está a anulação de uma produção heteronômica específica de uma instituição, por congestionamento causado pelo seu próprio produto. Quanto mais veículos são fabricados, mais tornam-se cronófagos, a circulação consome mais espaço do que reduz, é uma forma “específica da instituição, que se opõe diretamente ao seu desígnio e que por definição não pode ser compensada por outra instituição” (ILLICH, 1975, p. 87) – é a contraprodutividade específica interna de cada setor. Em terceiro lugar está a expropriação do poder de ação pessoal através do crescimento da produção heteronômica – torna-se impossível locomover-se a pé em um mundo desenhado para os carros, a atividade médica impede a autorregulação dos organismos – é a contraprodutividade paradoxal. O conjunto de externalidades, contraprodutividade específica e contraprodutividade paradoxal compõem a contraprodutividade global (ILLICH, 1975).

No início da década de 1970, Illich propunha o controle político das ferramentas utilizadas pela sociedade, na esperança de impedir a ascensão daquilo que Prestes Motta (1986) denominou ‘tecnoburocracia’. Ferramenta é um termo aqui entendido de maneira ampla, abarcando utensílios simples como martelos, furadeiras etc. além de grandes máquinas como carros e as máquinas que fabricam suas peças, instituições produtivas como fábricas que produzem mercadorias tangíveis como pneus e corrente elétrica e sistemas produtivos que produzem bens intangíveis como “conhecimento”, “saúde” ou “decisões”. Portanto, os gestores das maiores ferramentas – nações, corporações, partidos, movimentos estruturados, profissões – detêm poder ao manipular tais estruturas que são orientadas ao crescimento, fazendo decisões altamente impactantes: podem criar novas demandas para os produtos de suas ferramentas e novos rótulos sociais que os abarquem. Não têm, no entanto, o poder de reverter a estrutura básica dos arranjos institucionais que gerem (ILLICH, 1976c). Todo aspecto das sociedades industriais tornou-se parte de um sistema larval que aumenta a produção e a demanda necessária para justificar o custo social total – assim sendo, críticas à má gestão, desonestidade oficial ou falta de pesquisas caracterizam distrações à questão que conta: a avaliação minuciosa da estrutura básica das ferramentas empregadas como meios (ILLICH, 1976c). Samerski (2016) chama a atenção para o fato de que rotular apressadamente Illich como um “determinista tecnológico” é equivocado, posto que ele próprio estudara a construção social de fatos científicos e artefatos tecnológicos, ele certamente não entendia a sociedade tecnológica como um produto inevitável da evolução tecnológica, mas como uma relação formada

histórica e culturalmente entre a humanidade e suas ferramentas. “Simplesmente não existe o chamado ‘imperativo tecnológico’. [...] As instituições que moldam socialmente o tráfego acelerado e a gestão da saúde mental não são, de maneira alguma, resultados necessários de sua existência.” (ILLICH, 1978).

A partir da reflexão de Illich, o termo “convivialidade” assumiu amplamente o significado da capacidade da parte de uma coletividade humana de desenvolver um intercâmbio harmonioso entre os indivíduos e os grupos que a compõem e a capacidade de acolher aquilo que é estranho à tal coletividade (LATOUCHE, 2008). Illich propunha a noção de subsistência moderna para designar

[...] o estilo de vida prevalecente numa economia pós-industrial na qual o indivíduo conseguiu reduzir sua dependência do mercado e o fez protegendo — mediante a utilização de meios políticos — uma infraestrutura social na qual se usam técnicas e ferramentas principalmente para gerar valores de uso que não são medidos nem medíveis pelos fabricantes profissionais de necessidades. (ILLICH, 1978, p. 63)

“Convivialidade” também é definida como o contrário da produtividade industrial. É a relação autônoma e criativa das pessoas entre si e entre seu ambiente, que difere de respostas de pessoas à necessidades programadas por outrem ou por um ambiente criado pelo ser humano.⁴

A hipótese é que se a convivialidade é reduzida abaixo de determinado ponto, em dada sociedade, nenhum nível de produtividade industrial é capaz de sanar as necessidades que cria (ILLICH, 1976c). “Ferramentas fomentam a convivialidade conquanto podem ser facilmente utilizadas, por qualquer pessoa, tão frequente ou esporadicamente quanto desejado, para a realização de um propósito escolhido pela(o) usuária(o).” (ILLICH, 1973, p. 22, tradução livre)⁵. O uso de tais ferramentas também não impedem o uso por outrem, nem requerem nenhum certificado para uso, nem sua existência implica na obrigatoriedade de seu uso – permitem que a usuária expresse sua intenção através da ação. Uma sociedade convivial daria às pessoas a possibilidade de exercer suas atividades de maneira mais autônoma e criativa, com a ajuda de ferramentas menos

4 Deleuze e Guattari (2011, p. 526) classificaram uma sociedade convival como desejante e não-edipiana. Entendendo que nossas relações com as máquinas não são nem de invenção nem de imitação, mas de povoamento de máquinas sociais técnicas por máquinas desejantes, aquelas como aglomerados determinados socio-historicamente destas, que constituem a relação ou comunicação entre máquina e homem. Para os autores, uma sociedade convivial implicaria a destruição da monopolização do saber e do monopólio profissional, com o direito de cada um utilizar os meios de produção, em vez de coletivizá-los, “a mais extensiva utilização das máquinas pelo maior número possível de pessoas [...] a venda exclusiva de elementos maquínicos que devem ser congregados pelos próprios usuários-produtores e por quem as utiliza”. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 526-527).

5 Na versão em língua portuguesa, lê-se: “A ferramenta é convivencial na medida em que cada um puder utilizá-la sem dificuldade, tão amiúde ou tão raramente quanto o deseje, para os fins que o próprio determine.” (ILLICH, 1976c, p. 39). O oposto de ferramenta convivial (ou convivencial) é a ferramenta industrial ou manipulativa. Não confundir com outra tipologia também apresentada por Illich, de ferramentas *maneáveis* (*hand tools*) e *manipuláveis* (*power tools*). As maneáveis adaptam a energia metabólica a uma tarefa específica enquanto as manipuláveis são movidas, ao menos em parte, por uma energia exterior. Não nos aprofundaremos nesta segunda distinção e em suas implicações à convivialidade no presente trabalho.

controláveis por outrem (ILLICH, 1976c). O argumento illichiano não é moral: trata-se de constatar que após determinado limiar, as instituições são ineficazes (ESPEJO, 2008).

2.2 ERA DOS SISTEMAS E A SENSIBILIDADE COMO ALTERNATIVA

Illich tinha a esperança de que seus ensaios abrissem caminho para um controle político das ferramentas. Na década de 1990, no entanto, já não acreditava que decisões políticas fossem reverter o processo de desequilíbrio da escalada industrial, ao identificar uma mudança de época para a “Era dos Sistemas” (SAMERSKI, 2016). Pela década de 1980, Illich começara a ver uma mudança com relação às questões tratadas em suas obras anteriores. Ao falar das pessoas que passaram a se considerar consumidoras e produtoras de conhecimento, portadoras de direito a atendimento médico, necessitadas de transporte em um assento de automóvel até um supermercado etc., ainda, de certa forma, os tratava como “cidadãos”, já que poderiam reconhecer seus privilégios e agir para disseminá-los aos demais. Mas se as pessoas elas próprias fossem engolidas pelo mundo concebido como sistema, os termos do debate, como “direitos” e “necessidades”, cessavam de ser efetivos. Tudo que se pode esperar neste caso são correções de erros e maior eficiência no ajuste de entradas e saídas do sistema. Engolida pelo sistema, a pessoa concebe a si mesma como um subsistema, frequentemente um sistema imunológico – aquele que se autorregula apesar de mudanças nas condições ambientais⁶ (ILLICH em CAYLEY, 2005).

Illich passa a publicar diversos estudos arqueológicos sobre a gênese do período no qual a metáfora utilizada pelas pessoas para si mesmas, nas sociedades ocidentais, era o texto, buscando demonstrar o caráter sócio-histórico deste, possibilitando, assim, argumentar que estava chegando ao fim, com o início da Era dos Sistemas. Expõe que desde a criação do alfabeto e sua utilização na Grécia Antiga até a Alta Idade Média o texto não era entendido da mesma forma que passa a se formar a partir da Baixa Idade Média, com o que chamou de alfabetização da mente popular (ILLICH; SANDERS, 1988) ou de alfabetização laica (ILLICH, 1990), havendo um abismo epistemológico (*epistemological chasm*) entre as épocas.

A partir da Baixa Idade Média a leitura silenciosa do texto com o advento dos espaços entre as palavras escritas e a popularização do papel, por exemplo, foram fenômenos que levaram à mudanças na linguagem e à criação de conceitos e metáforas utilizadas no entendimento do mundo,

6 A crítica aqui foca na introjeção dos papéis cibernéticos sociais pelos indivíduos. O sistema funcional, enquanto uma grande população coordenada e administrada, incorpora a vida em todos aspectos – transforma-se o corpo em informação, em um mar de memória infinita. O corpo, enquanto *locus* da experiência se dá na relação entre carne e contexto. Na era dos sistemas, internalizamos o profissional e incorporamos a opinião médica no cotidiano, gerando um corpo administrável, produzível, moldável, estando a pessoa encarnada no interesse do sistema apenas enquanto membro de uma população governável, com crescente necessidade de autovigilância e controle.

levando à mudanças no espaço mental popular. Nesta época as línguas vernáculas passam a ser registradas pela primeira vez – com a primeira gramática de uma língua vernácula (a *Gramática Castellana*) sendo publicada em 1492, sob o argumento de que era necessário controlar a “língua solta e fora de regra”, fazendo com o que o castelhano passasse de uma língua falada a uma linguagem que registra o discurso, tal qual apenas as linguagens sacras eram tidas até então: latim, grego e hebraico. Nesta época a Coroa Espanhola estava mudando a concepção de governo, de uma maquinaria que garante a execução do que é proferido pelo monarca para uma que prepara textos para sua assinatura – o Estado burocrático tomava forma (ILLICH; SANDERS, 1988, p. 65) e a língua-mãe passava do campo vernáculo às razões de Estado – nascia o fenômeno da *língua-mãe ensinada*.

A própria ideia de *self* vem à tona nesta topografia mental⁷.

A própria ideia do eu [*self*] que continua a brilhar em pensamento ou memória, ocasionalmente recuperada e examinada à luz do dia, não pode existir sem o texto. Onde não há alfabeto, não pode haver nem a memória concebida como um armazém nem o “eu” [*I*] como seu guarda escolhido. Com o alfabeto, ambos texto e eu [*self*] tornaram-se possíveis, mas apenas devagar, e tornaram-se o construto social no qual encontramos todas nossas percepções enquanto pessoas letradas. (ILLICH, SANDERS; 1988, p. 72, tradução livre⁸).

As noções de mentira e de autoria também vêm à tona com esta topografia mental. Isto porque havendo um texto interno ao *self* existe a possibilidade de análise crítica e de contradição argumentativa, isto é, a capacidade de *pensar* sobre um problema através da prosa argumentativa – o que é o oposto da leitura contemplativa, da *lectio divina* dos mosteiros da Alta Idade Média (ver ILLICH, 1993). Ao mesmo momento, torna-se possível separar o pensado (no interior do *self*) e o dito, que passa a ser entendido como imanente do próprio *self*, e não contingente à vontade divina. Não por acaso os juramentos perante Deus (como no casamento) e perante os tribunais passam a ocorrer nesta época, com o emprego de métodos de tortura como formas institucionais de verificar se o texto interno confere com o texto proferido (ILLICH em CAYLEY, 2005). A verdade passa a estar na certificação através da palavra e a História a consistir em fatos socialmente construídos através de narrativas. O distal entre usuário e ferramenta vem à tona neste espaço mental. “A pessoa que aprendeu a ler e a escrever está certa de que a palavra pode ser congelada, que o lembrar pode

7 Michel Foucault (2011) chegara a conclusões semelhantes. Destacadamente, fala da verbalização confessional cristã na Idade Média como meio de revelação da verdade de si, de uma hermenêutica de si, “a abertura do sujeito como campo de interpretação indefinida”. (FOUCAULT, 2011, p. 185).

8 The idea of a self that continues to glimmer in thought or memory, occasionally retrieved and examined in the light of day, cannot exist without the text. Where there is no alphabet, there can neither be a memory conceived as a storehouse nor the "I" as its appointed watchman. With the alphabet both text and self became possible, but only slowly, and they became the social construct on which we found all our perceptions as literate people.

ser arquivado e reencontrado, que os segredos podem ser gravados na alma e por conseguinte revelados, que a experiência pode ser descrita.” (ILLICH, 1990, p. 12, tradução livre).

A partir da década de 1980, Illich postulava que a humanidade saía da Era das Ferramentas, na qual a metáfora central era o texto, para entrar na Era dos Sistemas. Várias instituições, principalmente aquelas que se propõem a fornecer serviços sociais, perderam sua identidade – sistemas de educação e saúde integraram-se ao sistemas militar e econômico, entre outros (ILLICH, 1995). Os carros cada vez mais tornam-se programas (ou *software*) para um equipamento (*hardware*) de autoestradas e estacionamentos⁹. Illich identifica o início da Era das Ferramentas junto ao texto, com o advento da *causa instrumentalis* – uma causa sem intenção - como uma subcategoria da noção aristotélica da *causa efficiens*¹⁰. Esta noção abriu caminho para haver uma separação entre agente, ou usuária e seu meio, sua ferramenta, esta última como uma forma para expressar suas intenções, uma *distalidade*. Quando o mundo passa a ser concebido como um ecossistema e as pessoas como sistemas imunológicos, já não se pensa em termos de causalidade, mas de análise de sistemas – a distalidade se desfaz (ILLICH em CAYLEY, 2005). Médicos não mais escutam os sentimentos de seus pacientes, não mais buscam uma *anamnese*¹¹ (*ana* – trazer de novo, *mnesis* - memória) – que por definição tem por base aquilo que a pessoa sente, mas são profissionais treinados no funcionamento de determinados subsistemas do corpo humano, os quais concebem abstratamente. A etiologia não mais refere-se à uma causa específica, mas a uma hierarquia de ciclos contínuos de retroalimentação. O paciente é agora uma “vida” que emerge de genes para uma ecologia. As vidas são geridas, e a otimização comanda (ILLICH, 1995). A sociogênese do corpo em um pensamento de sistemas *desincorpora* a percepção das pessoas sobre si mesmas – da medicina que objetificava as pessoas, passa-se a engendrar pessoas que objetificam a si mesmas, a pensar em si mesmas como “produtoras” de seus corpos, como parte do texto cibernético da sociedade (ILLICH, 1986). Há uma inversão na relação homem-ferramenta.

Já na década de 1970, Illich afirmava que a industrialização estava operando mudanças na linguagem das sociedades nas quais ocorria. O aumento das palavras dirigidas às pessoas como elementos indiferenciados em uma multidão representava uma novidade e “o que acontece com o idioma se tornou paradigmático para uma ampla gama de relações entre necessidade e satisfação

9 Afirmação que está por ser coroada com a introdução dos chamados “carros autônomos”, que não necessitam de motorista.

10 Causa, em Aristóteles, tem quatro subdivisões: *causa efficiens*, a razão ou motivo de uma ocorrência; *causa materialis*, o caráter da matéria de qual algo é feito; *causa formalis*, a alma ou plano genético de algo e *causa finalis*, a razão de ser. *Scientia*, no primeiro milênio cristão, consistia em entender o que as coisas são sob a luz desta estrutura quádrupla (ILLICH em CAYLEY, 2005).

11 Evidentemente, a ideia de anamnese difere bastante da ferramenta que é utilizada sob este nome nos serviços do SUS, no Brasil. Aprofundamentos com relação a isto especificamente, porém, fogem do escopo deste trabalho.

[...]”, o autor buscava “insistir no papel oculto que as profissões numa sociedade desse tipo desempenham ao modelar suas necessidades” (ILLICH, 1978, p. 3). Argumentava que o processo passava pelas necessidades das pessoas serem definidas por especialistas diplomados publicamente e que isso acarretaria conseqüentemente em uma expropriação da vida. Illich falara de uma *metamorfose das necessidades*, tendo a linguagem sido alvo de uma contaminação por jargões burocráticos e profissionais que impedia a análise da relação de dependência sendo criada entre profissionais e sociedade, do atrelamento da satisfação de necessidades ao consumo de mercadorias. Aponta que “necessitar” passara de um verbo para um substantivo muito recentemente - houve um processo de transformar expressões de experiências pessoais em questões técnicas – as pessoas *tornaram-se* necessitadas. As necessidades, sendo criadas por *slogans* profissionais, atrofiam a capacidade das pessoas de expressar e especificar quais são seus desejos – o consumidor substitui as necessidades sentidas pelas aprendidas. Por isso clamou por uma redescoberta da linguagem – enquanto ainda entendia que meios políticos eram uma alternativa viável.

A linguagem, nas regiões industrializadas, passara a identificar os frutos do trabalho criativo com os resultados da indústria. Houve uma mudança funcional de verbos para substantivos – as pessoas não trabalham, mas *têm trabalho*, não aprendem, mas *têm estudo*. Em língua inglesa, não se faz mas se “tem” inclusive sexo. Onde a linguagem passou por esta mudança, pedidos e reivindicações tendem a ser postos em termos de competição por recursos escassos. A pessoa que se coloca com a vontade de caminhar se coloca como atriz de suas ações, a que pede por transporte, como uma consumidora. Assim, a ideia seria de recuperar a função convivial da linguagem:

A linguagem que é usada pelo povo conjuntamente para reivindicar e afirmar o direito de cada pessoa de partilhar na conformação da comunidade se torna, por assim dizer, uma ferramenta de segunda ordem para clarificar as relações do povo com instrumentalidades engenhadas. (ILLICH, 1973, p.106, tradução livre).¹²

Já em sua velhice, Illich afirmara que a linguagem era, acima de tudo ameaçada pela virtualidade cada vez mais dominante da manipulação visual dos pensamentos – afirmara uma necessidade de defender os sentidos de serem puxados para que não passasse a conceber a si próprio como um *homo transportandus* ou *homo educandus* (CAYLEY, 2005).

Na Era dos Sistemas também são observáveis mudanças na linguagem. Illich e Sanders (1988) apontam para a disseminação na linguagem corrente de um tipo especial de palavras, que chamaram *palavras-ameba*. Estas têm ao menos três campos de uso – os autores utilizam a palavra

¹² Na versão em língua portuguesa, lê-se: “Se não acedemos a um novo grau de consciência, que nos permita reencontrar a função convivial da linguagem, jamais chegaremos a inverter este processo de industrialização do homem. Mas, se cada qual se servir da linguagem para reivindicar o seu direito à ação social em vez de ao consumo, a linguagem transformar-se-á no meio de restituir à relação do homem com a ferramenta a sua transparência.” (ILLICH, 1976c, p. 117).

“energia” para exemplificar. Tradicionalmente, significa “vigor de expressão”, como quando se faz ou diz algo “energicamente”. No século XIX, passou a ser também um termo técnico, sendo utilizado por físicos para denotar a habilidade de um corpo performar trabalho.

Pelos últimos cem anos [1888-1988], o termo foi usado em física para verbalizar uma energia alternativa crescentemente abstrata [...]. Devemos estar eternamente cômicos de que não sabemos o que estas palavras significam. Nós usamos estas palavras como as palavras das Escrituras (ILLICH; SANDERS, 1988, p. 106, tradução livre).

Em seguida, delegamos o poder de definir o significado destas palavras a uma hierarquia “expertocrática” e elas passam a “poluir” as conversas cotidianas. Pertencentes à mesma classe, estão as palavras “sexualidade”, “transporte”, “educação”, “comunicação”, “informação”, “crise”, “problema”, “solução”, “papel”, entre outras.

A linguagem corrente passa a ser tratada como se fosse possível reduzi-la a um código. Para ilustrar o argumento, Illich usa o exemplo da intuição de George Orwell (2005), que em 1948 escrevera a ficção futurista distópica “1984”, na qual a sociedade utiliza a língua inglesa como um “meio de comunicação”. Illich e Sanders (1988) entendem que Orwell tirou a ideia de tentativas reais de, através do Inglês Básico (*Basic English*), colocar uma linguagem, que havia sido criada pelo registro de sons através do alfabeto, após corrigida pela gramática, de volta à boca das pessoas em sua nova forma (ILLICH; SANDERS, 1988, p. 110). Em “1984”, o poder implícito no Estado é a razão última de tudo ocorrer, “é a história do Estado que se transformou em computador” (ILLICH, 1990, p. 34). “Orwell descreve a comunicação que ocorre após a extinção da própria linguagem. [...] criara a parábola dos seres humanos compelidos à comunicação [...] e a fazer isto sem uma linguagem humana”. (ILLICH; SANDERS, 1988, p. 111). Winston, o protagonista do romance, deve aceitar ser apenas uma unidade de mensagem de um poder sem sentido, e para isto, deve cancelar a própria identidade, traindo Júlia, seu último amor. Winston entende o que O’Brien, o agente estatal, lhe pedira para fazer: aprendera a registrar como as coisas deveriam ser e escrevê-las sem perguntar por quê, mas não aceitava fazer parte do sistema até passar pela Sala 101. Lá, para aceitar ser parte do sistema sem sentido, Winston teve que apagar sua identidade, seu *self*. mas nenhuma tortura fora capaz de fazê-lo perder seu senso comum. Para tornar-se sem sentido, Winston precisou trair Júlia, seu último amor: ao ser ameaçado com seu pior pesadelo, implorou: “façam isso a Júlia!”. Ao fazer isso, a última coisa que desejara, Winston abriu mão de sua identidade, possibilitando que se integrasse ao sistema, o solipsismo sem sentido de comunicação. (ILLICH; SANDERS, 1988, p. 115).

Illich (1992, p. 202), ao dizer-se preocupado com “manter-se acordado na era do computador”, busca contrastar o modo de autopercepção *desincorporado* que é o influenciado pelo

computador com aquele típico da mente letrada, centrada no texto. Para tanto, conta uma história de uma professora da Flórida e seu aluno, ainda na década de 1980, que já tinha um computador em casa. Quando a professora pede trabalhos aos seus alunos, eles correm aos seus computadores, os alimentam com as palavras-chave da professora, para que encontrem materiais de bancos de dados, os compilam e apresentam de volta à ela. Em uma tarde um dos alunos fica depois da aula, e conversam sobre um trabalho sobre a seca e a fome no Saara. Em determinado momento a professora o indaga: “como você se sente com relação a isso?”. Após um momento, o aluno responde: “não entendo o que queres dizer”. Para a professora – entendida como um tipo ideal – “uma afirmação é uma expressão; atrás de cada expressão há alguém que quer dizer o que diz.” (ILLICH, 1992, p. 205). Para a professora, não pode haver significado sem um sentimento de como este significado é incorporado. Para o aluno – também enquanto tipo ideal – as palavras são informações que são ordenadas, compiladas, para formar uma mensagem. O que conta é sua consistência objetiva, não sua conotação subjetiva. A professora aprendeu a equilibrar mente e corpo, espírito e carne, lógica e sentimento. O aluno é o estado perceptivo oposto, ele se separou do marasmo dos sentimentos. Se levado a sério, o estado mental do aluno pode transformar as pessoas em uma massa manipulável, moldável, que simplesmente flutua no pensamento operacional. A hipótese aqui é de que a topografia mental da Era dos Sistemas engendra uma tendência geral da atitude das pessoas com relação a suas ferramentas, fechando as portas para as possibilidades que Illich concebera na década de 1970, representando uma forte ameaça à condição humana, do precisar entendido além das necessidades biológicas, à convivialidade.

As críticas illichianas da década de 1970 mostram o que as ferramentas industriais fazem, mas estão concebidas em uma linguagem subscrita à sua lógica, usando as mesmas medidas convencionais de tempo-espaço que proponentes de tais ferramentas utilizam para fazer suas proposições – o trabalho mais tardio de Illich permite uma apreciação da alteração qualitativa do tempo e do espaço (KRÜGER; BURKHART, 2016). A estratégia seria, agora, revelar quais são estas qualidades e quais as diferenças feitas. A transformação do ambiente consiste, no caso das autoestradas, em transformar espaço discreto, vernáculo, *sui generis* em um espaço contínuo, homogêneo e comercial (ILLICH, 1985). Com o cartesianismo e o uso da técnica artística conhecida como “perspectiva linear” – e depois o uso de imagens fotográficas – o espaço passa a ser posto em um quadro impessoal, neutro com relação a quem vier a ocupá-lo (KRÜGER; BURKHART, 2016), um “espaço sem qualidade” (ILLICH, 1985). Isto traz consequências para as possibilidades que o sujeito que visualiza o mundo desta maneira tem de estabelecer relações, de ter relações face a face com outras pessoas e percebê-las como indivíduos encarnados e colocar-se em

seu lugar, há um estranhamento do mundo e do corpo experienciados a partir dos sentidos corporais (KRÜGER; BURKHART, 2016).

Uma alternativa à tal situação passa por elaborar no que Illich, em seus trabalhos mais antigos denominara “limites naturais” ou “equilíbrios naturais”, e depois utilizou o termo “proporcionalidade”. Trata-se de limiares que separam uma esfera de outra, tal como a nossa pele limita nosso corpo – uma sociedade convivial saberia reconhecer estes limiares e equilíbrios entre esferas. Illich explicitamente postulava a necessidade de recuperar o senso de proporção como pilar social para além do utilitarismo adaptativo e da administração técnica (SAMERSKI, 2016). Já não postula mais encontrar maneiras diferentes para alocar bens escassos, não procura uma economia alternativa, senão que *sair da economia*. Onde a escassez comanda, a ética é reduzida a números e à utilidade. Pressupostos econômicos, uma vez incorporados à maneira de alguém perceber a realidade e construir argumentos excluem opções éticas cujo objetivo seria o “bem” (ILLICH, 1997). Este “bem” era percebido na Grécia antiga de acordo com a “tonalidade” local, a tensão de uma mutualidade ou reciprocidade, específica de cada região, e era passada adiante através da *Paideia*, a “afinação” ao senso comum aos costumes de cada região, em *harmonias* particulares dentro da ideia de um cosmos – encaixando o macrocosmo/mundo e o microcosmo/humano. Era possível *sentir* a proporção (ILLICH, 1997). Isto, porém, fora substituído por uma educação universal e a criação da escassez. O senso de proporção tornara-se impossível, e, com o desejo “surdo”, a noção de bem é substituída pela noção de valor. Os valores podem ser positivos ou negativos e com eles, tudo pode ser transposto, a ideia de harmonia já não faz mais sentido (ILLICH, 1997, p. 164).

O ego desencarnado dessa nova era não está em relação com o ambiente à sua volta, está fora de proporção (SAMERSKI, 2016). Um sistema social construído sob a suposição de retroalimentações, de programas, de falta de distalidade entre seus subsistemas e seu funcionamento como um todo impede a feição de coisas pelo seu próprio bem, enquanto inclinação natural, que por séculos foi tido como inerente à existência, sob o termo “amor natural”.

Mesmo por muitas gerações após Newton, a chuva não era arrastada para baixo mas buscava seu lugar natural. Flores esticavam-se para cima, em direção ao Sol. Entre as pessoas, esta atração era entendida como um passo na direção da amizade e a amizade como fruto da vida civil. Todas(os) eram chamadas(os) entre si, à amizade. (ILLICH, 1997, p. 164, tradução livre).

A ideia de convivialidade é utilizada por diferentes movimentos desiludidos das promessas do progresso tecnológico (SAMERSKI, 2016). Entre eles, o movimento pelos bens comuns (*commons*) (BOLLIER, 2013), os Zapatistas no sul do México (ZALDÍVAR, 2009), entre outros.

Há, ainda, o *International Journal of Illich Studies*¹³. Os Convivialistas (2016) escrevem um manifesto – cujo primeiro esboço foi feito por Alain Caillé – na tentativa de debruçar-se sobre os problemas contemporâneos, enquadrando o principal problema na seguinte questão: “como gerir a rivalidade e a violência entre os seres humanos?” (OS CONVIVIALISTAS, 2016, p. 26). Trazem a ideia de convivialidade como “uma arte de viver juntos [...] que valorize a relação e a cooperação e permita se opor sem se massacrar, cuidando do outro e da Natureza e favorecendo a abertura cooperativa com eles” (p. 28). Em 2002 ocorre a conferência “*Défaire le développement, refaire le monde*” (Desfazer o Desenvolvimento, Refazer o Mundo), na sede da UNESCO em Lyon, França (ver LLENA ET AL, 2009), com 800 participantes, dentre eles Illich, pouco antes de seu falecimento, junto a acadêmicos críticos do desenvolvimento como Serge Latouche (KALLIS; DEMARIA; D’ALISA, 2016). A partir de então, e grandemente em torno deste último nome, a proposição teórica e política do Decrescimento passa a ganhar destaque, apresentando uma crítica ao Desenvolvimento Sustentável, e ao que Latouche chamara “colonização do imaginário”.

O Decrescimento, além de movimentos sociais na Europa ocidental, onde surgiu, suscitou grandes debates acadêmicos. A partir de 2008 são realizados colóquios internacionais bianuais a partir do coletivo acadêmico “*Research and Degrowth*”¹⁴, tendo o primeiro sido realizado com o apoio do *Sustainable Europe Research Institute*, da Sociedade Internacional de Economia Ecológica e apoio de alguns membros do Clube de Roma, como Dennis Meadows (BAYON; FLIPO; SCHNEIDER, 2011). A conferência de 2008 ocorreu em Paris e reuniu 140 cientistas de 30 diferentes países, após correram outras em Barcelona (2010), Montreal e Veneza (2012), Lúpsia (2014) e em Budapeste (2016), que contou com mais de 500 cientistas. Enquanto este trabalho fora escrito, outras três conferências ocorreram em 2018: uma em Malmö, Suécia, outra na Cidade do México, com as relações Norte-Sul como tema central e uma terceira em Bruxelas, Bélgica, organizada por dez membros do parlamento europeu¹⁵.

2.3 SÍNTESE: CONCEITOS DE CONVIVIALIDADE E FERRAMENTA

Como forma de pôr em evidência o que se quer expressar com “convivialidade”, esboça-se um pequeno resumo. “Convivialidade” é um termo advindo da aglutinação de *convivium* (banquete), *bonum vitae* (boa vida) e *con-vivere* (viver juntos) (VÉRAN; VANDENBERGHE, 2016). Através deste conceito, Illich refere-se aquilo que entendia caracterizar a humanidade, a condição de precisar entendida a partir de práticas imemoriais pelas quais a vida era viabilizada

13 Ver: <<https://journals.psu.edu/illichstudies>>. Acesso em 8 abr. 2019.

14 Sítio de *Research and Degrowth*: <<https://degrowth.org/>>. Acesso em 31 jan. 2018.

15 Mais informações sobre as conferências em: <<https://degrowth.org/conferences/>>. Acesso em 31 jan. 2018.

através do uso não mercadológico do ambiente – como através de hortas, ocupação das ruas para atividades diversas etc.

A reprodução da vida nesta forma predominantemente não mercantil, nas sociedades industriais é estrangulada por uma contraprodutividade que ocorre por uma desmedida entre as esferas autônoma (convivial) e heteronômica (industrial) de produção. “Convivialidade” também é definida como o contrário da produtividade industrial. É a relação autônoma e criativa das pessoas entre si e entre seu ambiente, que difere de respostas de pessoas à necessidades programadas por outrem. Como proposta de uma saída pós-industrial para a situação, o termo “convivialidade” assume o significado da capacidade da parte de uma coletividade humana de desenvolver um intercâmbio harmonioso entre os indivíduos e os grupos que a compõem e a capacidade de acolher aquilo que é estranho à tal coletividade (LATOUCHE, 2008).

As desmedidas entre as esferas de produção ocorrem através das ferramentas utilizadas nas sociedades e da topologia mental que definirá uma tendência geral da relação das pessoas com tais ferramentas – que é dada socio-historicamente. Ferramenta é um termo aqui entendido de maneira ampla, abarcando utensílios simples como martelos, furadeiras etc. além de grandes máquinas como carros e as máquinas que fabricam suas peças, instituições produtivas como fábricas que produzem mercadorias tangíveis como pneus e corrente elétrica e sistemas produtivos que produzem bens intangíveis como “conhecimento”, “saúde” ou “decisões”. Ferramenta é todo meio pelo qual as pessoas podem expressar seus fins.

“Ferramentas fomentam a convivialidade conquanto podem ser facilmente utilizadas, por qualquer pessoa, tão frequente ou esporadicamente quanto desejado, para a realização de um propósito escolhido pela(o) usuária(o).” (ILLICH, 1973, p. 22, tradução livre). Na sociedade industrial há uma tendência de reversão na relação homem-ferramenta. Com uma grande proporção da vida sendo reproduzida através do uso de ferramentas manipulativas, isto é, aquelas cujos fins já estão pré-determinados por outrem ou por necessidades técnicas, tais quais carros e autoestradas; escolas, hospitais – aquelas nas quais há uma intervenção remota das ações e comportamento de quem vai utilizá-las – há uma inversão nesta relação, são estas últimas que passam a determinar os fins. Esta desmedida gera uma nova topografia mental na qual a concepção que separa o homem das suas ferramentas – a *distalidade* – é apagada, e substituída por uma lógica de funcionamento de sistemas, com as pessoas elas próprias sendo entendidas como meras peças da grande ecologia sistêmica da sociedade, o que impede ou torna mais improvável a convivialidade. A proposta da

convivialidade não supõe a supressão da esfera heteronômica, mas uma proporção diferente e sinérgica entre ambas esferas e uma topografia mental distinta.

3. AS PESQUISAS ATUAIS

Com o intuito de encontrar artigos sobre o assunto na área de Estudos Organizacionais, foram realizadas pesquisas por meio do portal de periódicos CAPES¹⁶ em cada um dos 51 periódicos da área de concentração listados pela Biblioteca da Escola de Administração da UFRGS¹⁷. Destes, 8 periódicos não foram encontrados pela busca do portal de periódicos CAPES, e nos 43 restantes foram realizadas pesquisas pelo termo “*conviviality*” e, quando pertinente, pelas palavras em língua portuguesa e/ou espanhola “convivialidade”, “convivencialidade”, “*convivialidad*” e “*convivencialidad*”, sem restrições de datas. As pesquisas retornaram um total de 165 resultados, entre artigos e revisões de livros. Destes, 83 resultados são publicações de 2010 ou mais recentes, sendo 81 artigos e duas revisões de livros. Destes 81 artigos, apenas 8 apresentam a palavra “*conviviality*” em seus resumos e apenas em um a palavra consta no título. No entanto, a vasta maioria das publicações utiliza apenas a palavra em seu sentido comum, de “viver junto”, ou para designar espaços comunais (*convivial spaces*), sem a conceituação utilizada pelos autores estudados neste trabalho. A seguir, comenta-se alguns daqueles artigos com potencial interesse para os propósitos da presente pesquisa.

Sommerfeldt, Kent e Taylor (2012) discutem grupos ativistas e seus usos de *websites* e as razões destes meios não terem se apresentado como ferramentas de comunicação dialógica. Este é o único artigo encontrado no recorte da pesquisa em periódicos de Estudos Organizacionais a referir-se à ferramentas conviviais – o faz citando artigo mais antigo de dois dos mesmos autores (KENT; TAYLOR, 1998) no qual se propõe um quadro de referência para a construção de relações dialógicas através da internet, com base em trabalhos sobre comunicação dialógica de autores como Jurgen Habermas e Martin Buber. Os autores entendem a tecnologia como algo neutro, afirmando que “a tecnologia em si não pode nem criar nem destruir relações; em vez disto, é a maneira como a tecnologia é utilizada que influencia as relações organização-público” (KENT; TAYLOR, 1998, p. 324, tradução livre). O seu conceito de ferramenta convivial é atribuído a Clifford Christians, que escreve em citação direta sobre a “tecnologia convivial” ser socialmente responsável porque:

respeita a dignidade do trabalho humano, precisa de pouco treinamento especializado para ser operada, é geralmente acessível ao público, e enfatiza a satisfação pessoal e engenhosidade em seu uso. Ferramentas conviviais são dialógicas: elas mantêm um tipo de conversação em aberto com suas(eus) usuárias(os). Porque ferramentas conviviais se conformam aos desejos e propósitos de suas(eus) usuárias(os), em vez de transformar os desejos humanos para que caibam na forma das ferramentas, elas podem tornar-se verdadeiras extensões dos sujeitos humanos. (CHRISTIANS *apud* KENT; TAYLOR, 1998, p. 324, tradução livre).

16 <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>> Acesso em 13 jul. de 2018.

17 <<http://www.ufrgs.br/escoladeadministracao/wp-content/uploads/2017/07/Estudos-organizacionais-2015.pdf>> Acesso em 12 jul. 2018.

Os autores afirmam que enquanto meio dialógico a internet poderia ser vista como uma ferramenta convivial. A definição utilizada de ferramenta convivial muito provavelmente veio da obra de Illich, e comentar a relação com a comunicação dialógica não cabe no presente trabalho. O que cabe comentar é que apesar de haver uma “área cinzenta” na classificação de ferramentas como conviviais ou não, parece um grave equívoco trabalhar com o conceito de ferramenta convivial ao mesmo tempo em que se afirma haver uma neutralidade da tecnologia. Há um artigo ainda mais recente no qual Kent e Saffer (2014) analisam a relação entre novas tecnologias e relações públicas, e a palavra convivialidade aparece como atributo da tecnologia e o conceito é entendido como sinônimo de “recompensador, fácil de usar” – o que demonstra a diferença cabal com a categoria utilizada no presente trabalho.

Outras três buscas foram realizadas, também no portal de periódicos CAPES, com a finalidade de encontrar artigos recentes de outros periódicos, todas no dia 20 de Julho de 2018. Para tanto, pesquisou-se, sempre com o horizonte de tempo dos últimos dez anos, em qualquer idioma, por artigos que contivessem em seus assuntos os termos: 1. “conviviality” e “technology” (4 resultados); 2. “degrowth” e “technology” (16 resultados); 3. “Ivan Illich” e “technology” (4 resultados). Por vezes os mesmos artigos apareceram como resultado em diferentes pesquisas, de forma que se obteve 18 artigos distintos como resultado. Dentre estes, optou-se por selecionar e comentar aqueles que apresentam argumentos com os quais seja possível dialogar e avançar nas reflexões aqui pretendidas.

Bradley (2016) apresenta o caso de uma “cozinha de bicicleta” na Suécia, como uma prática análoga a restaurantes populares coletivos (no inglês *soup kitchens* – daí o jogo de palavras com “*bike kitchen*”), nos quais as pessoas reúnem recursos e esforços para saciar a fome nas suas vizinhanças. As cozinhas de bicicleta são locais nos quais se expressa uma cultura de faça-você-mesma(o) (*Do-It-Yourself*) e se compartilha conhecimentos e recursos para reparos ou montagens de bicicletas. Um dos argumentos do artigo é explorar como o uso de ferramentas conviviais pode ser fomentado através do que são chamados “espaços conviviais”, a partir da premissa de Illich (1976c) sobre a necessidade de instituições sociais que fomentem o uso dessas ferramentas. Os dados apresentados foram coletados em visitas à oficina e através de entrevistas semiestruturadas que a autora realizou com participantes da “cozinha”, visando identificar quais as razões da iniciativa ter sido empreendida, como se organiza e quem são as usuárias.

Os serviços não são fornecidos pela oficina ao público, nem se cobra pelos reparos, no lugar, a ideia é que as pessoas façam elas próprias o trabalho, sendo a oficina mesma uma ferramenta

convivial, que permite o acesso a peças e mesmo a bicicletas completas, através de uma “biblioteca de bicicletas” (BRADLEY, 2016). As cozinhas de bicicletas podem depender de trabalho voluntário, receber financiamento de algum agente externo ou não – é um conceito aberto e não há regras definidas nem instituição que detenha a autoridade para definir o que é e o que não é uma cozinha de bicicletas. O que se tem em comum é a ideia de uma oficina comunitária onde as pessoas podem reparar suas próprias bicicletas e a ausência do motivo do lucro (BRADLEY, 2016). O artigo busca ilustrar que em um contexto de decrescimento, tanto a bicicleta quanto o espaço social de uma “cozinha de bicicletas” e sua infraestrutura espacial, material e social são relevantes, enquanto exemplo do que a democratização da tecnologia pode significar na prática. As entrevistas apontam para benefícios sociais trazidos pelas práticas do espaço, como o sentido no trabalho braçal dos reparos, a ausência da pressão pela produtividade, a oportunidade de realizar atividades “úteis” (percebidas como significativas) e os encontros fomentados pelas atividades. Aponta-se ainda para a cozinha como uma economia baseada nos bens comuns, com relações par a par (*peer-to-peer*), baseada em contribuições voluntárias e objetivando criar valores de uso, estranhos aos fins lucrativos.

Vetter (2017) pergunta quais as tecnologias próprias para uma sociedade de decrescimento, se seus critérios não podem ser nem novidade nem a promessa de altos lucros. Como tal tecnologia pode ser definida e nomeada? Aponta para a existência de grupos de pessoas funiladoras, construtoras, eco-ativistas e permacultoras que publicam documentos junto ao movimento decrescentista europeu e experimentam novas tecnologias como bicicletas de carga, banheiros secos e pequenas fontes de energia eólica, por exemplo – a autora tenta sumarizar os valores éticos e critérios de desenho destes grupos sob a rubrica de “tecnologias conviviais”, uma noção mais estreita que a de ferramentas conviviais, referindo-se apenas a tecnologias em um sentido mais estrito, excluindo instituições e pondo mais ênfase na produção das tecnologias do que em seu uso. Em sua pesquisa, a partir do estudo de práticas de diferentes grupos e – após apresentar diálogos recentes das conferências do Decrescimento acerca de tecnologias – deixando clara a necessidade de afastar-se da ideia de eficiência e do *homo oeconomicus* e pondo em seu lugar a ideia de convivialidade – sugere cinco dimensões a serem avaliadas: relação, adaptabilidade, acessibilidade, biointeração e apropriação. A autora propõe uma ferramenta de análise chamada Matriz de Tecnologias Conviviais (MCT na sigla em língua inglesa - *Matrix of Convivial Technology*)¹⁸ – num esquema de vinte campos correlacionando as cinco dimensões com quatro níveis do ciclo de vida de um artefato tecnológico: materiais, manufatura, uso e infraestrutura.

18 Uma versão traduzida livremente à língua portuguesa encontra-se no Anexo I deste trabalho.

A dimensão “relação” parte do entendimento de que a formação das relações interpessoais é bastante influenciada pela tecnologia. Esta dimensão “expande a esfera da humanidade” (VETTER, 2017, p. 5, tradução livre), e cita como exemplo banheiros secos que permitem perceber a relação com os ciclos ecológicos e de ativistas de códigos abertos para quem fazer parte de uma rede acessível à qualquer pessoa é uma forte motivação, bem como a criação de redes de aprendizado entre pares. A principal questão levantada pela dimensão é: o que a tecnologia suscita entre as pessoas?

A dimensão “acessibilidade” diz respeito ao acesso a bens materiais e imateriais para a construção da tecnologia. A disponibilidade de acesso ao conhecimento que permita a tecnologia é importante em termos de direitos de propriedade (abertos), bem como a existência de documentação instrutiva. Também diz respeito à barreiras culturais: conhecimento tecnológico é normalmente um domínio masculino (VETTER, 2017), o que torna relevante a promoção de ensino sobre tecnologia à mulheres. A questão principal é: quem pode produzir ou usar a tecnologia, onde e como?

Adaptabilidade diz respeito à possibilidade de escolha quanto ao uso da tecnologia. Se não é possível abrir mão de determinada tecnologia, esta detém um monopólio radical (ver capítulo anterior deste documento). Diz respeito à independência com relação a infraestruturas estatais, a poder decidir se se quer operar independentemente ou de maneira conectada. Também concerne questões de escala, priorizando os menores tamanhos que sejam eficientes energeticamente. A questão principal é: quão independente e conectável a tecnologia é?

Quanto a bio-interação, a ideia de uma tecnologia convivial é que esta seja útil a algum ciclo ecológico, em vez de apenas não gerar danos. A autora cita inspirações como a permacultura e discussões sobre Terra Preta do Índio. A ideia é não apenas não danificar o ambiente mas também gerar um benefício, como fertilizar a terra ou limpar a água ou o ar. A principal questão com relação a esta dimensão é: como a tecnologia interage com organismos vivos?

Por fim, a questão da dimensão da apropriação é: qual a relação entre insumo (*input*) e produto (*output*) com relação ao contexto? É preciso levar a situação do contexto no qual se está inserido, considerar a disponibilidade de materiais e habilidades e então decidir se determinada tecnologia faz sentido ou não (VETTER, 2017). A relação com eficiência de tempo pode ser ambígua: levar mais tempo fazendo algo pode significar aprendizado e aumentar a moral do grupo, ou pode significar perdas. A questão da economia de tempo deve sempre ser posta em relação à natureza da atividade desenvolvida.

A Matriz de Tecnologias Conviviais é uma ferramenta de pesquisa qualitativa que permite avaliar as vantagens e desvantagens de determinada tecnologia. É possível utilizá-la na coleta de dados e para refinar a análise, ela possibilita um entendimento mais profundo do que uma dicotomia simplista entre tecnologias “boas” ou “ruins”. Pode ser aplicada preenchendo-a duas vezes, uma para o momento atual de determinado projeto, e outro para a visão do estado no qual se quer chegar. Por fim, Vetter (2017) ressalta que as dimensões da ferramenta não se referem à eficiência ou performance econômica, mas à convivialidade.

A autora aponta ainda para sua metodologia como uma “pesquisa convivial”. Isto significaria uma pesquisa engajada e colaborativa que permite à pesquisadora uma postura política e ver as(os) pesquisadas(os) como parceiras(os) no processo de aquisição de conhecimento. Utilizou métodos etnográficos, em uma pesquisa que durou de 2012 a 2016, com diferentes grupos e projetos e em diferentes cidades. As dimensões trabalhadas na ferramenta são fruto de análise de dados coletados a partir da pesquisa.

Enquanto se respeita o trabalho em sua envergadura, bem como a relevância de seu tema e sua proposição, e sem negar a sua utilidade para operacionalização e avaliação de determinados projetos, algumas questões concernentes aos seus pressupostos vêm à tona: parece perigosa a ideia de utilizar uma ferramenta que objetive a positivação das dimensões discutidas e as coloque em uma escala de classificação valorativa, à *la* escala Likert. Com a tentativa de redirecionar a tecnologia, ao expandir o escopo da análise para valores éticos, é possível que caiamos na armadilha de, ao tentar “descolonizar” o imaginário capitalista, o perpetuemos com aquilo que constitui a própria forma de pensarmos e agirmos. Não estaríamos salvando a economia, o pensamento de sistemas e o próprio projeto moderno de dominação da natureza ao manter e ampliar a mensuração e a *valoração* de cada pequeno aspecto da vida? Talvez a “relação” – para citar uma das dimensões da ferramenta, suscitada por um banheiro seco (ou qualquer que seja a tecnologia) – entre um ser humano e seu ambiente seja possível se atravessar a percepção sensorial do humano de maneira qualitativamente distinta. Talvez as tensões harmoniosas e proporcionais entre entes “dissimétricos”, para utilizar o termo de Illich (ver CAYLEY, 2005, p. 132), não possam ser reduzidas a escalas, como se cada uma fosse um extremo da outra. A intuição aqui é que a percepção do mundo nestes termos, cartesianos, já está embebida, *colonizada*, pelo imaginário do espaço contínuo e matematizado, tão bem representado pela lógica do crescimento.

Samerski (2016), que trabalhara diretamente com Ivan Illich, argui que o Decrescimento requer limites a ambas tecnologias materiais e imateriais, expondo que a literatura sobre

Decrescimento, embora unânime no entendimento de que há uma necessidade de limitação ao crescimento material, é amplamente acrítica de instituições profissionais burocráticas como escolas e hospitais. Argumenta ainda que tais limites devem estar baseados em um equilíbrio apropriado entre a subsistência vernácula e instrumentalidades engenhadas e faz o terceiro ponto de que as decisões políticas demandam o cultivo de uma consciência crítica do poder simbólico das tecnologias modernas. O artigo parte da ideia illichiana de abordar o crescimento não como resultado de determinado imperativo ou ideologia econômica mas como resultante de uma relação historicamente única da humanidade com seus instrumentos (SAMERSKI, 2016).

Argumenta que quando a literatura decrescentista discute tecnologia, mesmo utilizando o conceito de ferramentas conviviais, normalmente trata apenas de aparelhos materiais (físicos), ignorando ou perpetuando a topologia intelectual do crescimento. O foco da crítica de Samerski (2016) são os impactos sociais do crescimento, entendidos como os efeitos de paralisação e a desincorporação causadas pelas tecnologias modernas. Conseqüentemente, para que o Decrescimento não degenere em uma maneira alternativa de gerir recursos escassos, seria necessário postular limites a todas as ferramentas manipulativas, com base não em definições de especialistas, mas em uma vontade compartilhada de defender as esferas vernáculas e autônomas e, por fim, clama por uma *ascesis* tecnológica.

A autora expõe a crítica illichiana, comentada no presente trabalho no capítulo anterior, destacando seus termos com relação a prestações de serviços vistos acriticamente por autoras(es) decrescentistas. Critica as proposições de limites ao crescimento baseadas em sua pegada ecológica, por exemplo, com base em que ao focar nas quantidades e caminhos para consumo de recursos e ao incluir valores ecológicos em seus cálculos econômicos, tais proposições inevitavelmente reforçam um padrão mental que requer a gestão calculada de valores, reafirmando o pressuposto illichiano da sociedade contemporânea estar assentada no pressuposto de valores escassos, sejam eles monetários ou entidades outras como a “biodiversidade” ou a “saúde” (SAMERSKI, 2016). Se o objetivo do Decrescimento é que a eficiência e racionalidade econômicas não dominem a sociedade, o projeto não deveria ser fomentar economias alternativas, senão que sair da economia, como elucidado anteriormente. A alternativa está na ideia de proporcionalidade e dos “limites naturais”, buscando identificar o nível aceitável de dependência com relação às mercadorias (SAMERSKI, 2016). A autora reconhece – como o fizera o próprio Illich – que a proposta de políticas sociais baseadas em proporcionalidade em vez de percentuais soa romântica ou mesmo impensável, em nosso tempo. Isso porque com o avanço das ferramentas manipulativas, estas passaram também a nos moldar. Com base no trabalho tardio de Illich, postula-se a

necessidade de uma *ascesis* tecnológica como precondição de discussões e ações políticas significativas (SAMERSKI, 2016).

Samerski (2016) coloca a questão da desincorporação como central para as preocupações do Decrescimento. Isto porque ambos o crescimento econômico e o corpo enquanto sistema imunológico estão fora de proporção. “O corpo iatrogênico, definido por valores e com necessidade de gestão, se encaixa com as demandas do sistema tecnológico.” (SAMERSKI, 2016, p. 7, tradução livre). A autora enfatiza a característica de que, em sistemas, existe uma ação que visa moldar o comportamento do(a) operador(a), como por exemplo, com o *Facebook*, ou o *Google Maps*, assim como em instituições, como a escolar na qual aprendizes independentes tornam-se suas(eus) próprias(os) professoras(es), e as fronteiras institucionais se desfazem – tudo isso tem efeitos somatogênicos. “Se pede às pessoas que não acreditem mais em seus sentidos, mas confiem apenas nos aparelhos tecnológicos que as cercam – uma visão que se tornou uma realidade cotidiana observável com as pessoas presas à seus *smartphones*” (SAMERSKI, 2016, p. 8, tradução livre). A autora passa então a denunciar o entusiasmo de movimentos sociais, como o Decrescimento, com ferramentas tecnológicas e a teoria dos sistemas. Chama a atenção para que se note as diferenças não só entre a propriedade das tecnologias mas “entre fazer e ter, entre saber incorporado e informação armazenável, entre ação humana e produção planejada e engenhada, entre subsistência vernácula e o sistema tecnológico.” (SAMERSKI, 2016, p. 8, tradução livre). Illich buscava libertar seu público de certezas e expectativas geradas tecnologicamente, que adormecem nossa percepção para as artes vernáculas de viver e destroem nossa abertura sensitiva para a presença de outras pessoas. As distinções que são necessárias para reconhecer tais diferenças e que servem de matriz para o estabelecimento político de limites ao crescimento é o que a autora denomina *ascesis* tecnológica (SAMERSKI, 2016).

Garcia, Jerónimo e Carvalho (2018) usam do conceito de “ludismo metodológico”, proposto originalmente por Langdon Winner. Começam por situar a centralidade da tecnologia e sua ligação com o aumento de riscos e iniquidades sociais, entre outras sérias consequências e por conseguinte a defender a necessidade de um escrutínio da tecnologia como parte do projeto do Decrescimento. Então relatam a hipótese de Langdon Winner de que quando grupos ou indivíduos escolhem desconectar-se de certos sistemas tecnológicos, cria-se um espaço onde experiências de “retirada” emergem, o que possibilita avaliar as estruturas de necessidades, hábitos, e relações com objetos e pessoas, em um ambiente tecnologicamente mediado (GARCIA; JERÓNIMO; CARVALHO, 2018). Afirmam que

as várias paisagens potenciais moral-tecnológicas, e como elas atualmente divergem da nossa, deveriam ser tópicos de ambos estudos empíricos e para pesquisa sobre como a vida se conforma aos fins de uma chamada sociedade de decrescimento. (GARCIA; JERÓNIMO; CARVALHO, 2018, p. 3-4, tradução livre).

Os autores indicam a convergência de sua análise com a proposição de Illich (1976c) da necessidade de regulação e limitação políticas das ferramentas como forma de possibilitar a convivialidade e livrar-se da dependência de especialistas.

Heikkurinen (2016), a partir do pensamento de Heidegger, busca abordar o fenômeno da tecnologia, buscando sua essência no ôntico. Posteriormente, busca avaliar sua adequabilidade para mudanças sociais ecologicamente sensíveis. Entende-se a tecnologia como prática e se analisa as questões da agência e da ética na tecnologia, e postula como alternativa à tecnologia a “liberação” (*releasement*). Postula que para Heidegger, a essência da tecnologia moderna está no enquadramento (*Ge-stell*), referindo-se ao quadro (*framework*) no qual cada ser é revelado durante a época tecnológica. É uma maneira de revelar o mundo – na era moderna os seres são revelados como recursos a serem utilizados. Assim, o enquadramento seria uma prática tecnológica (HEIKKURINEN, 2016). O enquadramento da tecnologia como prática permite distinguir gradações de intensidade tecnológica das práticas, abrangendo também as atividades que permitem uma prática tecnológica específica – argumenta-se que o grau de intensidade da prática tecnológica depende de determinada prática tecnológica levar a mais ou menos enquadramento. Postula-se ainda que as práticas são interdependentes entre si e que a tecnologia definida como instrumento detém uma agência.

A prática tecnológica não dá suporte à emergência de agências humanas morais, mas permite o cálculo deliberativo entre diferentes pontos de vista contanto que estejam dentro da essência da tecnologia (HEIKKURINEN, 2016). Caracteriza o que chama de sociedades tecnocapitalistas presentes como antropocêntricas e apresenta a ideia de uma pesquisa rumo a um *ethos* não-antropocêntrico que permita a coexistência pacífica de humanos e não-humanos. Propõe o conceito heideggeriano de liberação (*releasement*) como forma de quebra do pensamento calculista que leva a humanidade à prática tecnológica, pondo em seu lugar um pensamento mediativo, que abra espaço para novas formas de relação. Sugere-se que uma forma de liberação seria abrir mão de participar de práticas onde a essência da tecnologia domina, o que “significa uma mudança de engajamento ativo em práticas tecnológicas multifacetadas que precisam de uma produção e rede de distribuição global para a ‘convivialidade’ [...], que está enraizada em uma região” (HEIKKURINEN, 2016, p.9, tradução livre). Assim, tanto Heikkurinen (2016) como Garcia, Jerónimo e Carvalho (2018) partem de outros arcabouços teóricos para convergir com as proposições de Ivan Illich e da convivialidade.

tecnologias que rastreiam o comportamento de consumidores como passíveis de “abuso” - “se tecnologias de vigilância são usadas para invadir a privacidade, elas não complementam a base para o pensamento de decrescimento” (HANKAMMER; KLEER, 2017, p. 4, tradução livre) – e logo em seguida citam não só Illich, mas Ellul. Parece difícil entender que leitura de Ellul permite tal interpretação no lugar de uma que aponta para a vigilância em massa como um corolário lógico da possibilidade oferecida por tais tecnologias, ou que leitura de Illich permite entender que as possibilidades sociais das tecnologias (ou ferramentas) dependem das intenções de suas usuárias, quando o autor explicitamente afirma o contrário. Ao que parece, a preocupação de Hankammer e Kleer (2017) está em adaptar a inovação e a criação de valor mercadológico para que seja possível continuar inovando e vendendo – o que passa longe da defesa da *esfera autônoma* como proposta por Illich ou da descolonização do imaginário e transformação social proposta por Latouche. O artigo toma como algo natural a existência de empresas, “necessidades”, e a satisfação destas necessidades através de mercadorias. Aumenta a participação dos “consumidores”, mas visa manter o *status* de consumidores, participantes de relações de mercado, predominantemente, que é justamente o que se opõe com a ideia de convivialidade.

Kerschner et al. (2017) elencam a convivialidade como um entre quatro critérios de avaliação de tecnologias a ser empregado pelo projeto do Decrescimento, além de apropriação, fatibilidade e viabilidade – os dois últimos ligados à ideia de limites biofísicos e populacionais propostos por Georgescu-Roegen (1971), fatibilidade sendo *grosso modo* a capacidade técnica e econômica de determinada tecnologia ser implementada e prestar determinado serviço em um determinado momento e a viabilidade a capacidade de fazê-lo sem exaurir os recursos a longo prazo e manter a vida humana. O termo “apropriação” remete ao trabalho de Schumacher (1977). Os autores afirmam haver “necessidade” de complementar os aspectos sociais da convivialidade e da apropriação com os biofísicos da fatibilidade e viabilidade (ver KERSCHNER et al., 2017, p. 29). Ao que a presente pesquisa indica, uma análise cuidadosa dos escritos de Illich mostra que não apenas os aspectos biofísicos estão incluídos na análise, como a própria ideia de mensuração – seja ela mais convencional/econômica ou inclua elementos biofísicos – contém em si mesma o germe do crescimento, do sistema ao qual o projeto do Decrescimento busca se opor. É claro que há liberdade para insistir na validade da avaliação biofísica como maneira de avançar o debate ou influenciar nas possibilidades políticas, por exemplo, mas isto é diferente de afirmar haver uma *necessidade* de complementar a convivialidade com os demais critérios.

Muitos dos artigos comentados por Kerschner et al. (2017) coincidem com os encontrados pela pesquisa, incluindo os seis comentados, de Bradley (2016), Vetter (2017), Samerski (2016),

Garcia, Jerónimo e Carvalho (2018), Heikkurinen (2016) e Hankammer e Kleer (2017). O artigo de Samerski é comentado com referência ao trabalho de Illich, bem como a influência deste para Garcia, Jerónimo e Carvalho (2018) e Heikkurinen (2016). Dada a convergência, é com entusiasmo que se recebe a oportunidade de discutir tal artigo, que em sua conclusão, muito infelizmente, expõe que as diferentes posições, entre críticos e entusiastas da tecnologia podem se fertilizar “onde as(os) críticas(os) podem trazer os aspectos mais teóricos, éticos, sociais e filosóficos e entusiastas o trabalho empírico, conhecimento técnico e prática do mundo-real” (KERSCHNER et al., 2017, p. 38, tradução livre). Ora, primeiramente, pergunta-se: não há éticas e filosofias nas experiências empíricas e no “mundo real”? Ou, há um mundo teórico apartado do mundo real? O trabalho humano não é feito em esmagadora maioria em sociedade (logo, com aspecto social)? A crítica à tecnologia implica a ausência de conhecimento técnico para avançar as proposições? O presente trabalho seria classificado, imagina-se, como “crítico” sob o ponto de vista de Kerschner et al (2017) e, pois, “paradoxalmente” apresenta a seguir um estudo empírico, embebido de conhecimento técnico e práticas do “mundo real”.

4. PROBLEMA DE PESQUISA E PERCURSO METODOLÓGICO

Levando em consideração as discussões expostas até aqui, chegamos à ideia de que é relevante avaliar ferramentas utilizadas por organizações, em busca de especular a possibilidade de reversões que possibilitem retomar a crença na experiência corpórea e situações que apontem para uma direção convivial, e que freiem a tendência desincorporante da topologia mental cibernética. Procede-se de maneira ensaística, buscando expor as reflexões rumo a uma primeira abordagem para a construção do conceito de ferramenta organizacional, que demandará futuras pesquisas para que seja feito de maneira mais consistente. Cientes das limitações, ensaiamos os primeiros passos.

Algumas questões que se apresentam são: quais os modos de interação que dada ferramenta suscita e como estes modos se aproximam ou se distanciam da prática convivial? Há algo numa ferramenta organizacional que permita seu deslocamento para o campo convivial? No contexto social e histórico atual, seria possível converter uma prática e torná-la convivial (uma vez que cognitivamente estamos limitados e axiomáticamente situados na Era dos Sistemas)? A proposta é de analisar o uso e a “conversão” de uma ferramenta, da perspectiva da convivialidade. Parte-se da hipótese da existência da possibilidade de, através do uso de determinada(s) ferramenta(s), transitar pela fronteira entre a convivialidade e o pensamento sistêmico. Para seguirmos a reflexão, busca-se elucidar e construir, tanto quanto possível, a noção que utilizou-se, de “ferramenta organizacional”.

4.1 FERRAMENTA ORGANIZACIONAL

Em sua obra, Illich buscou remitologizar a história para poder desmitologizar a sociedade contemporânea, buscando decodificar e expor mitos e rituais (HULBERT, 2002). Apontara repetidamente que os rituais modernos, independente de seus níveis de sofisticação, levam inevitavelmente a algum tipo de escravidão (HOINACKI, 2002). Argumentara que instituições de serviços são rituais que escondem, tanto para prestadores como para clientes, um crescente hiato entre o mito que perseguem e a realidade material para o qual fornecem a estrutura social – enquanto as instituições da era industrial se expandem, são forçadas a produzir exponencialmente símbolos que escondam seus próprios efeitos contraprodutivos (ILLICH, 1982). Entende-se, portanto, que rituais criam e internalizam mitos, por um lado, enquanto por outro criam ou reproduzem uma realidade material que não necessariamente condiz com tais mitos. Não há, ainda assim, um rechaço de rituais enquanto tais, entende-se que são inevitáveis nas práticas humanas associadas.

Para Islam (2015, p. 542), rituais consistem em práticas comportamentais, públicas e emocionalmente salientes, que unem atores em significados sociais compartilhados. Rituais são

invariáveis, têm caráter formal, usam de simbologia e exigem expectativas de performance (SMITH; STEWART, 2010). São usados como “trabalho institucional”, no sentido de ligarem instituições à práticas que reforçam ou mudam suas estruturas. Contêm um paradoxo entre estabilidade e mudança das ordens sociais, a significância do ato ritual deve localizar a estabilidade dentro da mudança e vice-versa (ISLAM, 2015). Rituais criam momentos nos quais as identidades sociais são postas de lado, criando unidade entre as pessoas e entre estas e o mundo, caracterizando um “momento organizacional no qual energias comunais podem ser mobilizadas e dirigidas” (ISLAM, 2015, p. 546, tradução livre), operando através de captura cognitiva, não necessariamente por uma exposição do seu significado, mas pela ativação comportamental de modelos de entendimento no(a) observador(a) que atribuirão um significado às práticas, através de repetição e excitação (SMITH; STEWART, 2010). Isto é interdependente com ancoramento e condicionamento afetivo, por exemplo através do uso de conceitos não falseáveis, ainda que em um ritual secular (como estourar uma garrafa de espumante). Usam, ainda, de uma liturgia, uma prescrição comportamental, através das quais deriva-se crenças (JOHNSON, 2010, SMITH; STEWART, 2010). O ritual é, ainda, uma prática em separado, “retirada” das práticas cotidianas, e para Johnson (2010), requer o envolvimento de “especialistas” do ritual. Smith e Stewart (2010) propõem uma escala entre rituais plenos (*full rituals*) e atividades análogas à rituais. Rituais plenos devem conter nove funções interdependentes: (1) prover significados; (2) gerenciar ansiedade; (3) exemplificar e reforçar a ordem social; (4) comunicar valores importantes; (5) incrementar a solidariedade grupal; (6) incluir e excluir pessoas; (7) sinalizar comprometimento; (8) gerir estruturas de trabalho; e (9) prescrever e reforçar eventos significativos. Parece mais apropriado, no entanto, entender que diferentes práticas podem conter mais ou menos destas funções, havendo uma ambivalência das mesmas e a impossibilidade de uma positividade tão pura a ponto de permitir o posicionamento em uma escala de plenitude ritualística.

Entendendo que ferramentas são tudo aquilo que é utilizado para expressar intenções humanas, rituais e liturgias podem ser tipos de ferramentas²⁰. A própria palavra “organização”

20 Uso o modal “*podem*”, e não afirmo que “são” porque sigo o entendimento que tenho de uma questão que percebo ainda em aberto. Bifo Berardi (2018, p. 12, tradução livre) expõe que “quando a sequencialidade da mente alfabética é substituída pela simultaneidade eletrônica, o pensamento tende a passar da modalidade da elaboração crítica à modalidade da mitologia” – insinuando uma alternância entre juízo crítico e identificação mitológica. Para o autor, a aceleração tecnológica causa uma contração no tempo de elaboração crítica que impede a capacidade de reflexão, deixando em seu lugar o contágio memético, os memes sendo “a condensação mitológica de conteúdo imaginário, tecido de crenças e pressupostos e enfim sedimentado[s] de signos enigmáticos de pertencimento cultural” (2018, p.13, tradução livre), agindo no sistema límbico das pessoas e funcionando como assignificantes, não definidos conceitualmente mas traduzidos pragmaticamente como pertencimento. Uma intuição que esta leitura levanta frente ao trabalho nesta dissertação é que o juízo crítico não é substituído por um funcionamento mitológico anteriormente ausente, mas há uma ascensão da *predominância* do funcionamento mitológico enquanto tal frente ao juízo crítico, ou ainda uma alteração no conteúdo mitológico que impede o florescimento do juízo crítico. Assim sendo, rituais e liturgias em seus caracteres mitopoéticos estariam à mercê de se configurarem

deriva do grego *organon*, que Gareth Morgan (2006, p. 37) traduz de maneira simplista como ferramenta ou instrumento²¹. No entanto, o simplismo não impede a reflexão: uma análise organizacional sob esta ótica, que interpreta a organização enquanto ferramenta, foca tanto na “grande” ferramenta que é a organização, quanto nas “pequenas” ferramentas que a compõem. Ambos ritual e liturgia ocorrem nas organizações, aquele em maiores escalas e possivelmente confundindo-se com a organização, dependendo do caso (pense em festivais de música, por exemplo); e esta como um componente do ritual, sendo propriamente uma parte do que nos interessa observar. As “liturgias”, ou procedimentos organizacionais que se configuram com maior ou menor intensidade dentro de rituais, constituem o que denominaremos “ferramenta organizacional”, em uma tentativa de desmembramento, de discrição do funcionamento do todo: um conjunto de modos de proceder que pode ser institucionalizado na organização de forma a cristalizar as atividades desejadas e por consequência gerar crenças e visões de mundo em seus participantes²².

As ferramentas organizacionais evidenciam o processo de modelação da topografia mental. Por exemplo, em corporações de gestão profissionalizada é comum que haja periodicamente reuniões de funcionários com gerentes para avaliação da performance e satisfação dos primeiros, as chamadas *reuniões de feedback*. A periodicidade destas reuniões, o local reservado onde são realizadas, os pressupostos de que a via para resolução de eventuais problemas é informá-los aos graus mais altos da hierarquia empresarial e o uso de expressões técnicas que deslizam ao cotidiano (ou seja, de *palavras-ameba*) tais como “desenvolvimento pessoal” ou o próprio termo “*feedback*”²³ são exemplos do que entende-se por ferramenta organizacional neste trabalho. É claro que a topografia mental de cada sociedade é fruto de processos socio-históricos maiores e seria ingênuo entender que é possível remodelar completamente as tendências gerais por que passamos, por isso trata-se de esforços de resgate da possibilidade de alteridade com base na responsabilidade que cada indivíduo tem a pesar destas tendências de modelar suas atitudes com relação às suas ferramentas, seu ambiente e seus pares.

enquanto ferramentas *ou não*, uma vez que a distalidade como condição para existência de ferramentas enquanto tais pode estar ausente sem implicar que estes também desapareçam.

21 É o próprio Illich, em entrevista a David Cayley (2005) quem comenta que o termo *organon* não diferencia usuário de instrumento, pode referir-se tanto ao martelo quanto à mão de quem o utiliza. A palavra “ferramenta” supõe a distalidade própria do tempo histórico iniciado no final da Idade Média, como comentado anteriormente.

22 Acrescento aqui uma nota semântica: sempre que o termo “ferramenta organizacional” é utilizado neste trabalho, refere-se a esta proposição conceitual que, reitera-se, é referente a algo que pode ser utilizado *em* dada organização, e não apenas *por* dada organização, por isso o nome *ferramenta* e a possibilidade de ser ou não convivial.

23 Que denota um entendimento sistêmico da organização, é válido ressaltar.

O que conferiria o caráter convivial a uma ferramenta organizacional seria o seu caráter aberto, que permita que quem vier a utilizá-la forneça uma intenção para ser expressa através dela. Seriam procedimentos nos quais não existem garantias de resultados anteriormente delimitados, mas nos quais seja possível trabalhar em conjunto as diferentes intenções dos usuários participantes. Sua utilidade não é dada *a priori*, mas deve ser atribuída por quem vier a utilizá-la, aqui a convivialidade necessita de uma incerteza, uma abertura com o caráter que Robert Cooper (2001) chama *undifferentiation* (algo como “a-diferenciação”), que conecte o aberto magmático do fluxo vital e opere sua realização, sendo sua redução a uma informação dada de forma que o caráter do tomar-forma, da *in-formação* (COOPER, 1976), seja conferido por quem estiver operando a ferramenta, e não dado de antemão. Seu caráter interpessoal pode tomar diferentes formas: pode reforçar a coesão de grupo, de maneira a facilitar o encontro de caminhos para que as diferentes perspectivas das pessoas envolvidas possam ser expressas, em busca de um caminho comum; pode ainda haver um incentivo a trocas de conhecimento e interações que venham a possibilitar projetos de diferentes grupos de participantes a expressar-se, sem a necessidade de um fechamento coletivo totalizante.

Islam (2015) disserta sobre o aspecto ambivalente de repetição e ruptura da realidade social que caracteriza os rituais. Expõe que o momento litúrgico que evoca o momento mais singular e icônico, que propicia novos entendimentos e portanto engendraria mudanças, é normalmente posto “entre parênteses” por práticas estruturantes que antecedem e sucedem tais momentos, de maneira a não apenas trazer a organização de volta à normalidade, como de maneira a cooptar tais momentos para os propósitos organizacionais preestabelecidos. Para manter o caráter convivial de uma ferramenta organizacional, são necessários meios de evitar sua “postura entre parênteses”. Percebe-se, no entanto que a ausência de um enquadramento ritualístico ou organizacional também poderia inviabilizar a operacionalização da ferramenta organizacional – o caminho, portanto, seria a feição de substitutos a tais práticas estruturantes para anteceder e suceder a execução das ferramentas organizacionais. Do contrário, não há nada que impeça a utilização do que seria uma ferramenta organizacional convivial por uma organização ou sistema com intenções já concebidas de antemão ou controláveis remotamente por outrem. A ferramenta organizacional por si mesma não dispõe de símbolos, vestimentas, ou muda a distribuição de poder entre as pessoas participantes, isto tudo é provido pelo ambiente ou pela organização na qual será aplicada, tendo consequências para a convivialidade da ferramenta.

4.2 CONSIDERAÇÕES PARA CRITÉRIOS DE ANÁLISE DA PESQUISA

Este trabalho pretende somar no esforço a que se propõe Vetter (2017) de sumarizar os valores éticos e critérios de desenho para as ferramentas, porém em vez de focar na noção estrita de tecnologia como faz a autora, foca-se nos aspectos procedimentais das organizações. Junto a Samerski (2016), busca-se avaliar a possibilidade de cultivar uma consciência crítica do poder simbólico das tecnologias modernas, buscando resgatar a abertura sensitiva das pessoas para a presença umas das outras. Aqui o que Vetter entendeu como dimensão relacional mantém relevância, o que a ferramenta suscita entre as pessoas é um aspecto importante de nossa investigação: qual o caráter das relações suscitadas?

O exemplo de Bradley (2016) sobre como seria um “espaço convivial”, pensando no argumento de que os gestores das organizações não podem reverter a estrutura básica dos seus arranjos institucionais serve como uma importante salvaguarda que deve permear nossa análise. Aqui abrem-se duas instâncias de avaliação, uma que diz respeito à ferramenta organizacional em si e outra que diz respeito às condições nas quais dada ferramenta é utilizada.

4.2.1 Critérios de Análise da Ferramenta Organizacional

Como critérios de análise da ferramenta organizacional propriamente, considera-se relevante analisar os artefatos tecnológicos envolvidos, a importância da avaliação subjetiva das colocações eventualmente feitas por participantes e o papel desempenhado por estas. Os artefatos utilizados influenciam as relações e podem limitar ou facilitar a interação das pessoas envolvidas – a troca de mensagens de texto permite muito menos em termos de percepção do outro do que uma conversa presencial, a utilização de microfones inibe a possibilidade de se manifestar de outras pessoas presentes etc. Aquilo que é dito pode ser considerado a partir de seu valor subjetivo ou estritamente a partir da denotação objetiva das palavras e sua inserção operacional. O papel desempenhado pelas participantes pode ensejar diferentes maneiras de referência à outra pessoa e assim influenciar a percepção mútua entre participantes.

Além disto, a ferramenta organizacional também deve ser capaz de trazer à tona e de lidar com manifestações e situações não previstas advindas de quaisquer que sejam as intenções que as(os) usuárias(os) venham expressar por seu intermédio. O processo não deve ser completamente fechado de maneira a não permitir tais inserções, nem tão aberto de maneira a descaracterizar a ferramenta enquanto tal.

4.2.2 Critérios de Análise das Condições de Uso da Ferramenta Organizacional

Com relação às condições nas quais o uso da ferramenta ocorre, procura-se pensar sobre o poder de evocar o uso da mesma e as relações de poder implicadas durante o uso. Uma ferramenta convivial deve ser utilizada ou não o mais livremente possível, sem que seja passível de controle por outrem, logo o poder para evocar o seu uso desempenha um papel importante. Relações de poder preestabelecidas também podem afetar o seu uso, a medida em que influenciam o comportamento das pessoas no decorrer do uso da ferramenta.

O seguimento da pesquisa foi no sentido de selecionar uma ferramenta e tomar por objeto os modos de interação que esta suscita e como estes modos se aproximam ou se distanciam da prática convivial. Procedeu-se com um estudo de caso de ferramenta organizacional as práticas em torno da chamada “Comunicação Não-Violenta” (CNV). Procurou-se exhibir a justificativa de sua escolha junto de sua descrição nas seguintes seções.

4.3 NOTAS SOBRE MÉTODO

A pesquisa foi conduzida como uma autoetnografia. A autoetnografia é definida como uma forma de autonarrativa que coloca o eu (*self*) dentro do contexto social e pode ser feita tanto por antropólogas(os) como por não-antropólogas(os) (REED-DANAHAY, 1997). A autoetnografia é informada por pesquisa em narrativas pessoais e orais. Situa o corpo politicamente inscrito como um sítio central de produção de sentido (SPRY, 2001). Para Spry (2001), uma boa autoetnografia deve ter a habilidade de transformar leitoras(es) e mobilizá-las(os) a olhar a suas próprias construções de identidades políticas pessoais. Em segundo lugar, deve ser engajante emocionalmente, bem como criticamente autorreflexiva da interatividade sociopolítica de alguém. Uma boa autoetnografia deve ser uma costura provocativa de estória e teoria. O caminho seria uma performance dialógica, como uma maneira de entender as intersecções de si, de outrem e do contexto, passionadamente e reflexivamente. “Oferece uma metodologia crítica que enfatiza o conhecimento no corpo, oferecendo ao(à) pesquisador(a) uma epistemologia e uma ontologia encarnadas” (SPRY, 2001, p.716, tradução livre).

As entrevistas também parecem adequadas por haver certo consenso “de que elas servem a pesquisas voltadas para o desenvolvimento de conceitos, o esclarecimento de situações, atitudes e comportamentos, ou o enriquecimento do significado humano deles.” (MATTOS, 2011, p. 348). Busca-se, o pesquisador munido de um pequeno guia de perguntas (ver Anexo II), estabelecer uma conversa assimétrica com a pessoa entrevistada. Uma entrevista não requer habilidade extraordinária, requer apenas uma tentativa de interação com uma pessoa específica, tentando

entender sua experiência, opinião e ideias (RAPLEY, 2007). Entrevistas em profundidade são aquelas nas quais as pessoas entrevistadas são encorajadas a produzir respostas detalhadas e elaboradas, através de perguntas e outros métodos verbais e não-verbais. (RAPLEY, 2007). As perguntas de cada entrevista não seguiram à risca as questões expostas no roteiro, mas sim a especificidade do conteúdo levantado por cada pessoa e as questões entendidas como relevantes ao momento.

O conjunto de entrevistadas consistiu em pessoas que compartilharam de experiências com Comunicação Não-Violenta na cidade de Porto Alegre junto ao entrevistador, de forma a buscar ajudar a “costurar” as experiências expostas – buscou-se algumas pessoas-chave na organização de determinado grupo de estudos de Comunicação Não-Violenta, bem como pessoas com maior assiduidade no grupo e interesse no assunto. As entrevistas ocorreram entre os dias 12 e 17 de outubro de 2018, sendo gravadas com consentimento das entrevistadas e ocorreram com descontração e interesse, frequentemente desenvolvendo-se em conversas que ultrapassaram o conteúdo gravado na entrevista, pelo fato de haver afinidade entre o pesquisador e estas pessoas. Um total de quatro entrevistas foi realizado, entendendo-se que os resultados obtidos saturam as questões levantadas suficientemente para auxiliar nas reflexões necessárias à pesquisa. A forma de análise das entrevistas é sempre indissociável aos interesses específicos da pesquisa (RAPLEY, 2007). Assim sendo, os áudios resultantes foram transcritos pelo pesquisador e consultados repetidamente na tentativa de pensar as questões levantadas, conforme pareceu conveniente, sem seguir o que seria um impossível roteiro metodológico mais rígido. Buscou-se encontrar as formas pelas quais as pessoas chegaram até a a Comunicação Não-Violenta, de maneira a entender as relações das estruturas das vias que puseram as pessoas em contato com a mesma e quais as concepções e usos feitos por elas – qual o impacto organizacional e do ambiente na prática da CNV. No mesmo espírito vai a questão sobre as práticas feitas e a estruturação dos grupos nos quais ocorreram. As demais perguntas foram pensadas buscando entender a significação do uso da CNV para estas pessoas e seus efeitos corpóreos, pensando nas questões do que a ferramenta organizacional suscita entre as pessoas e em sua autopercepção. A avaliação da organização institucional da CNV dá-se por visitas aos sítios eletrônicos das instituições e leitura dos documentos lá expostos, bem como pela leitura e análise de outros documentos sobre o tema, como artigos científicos e sobretudo o livro “Comunicação Não-Violenta” de Marshall Rosenberg (2006).

5. COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA

Comunicação Não-Violenta é um termo cunhado por Marshall Rosenberg para descrever os desenvolvimentos de suas pesquisas em busca da prática da não-violência, entendida como “o estado natural de compaixão quando não há violência presente no coração” (THE CENTER FOR NONVIOLENT COMMUNICATION, 2014, tradução livre). Em livro homônimo, o autor a define como “uma forma de comunicação que nos leva a nos entregarmos de coração”. (ROSENBERG, 2006, p. 21). Marshall Rosenberg (1934-2015) foi um psicólogo estado-unidense, doutor em psicologia clínica em 1961 pela Universidade de Wisconsin-Madison, sendo influenciado pela psicologia humanística de Carl Rogers, de quem fora aluno.

Rosenberg, na edição em original do livro intitulado “Comunicação Não-Violenta”, a chama de “uma linguagem da vida” (*a language of life*). É uma linguagem que “revela a consciência de que todos seres humanos estão apenas tentando honrar valores e necessidades universais, a cada minuto, todos os dias.” (THE CENTER FOR NONVIOLENT COMMUNICATION, 2014, tradução livre)²⁴. O Centro pela Comunicação Não-Violenta (CNVC) a identifica ainda como uma prática espiritual e um conjunto de habilidades concretas, em uma forma simples. Tal forma consiste em uma estrutura para o processo comunicativo visando possibilitar que as partes sintam e, posteriormente, entendam o que as interlocutoras estão sentindo e postulando, de maneira a haver maiores possibilidades de acordos nas relações. É esta estrutura que vamos tomar como ferramenta organizacional. Consiste em quatro componentes – observação, sentimentos, necessidades e pedido.

5.1 OS QUATRO COMPONENTES DA COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA

(1) Observação – A CNV propõe que aquelas que a praticarem abstenham-se de fazer julgamentos e avaliações de situações ocorridas e em seu lugar façam descrições de “ações concretas que estamos observando e que afetam nosso bem-estar” (ROSENBERG, 2006, p. 26). Dessa forma, procura-se evitar o que Rosenberg (2006) chama de julgamentos moralizadores, tais como dizer que alguém “é preguiçoso”, ou que “fala demais”, o que atribui uma qualidade à determinada pessoa ou supõe existir uma quantidade correta para se falar e que esta quantidade é conhecida, isto é, realiza uma avaliação e um julgamento sobre algum ocorrido. A ideia é que se expresse aquilo que se percebeu, o mais livre possível de julgamentos ou interpretações que possam ser disputadas. Para Wentworth ([20--]), a observação objetiva oferecer um ponto de referência para o assunto de uma conversa. Distingue-se observações de avaliações para evitar que ouvintes

²⁴ Estamos cientes de que tal universalidade das necessidades não é congruente com a epistemologia adotada no presente trabalho, no entanto entende-se que não são os pressupostos onto-epistemológicos que deram origem à CNV que devem ser alvo de nossas reflexões, se não que a existência desta, e o uso de seus derivados enquanto ferramentas organizacionais.

entendam as colocações como críticas e se coloquem em posição defensiva. Avaliações são entendidas como linguagem estática (*e.g.* “aquela pessoa é preguiçosa”) enquanto observações são linguagem dinâmica (*e.g.* “aquela pessoa só estuda na véspera das provas”), na medida em que referem-se a um tempo e contexto determinado (ver ROSENBERG, 2006, p. 57).

(2) Sentimento – é “como nos sentimos com relação ao que estamos observando” (ROSENBERG, 2006, p. 26). A CNV requer que se distinga sentimentos de pensamentos. Para isso, a sua expressão deve estar livre de estórias sobre o significado do que quer que tenha acontecido. O objetivo em expressar sentimento é dar um passo em direção à conexão, a ser construída a partir da experiência corporal da(s) pessoa(s) envolvida(s). Ao expressar um sentimento, não se deve expressar, por exemplo, o que pensamos ser: em vez de, por exemplo, “eu sou um *mau* violinista”, deve-se dizer algo como “estou me sentindo *desapontado* comigo mesmo como violinista” (ver ROSENBERG, 2006, p. 69). Deve-se, ainda, distinguir os sentimentos de como entendemos que outras pessoas reagem ou se comportam a nosso respeito: “sinto-me ignorado” não é uma expressão adequada de sentimentos para a CNV, pois ao falar algo e não ser respondida uma pessoa pode sentir-se magoada, mas também é possível que sinta alívio. A expressão dos sentimentos não deve insinuar que sua origem está na ação de outras pessoas nem expressar pensamentos, avaliações ou interpretações. Compartilhar sentimentos é oferecer informações sobre como alguém está se relacionando com suas necessidades, se estas estão ou não sendo atendidas (WENTWORTH, [20--]).

(3) Necessidade – “as necessidades, valores, desejos etc. que estão gerando nossos sentimentos” (ROSENBERG, 2006, p.26). Na CNV, deve-se ligar os sentimentos às necessidades, os primeiros enquanto sinais e as últimas enquanto causas. O que outras pessoas fazem, para a CNV, pode ser apenas o estímulo de nossos sentimentos, mas não sua causa – esta será sempre nossas necessidades. Entende-se que concentrar esforços em ligar os sentimentos às necessidades é uma maneira de facilitar a ação compassiva das demais pessoas. Compartilhar uma necessidade é uma maneira de compartilhar o que é importante para quem fala, o que importa na situação para aquela pessoa de maneira que as demais partes tenham maior probabilidade de entender e se identificar (WENTWORTH, [20--]). A CNV parte da premissa de haver necessidades ou valores compartilhados universalmente pela humanidade, considerando que há variações culturais nas estratégias empregadas para satisfazê-las, e que as ações humanas estão sempre ligadas à uma busca da satisfação destas necessidades. Propõe-se ser possível encontrar meios de levar em conta as necessidades de todas partes envolvidas, através do reconhecimento destas e do entendimento mútuo entre as partes.

(4) Pedido – são “as ações concretas que pedimos para enriquecer nossa vida” (ROSENBERG, 2006, p.26). Um pedido em CNV deve ser feito em linguagem positiva – deve conter algo que se quer que a outra pessoa *faça* e não que ela *não faça*. Deve indicar uma ação concreta, que seja factível e específica no tempo e no espaço e, por fim, devem ser *negáveis* pela outra parte, isto é, não devem ser exigências. O pedido deve caracterizar a intenção de honrar as necessidades de *todas* as partes. Pedidos desacompanhados de sentimentos e necessidades podem soar como exigências, enquanto sentimentos e necessidades sem pedidos diminuem a probabilidade de satisfação. Só é possível demonstrar que um pedido não é uma exigência a partir do tratamento recebido por quem negá-lo – para a CNV, não se deve tomar ações no sentido de castigar nem premiar as demais.

Uma observação estabelece o contexto, sentimentos e necessidades sustentam conexão e o pedido esclarece que tipo de resposta se está buscando (WENTWORTH, [20--]). A CNV tem duas partes: expressar-se honestamente por meio dos quatro componentes e receber com empatia por meio dos quatro componentes (ROSENBERG, 2006, p.27). Através de uma responsabilização individual por suas ações, a CNV busca oferecer a seus praticantes maiores possibilidades de entendimento com outras pessoas. A partir da noção de responsabilização pelos próprios sentimentos, deriva-se que não é possível obrigar ninguém a fazer nada, e que ações feitas buscando prêmios ou evitar castigos são contraproducentes, enquanto ações livres representam uma busca pela satisfação das necessidades. Isso porque a expectativa por prêmios ou castigos foge da busca da satisfação das necessidades individuais.

A Comunicação Não-Violenta busca que as ações sejam feitas “de coração” e não motivadas por culpa. Entendendo que o mecanismo básico de motivação pela culpa é atribuir a responsabilidade dos sentimentos a outras pessoas, espera-se que seja possível perceber a ligação dos sentimentos às necessidades de cada pessoa que estão ou não sendo atendidas – e então que se aja de acordo com aquilo que vá suprir estas necessidades:

Se nosso objetivo é apenas mudar as pessoas e seu comportamento, então a CNV não é uma ferramenta apropriada. O processo foi desenvolvido para aqueles de nós que gostariam que os outros mudassem e respondessem, mas somente se eles escolherem fazer isso de livre vontade e com compaixão. **O objetivo da CNV é estabelecer um relacionamento baseado na sinceridade e na empatia.** Quando os outros confiam que nosso compromisso maior é com a qualidade do relacionamento, e que esperamos que esse processo satisfaça às necessidades de todos, então elas podem confiar que nossas solicitações são verdadeiramente pedidos, e não exigências camufladas. (ROSENBERG, 2006, p. 121-122, grifo nosso).

Entende-se que pode ser contraprodutivo oferecer conselhos. É necessário checar se a possibilidade de aconselhar seria bem-vinda pela parte “aconselhada”. Da mesma forma, entende-se

que o entendimento intelectual bloqueia o tipo de presença que a empatia requer – compreensão e solidariedade são conceitos distintos do de empatia. (ROSENBERG, 2006, p. 136-7). A definição de empatia empregada é “compreensão respeitosa do que os outros estão vivendo”²⁵ (ROSENBERG, 2006, p. 133).

5.2 POR QUE ANALISAR A COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA?

A Comunicação Não-Violenta incita explicitamente que a atenção seja voltada a nossa experiência corporal. Em princípio, isto parece ser congruente com a ideia da possibilidade de “resistir” à topografia mental da Era dos Sistemas e sua ação desincorporante. De fato, o livro propõe que através da CNV seja possível suscitar respeito, atenção e empatia, promovendo conexão entre as pessoas (ROSENBERG, 2006, p. 22). Apresenta ainda uma sequência de ações de forma a caracterizar uma ferramenta organizacional da forma que definimos, além de ser suficientemente simples para que não seja necessário o uso de um conhecimento especializado para que seja posta em prática.

A Comunicação Não-Violenta chega no Brasil no início deste século, incluída em experimentos com Justiça Restaurativa²⁶. Também algumas das pessoas que compuseram o grupo de estudos em CNV analisado possuem formação em Círculos Restaurativos e assistiram a exposições em locais ligados ao poder judiciário (vide a Entrevista I). Uma rápida pesquisa pelo seu nome em buscador de *internet* cujo algoritmo de pesquisa esteja voltado para o Brasil exhibe diferentes documentos do meio empresarial, como um artigo de um *blog* ligado ao SENAC de São Paulo (NUNES, 2019) e outro de um sítio chamado “endomarketing.tv” (CLOSS, 2019), por exemplo. Marshall Rosenberg (*e.g.* 2006, p. 66, p. 254, p. 259; 2018) oferecera em vida treinamentos de Comunicação Não-Violenta a empresas, e o subtítulo da versão brasileira do livro “Comunicação Não-Violenta” traz o subtítulo “Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e

25 A necessidade de “esvaziar a mente e ouvir com todo o ser” (ROSENBERG, 2006, p. 134), seguida de citação de Martin Buber, na qual diz que “apesar de todas as semelhanças, cada situação da vida tem, tal como uma criança recém-nascida, um novo rosto, que nunca foi visto antes e nunca será visto novamente. Ela exige de você uma reação que não pode ser preparada de antemão. Ela não requer nada do que já passou; ela requer presença, responsabilidade; ela requer você.” (BUBER *apud* ROSENBERG, 2006, p.134), certamente tem ligações com o pensamento illichiano. Veja, por exemplo, o ensaio sobre os diferentes silêncios em Illich (1976b), no qual afirma que “muito mais coisas são passadas de um homem para outro por intermédio do silêncio do que através de palavras” (ILLICH, 1976b, p. 36), neste ensaio, Illich categoriza tipos de silêncio, dentre os quais está o “silêncio atento”, ou “silêncio do ouvinte puro”, uma experiência de profundo interesse e escuta que está em constante ameaça pelo silêncio da indiferença (LEÃO NETO, 2017), “o silêncio através do qual a mensagem de outrem se torna ele em nós [...] quanto maior for a distância entre os dois mundos, mais eloquente será a prova de amor contida neste silêncio cheio de interesse.” (ILLICH, 1976b, p. 37-8). Há, ainda, a noção de *paz* em Illich (2002): o espírito da *philia* que é impossível garantir que venha a ser nutrido, a atmosfera de amizade criada entre iguais que emerge por surpresa e é reprimida por qualquer tentativa de garanti-la.

26 Para uma crítica libertária e abolicionista da Justiça Restaurativa, ver Augusto (2012).

profissionais” (ROSENBERG, 2006)²⁷. Existe o “Instituto CNV Brasil”²⁸, que oferece treinamentos e possui uma área dedicada em seu sítio para empresas. Exibe entre seus clientes organizações como Banco do Brasil, Correios, Uber, Cargill e o Ministério Público do Trabalho. Estas evidências indicam um uso bastante distinto daquele conhecido pelo autor deste trabalho, conforme busca-se expor na seção seguinte. De fato, parece intrigante a adoção de CNV em empresas, uma vez que exigências, punições e recompensas são listados por Rosenberg (2006, p. 46) como exemplos de formas de comunicação “alienante da vida”, incompatíveis com a CNV – e no entanto tão necessárias na vida empresarial. Também parece uma ferramenta interessante, por exemplo, se empregada em processos de tomada de decisão por consenso e horizontais de maneira geral, estranhos às práticas empresariais. O próprio Rosenberg (2006, p. 162) reconheceu que “é mais difícil ter empatia com aqueles que parecem ter mais poder, status ou recursos” e que “quando trabalhamos em uma instituição estruturada hierarquicamente, há uma tendência a ouvir ordens e julgamentos daqueles que estão acima de nós na hierarquia.” (ROSENBERG, 2006, p. 161-2). Claramente a Comunicação Não-Violenta é utilizada pelas organizações e entende-se que diferentes usos são possíveis, o que faz dela um caso interessante para a presente pesquisa e para a área de Estudos Organizacionais. O entrevistado IV entende haver “duas CNVs”, identificando uma com o que explicava Marshall Rosenberg e outra como “auto-ajuda”, em um entendimento estereotipado do termo (D., 2018)²⁹. O entrevistado I identifica diferentes maneiras da CNV “se espalhar”, uma “autônoma”, na qual “as pessoas pesquisam pela internet, veem vídeos, leem o livro” (P., 2018), outra a partir de um modelo de cursos que o próprio Marshall Rosenberg desenhara, que levaria as pessoas a um mal entendimento do que é a CNV, de como aplicá-la etc., o que nos leva a próxima seção.

5.3 FACETAS DA COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA

As características que vêm à tona com a pesquisa acadêmica da CNV são bastante contrastantes com as experiências vividas pelo autor. O contato com a ferramenta ocorreu em contextos de resolução de conflitos em grupos de trabalho autogeridos e grupos de estudos específicos de Comunicação Não-Violenta, além de práticas voltadas para amparo emocional visando maior autonomia das pessoas praticantes. A principal experiência de referência é um grupo

27 Foi apontado ao autor que este subtítulo representou uma quebra de contrato por parte da editora, sendo uma alteração indevida da obra original. No entanto, mais de uma década se passou desde o lançamento desta edição e não houve, até onde foi possível saber, uma retificação ou nova versão em língua portuguesa.

28 Ver: <<https://www.institutocnvb.com.br/>>. Acesso em 30 abr. 2019

29 “Esses dias saiu no programa da Fátima Bernardes... [...] uma aberração, que uma das propostas era como você... Em vez de falar ‘você é um idiota’, a alternativa no programa [...] era ‘você está errado, deveria se informar mais sobre isso’... (risos).” (D., 2018). O episódio do programa “Encontro com Fátima Bernardes”, da Rede Globo, foi ao ar em 11 de Outubro de 2018. Ver: <<https://glo.bo/2VtT8vG>>, vídeo 6, acesso em 17 mai. 2019.

de estudos e práticas em Comunicação Não-Violenta onde o autor participa desde a fundação na noite do dia 7 de Agosto de 2017 e que mantém encontros semanais desde então. No restante desta seção, busca-se uma escrita mais pessoal, despida da polidez e formalidade acadêmicas, buscando possibilitar uma contação de história de maneira incorporada, para buscar então “costurar” as experiências com as teorias discutidas.

5.3.1 Vivência em CNV em um Centro Cultural

O primeiro contato que tive com a Comunicação Não Violenta ocorreu em Março de 2016. Eu havia recentemente começado a trabalhar em um restaurante autogerido cuja rotina trazia muitos conflitos – havia incerteza da capacidade de gerar renda, as relações de poder e proximidade ou não entre as e os integrantes deste coletivo, as interações virtuais... Tudo isso se traduzia em preocupações muito vívidas: noites mal dormidas, dores de barriga precedendo as reuniões etc. A novidade de nos encontrarmos na posição de debate e da ausência da figura explícita de autoridade tornara-se uma rotina de alta intensidade emocional – organizar-se internamente para expor a própria ideia, lidar com o estômago embrulhando ao ouvir uma ideia contrária, perceber que muitos pressupostos que eu entendia como óbvios não o eram de maneira alguma, isso somado ao cansaço físico do trabalho na cozinha e na organização do estabelecimento, com compra de insumos, limpeza etc.

Uma manifestação em específico de outro integrante do coletivo via fórum *online* foi inaceitável para mim, o que fez com que meus dias precedendo a reunião seguinte fossem repletos de raiva, ansiedade e medo. Eis que encontro a chamada para uma “vivência em Comunicação Não-Violenta” em uma casa ocupada nas vésperas da reunião. O chamado na mídia social falava na necessidade de reformulação da linguagem, substituindo julgamentos e rótulos por escuta profunda e compreensão de emoções e necessidades humanas, como caminho para a autorresponsabilidade e honestidade nas relações, em uma prática simples em seu processo. A “vivência” ocorreria pela manhã, seguida de almoço – eu não conhecia a Comunicação Não-Violenta, mas pareceu uma possibilidade interessante, o que me motivou a comparecer.

Chegando lá, pessoas sentadas em roda no chão, um homem de aspecto frágil, magro e sorridente, com muita intensidade na fala, conta uma parábola sobre as nossas atitudes serem a superfície de águas mais profundas de nossos sentimentos e necessidades. Um almoço é compartilhado e as pessoas são convidadas a lavarem sua louça, não há preço fixado para a atividade ou para a refeição. Muito olho no olho. Abraços. Dinâmica de mãos dadas, incenso. Muita calma, muita presença, muita verdade na presença daquelas pessoas. Muita proximidade, muita

familiaridade entre aqueles estranhos. O tempo passa mais devagar, estar vivo naquele momento é uma tarefa mais suave. Uma mulher começa a contar uma história sua, muito difícil. “Vocês sabem o que é parecer invisível!? A gente fez tudo aquilo e era como se a gente não existisse!”. Cai em prantos. Um processo estranho e metódico de cuidado é posto em prática, coletivamente sob a maestria do tal homem. “Não, ainda é cedo pra oferecer a empatia. Primeiro vamos perguntar tal coisa”. Faz isso, tenta aquilo. Eu sinto com ela a angústia que está sendo posta. Ocorre que aquele grupo de talvez uma dúzia estava sintonizado, também. Chega o momento em que o peso é levantado dos ombros dela – e também dos nossos. Abraços, sorrisos. A moça agradece. As pessoas firmam acordos para encontrar-se e oferecer apoio – todas nós estávamos aptas a usar dessa “tal” Comunicação Não-Violenta... Troca-se contatos, entre os até então desconhecidos, e as pessoas se colocam à disposição para oferecer as chamadas “escutas empáticas”³⁰. Um “estalo” ocorreu. Agora parecia possível encarar a reunião lá no coletivo. Agora havia uma base emocional, um apoio dentro de mim que permitia que eu continuasse. Procurei alguns materiais na *internet*, encontrei um vídeo de um senhor fazendo uma palestra com fantoches na mão. Parece estranho. Mas, na minha barriga, a calma trazida pelo encontro sugere apostar nisso, parece ser bom... A proposta é de não resolver um problema, não julgar moralmente – até aí eu acompanho o raciocínio. No lugar, oferecer empatia – isso me representa uma aposta, parece totalmente alheio a mim, mas estou disposto a apostar.

Nesta ocasião, encontrei a CNV como um “método” utilizado para resolução de conflitos. No entanto, na vivência descrita, não tratou-se de mediar conflitos, senão que através da empatia foi possível criar novos entendimentos sobre as situações individuais das pessoas presentes, a pessoa que expôs sua questão teve a oportunidade de expressar suas mágoas e dores – ocorreu *grosso modo* uma terapia coletiva, de forma a gerar condições psicológicas ou sociais para o avanço das relações e com elas o que quer que fosse buscado. Longe de exigir pré-requisitos ao emprego da CNV, foi encorajado que se praticasse a intenção de conexão e empatia nas relações, através do referencial dos quatro componentes. A CNV apareceu como uma postura a ser desenvolvida, uma disciplina, uma *ascesis*. Quanto mais se pratica, mais facilmente a prática ocorre. A corporalidade aparece também como um elemento importante, ao passo que a CNV convida a investigar os sentimentos, prestar atenção ao que corporalmente está se manifestando.

Algumas vezes desde então participei de alguns encontros de escuta empática com pessoas que estavam presentes naquela data. Relações de sinceridade e apoio mútuo foram suscitadas pela disseminação da CNV. Esta fora empregada simplesmente como uma maneira de

30 Ver a subseção seguinte.

angariar condições emocionais que possibilitassem fazer frente a quaisquer que sejam as situações que as pessoas entendessem ser conveniente – as intenções a serem expressas por esta ferramenta estão por ser decididas pelas suas eventuais usuárias. O contexto no qual a CNV foi aplicada foi de um encontro efêmero, voluntário, no qual uma pessoa com conhecimento da ferramenta buscou compartilhar em troca de uma quantia de dinheiro a ser determinada pelas pessoas ouvintes e logo em seguida um espaço onde potencialmente todas pessoas pudessem contribuir no uso futuro desta ferramenta fora criado, com as escutas empáticas.

5.3.1.2 Escuta empática

Uma escuta empática é um procedimento que consiste em uma parte falando livremente enquanto outra escuta com atenção e através das três primeiras etapas da CNV procura chegar à empatia, isto é, a sentir o mesmo que a outra parte. Sua função é fornecer apoio emocional para a primeira parte, de forma a ser possível retomar quaisquer que sejam suas atividades, ou tomar livremente alguma decisão. A parte que fala normalmente é uma pessoa só, que esteja passando por um momento emocional difícil – é quem *recebe* o apoio. Ela não precisa se preocupar com os termos do que vai falar nem mesmo de nada relacionado a Comunicação Não-Violenta, ela pode pensar em sua atividade como um simples “desabafo”.

A parte que escuta pode ser composta de mais de uma pessoa. Não importa o que está sendo dito pela parte que fala, mas sim identificar o que é importante para ela, em termos de sentimentos que ali apareçam e quais necessidades estão ou não sendo atendidas. Após a escuta, deve-se oferecer uma checagem através dos três passos: (1) observação, ou uma paráfrase do que foi dito, seguido de uma identificação dos (2) sentimentos expostos e uma tentativa de ligação com as (3) necessidades da parte que falou. Pergunta-se se a compreensão está correta. O processo é repetido quantas vezes for necessário, idealmente, até que se chega em uma identidade entre o que ambas partes falam, e a empatia é alcançada.

No caso exposto, as pessoas envolvidas na escuta não faziam parte dos acontecimentos relatados pela parte falante. Assim, não havia um contexto de relações no qual as partes estivessem inseridas, isto é, a parte falante e a parte que escuta, afora esta interação, são compostas por estranhos que não participam de projetos em comum. Assim, não há outros interesses conflitantes como poderia haver, caso fossem pessoas envolvidas amorosamente, ou que trabalham juntas etc.

5.3.2 Grupo de Estudos de CNV

Fazia cerca de seis meses que um grupo de amigas e amigos havia aberto um outro restaurante autogestionário quando fizeram o chamado para um grupo de Comunicação Não-Violenta, em Agosto de 2017. Este manifestava a intenção de construir apoio mútuo e relações mais saudáveis, através de um grupo fixo de prática em CNV, com encontros semanais de duas horas de duração, sem necessidade de frequência nas participações individuais, embora se encorajasse a presença contínua. Embora não seja possível nem parte do escopo deste projeto analisar o impacto nas relações do coletivo, cabe comentar que apenas uma pessoa integrante deste teve presença continuada no grupo de CNV, as demais sendo pessoas de fora (como eu). Vide a Entrevista II, “seria um grupo para a galera do coletivo poder criar e fortalecer ferramentas para cuidar do grupo, e não colocar essa responsabilidade em uma pessoa, seja de dentro do coletivo ou de fora” (C., 2018).

A primeira noite recebeu entre 30 e 40 pessoas, sendo facilitada por três pessoas que não viriam a participar dos encontros seguintes, mas que tinham experiência com CNV. A dinâmica foi de perguntar às pessoas o que era mais importante para elas e ir anotando as respostas em uma cartolina, como maneira de chegar em um lugar comunal de necessidades. Uma explicação mais detalhada de práticas envolvendo os quatro passos ocorreu. Foi decidido ainda, que aquele seria um grupo de estudos, isto é, onde fossem ser exercitadas práticas de Comunicação Não-Violenta visando o aprendizado destas pelas participantes, mas não seria um grupo de apoio, para o qual pudessem ser feitos pedidos de escutas para situações reais. De qualquer forma, nas reuniões seguintes houve acordos e estabelecimento de meios para chamadas de apoio que passaram a ocorrer em paralelo ao grupo.

Desde o início também foi acordado que seria mantida uma reserva de dinheiro advinda de doações voluntárias para auxiliar na participação do grupo, seja com pagamento de transporte ou quaisquer outras demandas, como lembra o interlocutor da Entrevista II (C., 2018). O acesso ao grupo não fora condicionado de maneira alguma pelas doações, nem se requereu normas para a retirada ou doação dos valores, simplesmente foi criado um fundo no qual todas pessoas poderiam ter acesso conforme entendessem ser necessário. A participação no grupo era (e é) gratuita.

O funcionamento dos encontros seguintes se deu pela proposta de roteiros de exercícios de Comunicação Não-Violenta (que se expõe com mais detalhes a seguir). Normalmente entre sete e dez pessoas compareciam, posteriormente o grupo caiu para cerca de cinco pessoas por encontro, embora nunca tenha havido limite de pessoas para participar, apenas um quorum mínimo de três.

Qualquer pessoa poderia propor tais exercícios e se deliberava rapidamente pelo aceite das propostas, não havendo qualquer tipo de estrutura organizacional como cargos ou funções específicas.

Tal configuração foi o que acabou ocorrendo, não o que era previsto de início. Os acordos de início sobre o funcionamento do grupo foram discutidos nas reuniões iniciais e o desfecho poderia ter sido diferente. No entanto, houve um pequeno cerimonial constituído pela exposição das intenções com a evocação do grupo, a delimitação da proposta em utilizar Comunicação Não-Violenta, etc. Posteriormente, uma pessoa se ofereceu para trazer roteiros de exercícios quinzenalmente, o que gerou uma reorganização do grupo pois também foi acordado que nessas datas os encontros fossem fechados a pessoas que já tivessem um mínimo de contato com a CNV – e posteriormente esse acordo se desfez e novos arranjos foram feitos. Entendo estas práticas de acordos como as estruturas que colocam entre parênteses as práticas litúrgicas dos exercícios e que permitem a abertura à incerteza e a flexibilidade que protegem a liturgia de perder seu caráter convivial, enquanto também garantem a continuidade dos encontros e que ocorra a performance dos exercícios.

5.3.2.1 Exercícios: Simulação com “Anjo” e “Verdade” Seguida de Pedido

Dois exercícios em especial foram repetidos de diferentes formas. O primeiro deles requer que a parte falante traga uma situação difícil emocionalmente que vivera, representada em uma fala que alguém lhe tenha dito, como por exemplo “saia daqui!”. Outra parte repetirá esta frase, como maneira da parte falante reviver o momento e tentar responder oferecendo empatia dentro da forma da CNV, auxiliada por um “anjo”: esta é uma terceira pessoa que oferece escuta empática para a parte falante, que pode interromper a cena para ter acesso a essa escuta a qualquer momento.

O segundo exercício ocorre em alguns passos. As pessoas presentes devem pensar em uma “verdade” sobre alguém, que nunca tenha sido dita ou que não seria dita, é dizer, pensar algum aspecto de sua relação com alguém que não tenha sido exposto e seja incômodo. Em um segundo momento, devem dizer esta “verdade” a outra pessoa, no formato do exercício do “anjo”. Posteriormente, deve-se pensar em um pedido – nos “moldes” da CNV, que seja positivo, factível, específico e negável, e fazê-lo a outra parte. Então, a outra parte negará este pedido, e é requerido que se tente buscar a empatia com esta pessoa.

Estes exercícios são interessantes do ponto de vista de uma pessoa “de fora” da situação real, isto é, alguém outro que a parte falante, por evidenciar a cegueira que o envolvimento causa. Várias

vezes pareceu muito claro o que seria importante para a pessoa que falou a frase disparadora, ou seja, o que a parte falante precisaria entender para poder oferecer empatia, o quanto é difícil pôr de lado a resposta emocional que é disparada. Também vale notar que não é necessário que se conheça o contexto que origina a frase trazida, de forma que a parte falante tem liberdade para inserir o fim do qual esse exercício é o meio, isto é, como agir na situação real. Isto também só parece ser possível contanto que não haja participação das demais participantes do exercício na situação real. A parte falante é trazida à situação de confrontar sua sensação corpórea para encontrar qualquer que seja a resolução que dará para a situação trazida.

Quanto às relações suscitadas, parece interessante chamar a atenção para criação do hábito de separar o “querer vencer” da resolução de conflitos em relacionamentos. A prática requer uma abertura para perceber a pessoa por trás de uma atitude que julgamos ruim, irritante ou inconveniente – poderia dizer inclusive que é só isso que é feito. Dessa forma, não se trata e não pode se tratar de estabelecer quem está certo ou errado, apenas considerar o que está sendo posto, desmoralizar a situação. Para isso, é necessário que seja possível ler *tudo* que está sendo comunicado, as palavras, o tom de voz, a expressão corporal – a atmosfera do que está sendo posto. O processo pode levar horas. Medir o “tamanho” da reclamação, a gravidade do que ocorreu, diagnosticar uma solução são tentações muito presentes, mas que não representam mais do que estorvos. É apenas a pessoa que traz a situação que é capaz de identificar qual a *sua* verdade naquilo que é discutido. É uma abordagem impassível de ser reduzida a normas.

O enquadramento do significado não pode ser dado de antemão seja pela organização/ambiente no qual os exercícios (as ferramentas organizacionais) ocorrem, seja conscientemente, seja pela mera continuidade de outras relações preexistentes. O único exercício possível a ser realizado pelas demais pessoas além da falante é de tentar entender, tentar *sentir* o significado, a singularização que acontece a partir da performance daquela liturgia evocada pelo exercício *na pessoa falante*, que torna-se o modelo de transmissão às demais presentes. Isso faz com que a disseminação dos conhecimentos de aplicação genérica do exercício e da CNV em geral torne-se desejável, como comentado na Entrevista II:

não adianta eu treinar muito e virar um “mestre *jedi*”, que domina completamente a Comunicação Não-Violenta, que não vai ser possível eu pegar e ligar a chavezinha de Comunicação Não-Violenta em todas as pessoas, sabe? [...]tenho pensado muito mais em como poder fazer para construir isso de uma maneira mais ampla com as pessoas com quem eu vivo para que seja possível cada um... Não ser todo mundo “*jedi*” mas conseguir que mais pessoas pensem minimamente instrumentando isso, o resultado talvez seja potencializado [...] (C., 2018).

5.3.2.2 “*Check-in*” e Pares Empáticos

Chamo a atenção ainda para o desenvolvimento de um hábito comum às participantes do grupo de estudos: pedir ajuda. Ao mesmo tempo que se entende existir uma autorresponsabilização dos sentimentos de cada pessoa, não se espera que seja possível lidar com isso sozinha(o). Para ajudar a ilustrar, trago duas atividades do grupo: o “*check-in*” e os pares empáticos.

O “*check-in*”, apesar do anglicismo toscano, é um procedimento interessante. É uma prática de “afinação” emocional para o início dos encontros, nos quais se estipula um tempo de fala para uma pequena escuta empática. Em um dos encontros, um dos colegas de grupo trouxe que estava tendo uma semana difícil, citou um ocorrido, uma fala de uma pessoa que o tinha deixado para baixo. É válido dizer que eu não conheço este colega para além do grupo nem tenho maiores afinidades com ele. Ao expôr a situação, era evidente a fragilidade que carregava consigo. Ao final do exercício houve um abraço, choro e uma sensação de alívio. Apesar da deliberação de ser um grupo de estudos, a conexão faz do apoio algo presente.

Outra prática suscitada a partir do grupo são os chamados “pares empáticos”. Os presentes se dividiram em duplas que fizeram acordos de oferecer escutas empáticas semanalmente uns aos outros, com tempo previamente estipulado para fala. Aqui parece interessante o relato da Entrevista III. A interlocutora conta sua experiência com a prática, com encontros presenciais e semanais de uma hora, com falas e checagens com tempos estipulados. Esta relação criou uma intimidade:

A gente começou isso e isso foi se tornando numa coisa muito interessante, assim, quando [...] a gente já tava fazendo o encontro fazia uns cinco ou seis meses [...] a gente começou a perceber que a gente ‘tava muito afim de fazer outras coisas juntas também, e que por causa que ela já não ‘tava muito disponível de tempo [...] todas as vezes que a gente se encontrava eram vezes que a gente se encontrava só pra fazer o par. [...] E a gente começou a pensar [...] ‘e se a gente parasse de fazer o par dessa forma que a gente faz e resolvesse fazer isso de uma outra forma? Porque a verdade é que agora eu quero curtir essa amizade!’ Sabe, que se formou e que não existia, a gente não se conhecia... E foi muito interessante, curioso [...] porque eu gostava muito do espaço que a gente criava juntas de escuta, a gente praticamente parou, assim, de fazer as escutas entre nós e a gente começou a fazer outras coisas juntas que tem sido sempre incrível... Mas não é mais dentro desse espaço controlado de tempo, de compromisso e tal. [...] É muito diferente de todas as outras relações que eu já tive na vida. (V., 2018).

É claro que seria de um simplismo crasso dizer que a ferramenta do par empático sozinha fomenta amizades, existem vários condicionantes que permitem que isso tenha ocorrido. No entanto, é interessante notar este ocorrido, é certo que as relações suscitadas pela ferramenta organizacional, nas condições de livre adesão e sem desequilíbrios de poder, foram de atenção para as pessoas presentes.

O entendimento do que é Comunicação Não-Violenta neste grupo estava ligado a este incapturável florescer de relações, e o receio de sua esterilização estava presente. Após um ano de encontros, foi sugerido que uma pequena publicação fosse montada com as práticas que fazíamos – sugestão que foi recebida com o receio de que iríamos “institucionalizar” a Comunicação Não-Violenta. Temia-se que ao objetificar nossas práticas, estas pudessem ser lidas como um programa, que hoje entendo como um programa computacional, no qual basta seguir estritamente o que ali está escrito, e assim “matar” a CNV. É um erro que o entrevistado da Entrevista I alerta: “tem pessoas que [...] confundem, entendem que CNV é a técnica, não que a técnica é uma sistematização possível que tenta estimular e dar base pra práticas” (P., 2018).

5.3.3 A CNV Institucionalizada

Retomemos aqui a análise documental da Comunicação Não-Violenta. A última seção do livro de Marshall Rosenberg (2006, p. 283) intitulada “Sobre o CNVC e a CNV” começa com os dados do *Center for Non-Violent Communication*, seguida de uma exposição de ideologia empresarial do centro, isto é, seus “propósito, missão, história e projetos”. Posteriormente se expõe que o centro dispõe de “mais de cem instrutores certificados [...] ajudando a evitar e resolver conflitos em escolas, empresas, instituições de saúde, prisões, grupos comunitários e famílias” (ROSENBERG, 2006, p. 285). Em seguida expõe que a CNV fora introduzida em “locais dilacerados pela guerra”, como a “Colômbia e o Oriente Médio” (ROSENBERG, 2006, p. 285). Isto implica em uma série de questões.

Primeiramente, há uma instituição central que confere certificações em CNV para pessoas. De fato, o sítio do Instituto CNV Brasil expõe treinamentos com “treinadores” certificados pelo CNVC. Ora, como é lugar comum na análise institucional, este é um processo que busca atrair legitimação à organização, em chave illichiana, reconhece-se uma proto-profissão de efeito incapacitante, ou seja, é uma situação muito próxima a declaração de exclusividade da prática por parte de uma classe profissional, bem como de sua prescrição, em suma, do controle de seu uso. Isto operaria a passagem de uma ferramenta convivial para uma manipuladora. Uma possível “defesa” seria dizer que é necessário que se faça isso para que haja um mínimo de legitimidade e confiança por parte de um público, no entanto os efeitos não parecem ser alterados com tal justificativa.

Em segundo lugar, é problemática a concepção empresarial do centro e a própria venda da prática como consultoria empresarial. No próprio livro há uma subscrição ao imperativo da produtividade, encontramos a CNV como algo a ser utilizado por um departamento de Recursos Humanos: “Se o desempenho de um trabalhador é guiado pelo medo da punição, o serviço é feito,

mas o moral é afetado; mais cedo ou mais tarde a produtividade diminuirá.” (ROSENBERG, 2006, p. 227). Parece incompatível a premissa de que se busca fomentar ações “de coração” e relações trabalhador-empregado, pois em algum momento o subordinado não terá vontade de desempenhar alguma tarefa – inevitavelmente a CNV será tratada como uma ferramenta motivacional, como sugere a passagem exposta. A única situação condizente com os postulados da CNV seria o trabalhador adotar a postura do copista Bartleby (MELVILLE, 2008), que diz a seu chefe que “preferiria não” fazer seu serviço. No entanto, diferentemente do que acontece ao personagem, o resultado mais previsível seria a perda do emprego, que nos leva ao próximo problema: o voluntarismo das relações que parece estar pressuposto. Para ser brando, é ingênuo entender que as relações de trabalho são voluntárias, que basta escolher não trabalhar ou que há liberdade para se expor sinceramente em uma relação de trabalho. Em uma empresa, um dos lados tem o monopólio da seleção de quem fará parte da organização, de onde se deriva os meios para viabilizar a vida. Acredito não serem necessárias maiores explicações deste ponto, especialmente em um país desigual como o Brasil. Parece haver, na intenção de vender consultoria em Comunicação Não-Violenta, uma naturalização do mundo na situação em que ele está: podemos ter diferentes estratégias para satisfazer nossas necessidades, mas o mercado, o Estado e os arranjos institucionais são estruturas imutáveis! A convivialidade é impossível dentro de tal visão.

Sobre as práticas em escolas, instituições de saúde e prisões, ilustro com outra passagem do livro na qual Rosenberg reproduz o relato do uso da Comunicação Não-Violenta para acalmar uma multidão revoltada e para conduzir uma prisão, por parte de um policial:

Apenas alguns dias depois de nossa aula fui prender alguém num conjunto habitacional. Quando eu o trouxe para fora, meu carro foi cercado por cerca de sessenta pessoas gritando coisas como: ‘Solte-o! Ele não fez nada! Vocês da polícia são um bando de porcos racistas!’ Embora eu estivesse cético de que a empatia pudesse ajudar, eu não tinha muitas outras opções. Então, disse os sentimentos que estavam chegando a mim, coisas como: ‘Então vocês não confiam em meus motivos para prender este homem? Vocês acham que tem a ver com a raça?’ depois de vários minutos continuando a dar voz a seus sentimentos, o grupo ficou menos hostil. No final, eles abriram caminho para que eu chegasse até meu carro. (ANÔNIMO *apud* ROSENBERG, 2006, p. 166)

Percebe-se uma instrumentalização da Comunicação Não-Violenta na condução de um processo coercitivo, seu uso como artifício disponível para o exercício da dominação. É surpreendente e triste que esta passagem além de existir conste no livro como se não fosse lamentável, dada a clareza com que expõe a possibilidade de outro uso da CNV: a CNV como dispositivo de desarme, como meio de obter uma vantagem em um conflito de baixa intensidade (que é o uso que concebo por parte dos departamentos de Recursos Humanos). No entanto, parece fazer sentido com a visão de mundo de Rosenberg, que parece entender que o sistema penitenciário é justo: “a premissa por trás do uso protetor da força é que algumas pessoas se comportam de

maneira prejudicial a si mesmas e ao outros, devido a algum tipo de ignorância.” (ROSENBERG, 2006, p. 224). O amor ao próximo se traduz em prescrição de modo de vida, o acesso ao conhecimento, ou a uma tecnologia “superior” se traduz em uma “ajuda” que mais parece uma camisa de força, tal qual o plano desenvolvimentista. Assim, através da Comunicação Não-Violenta, se suaviza a ira do outro lado de um conflito para que seja possível usufruir da posição dominante que o arranjo da topologia mental possa vir a fornecer, como é o caso, a empresas, ao braço coercitivo do Estado e as instituições manipulativas que Illich criticara ao longo de sua vida. Percebemos uma inscrição da Comunicação Não-Violenta no tecido cibernético social, a sua *algoritmização*. De fato, não estaria “empatia” se tornando uma palavra-ameba?

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É o caráter da informação que estrutura a interação e o significado entre atores sociais (Cooper, 1986, p. 306). Por isso, deve ser dado *a posteriori* por quem vier utilizar a ferramenta organizacional, se quisermos manter seu caráter convivial. O enquadramento que é feito em uma organização de modo a garantir determinados resultados também garante um caráter informacional *a priori* nos processos que buscam realizar tais resultados, um excesso sempre circunda os circuitos fechados de uma organização – e é necessário para que o “interior” desta se mantenha “puro”, é o que Cooper chama de “grau zero de organização”. No fechamento de um processo organizacional cujo propósito e significado é dado *a priori* ocorre uma definição arbitrária do que seria uma origem fixa que confere credibilidade e autoridade a um mito originado por tal organização. Tal criação arbitrária cria uma falta, que deve ser preenchida – tal falta caracteriza o jogo que é possível graças ao excesso, o grau zero, que fora excluído na definição da origem fixa do sistema organizacional (Cooper, 1986). Sendo o grau zero um excesso, o sistema organizacional é uma redução, uma *racionalização*, exigida para sua própria existência – que nada tem de transcendental, mas que implica em escolhas éticas, estéticas e políticas. A organização, enquanto poder social, é “a transformação forçosa da indecidibilidade em decidibilidade” (COOPER, 1986, p. 323, tradução livre).

O trabalho de Illich chama a atenção para a contraprodutividade ocasionada pela desmedida da esfera industrial (e *racional*) de produção. Na Era dos Sistemas, a decidibilidade é promovida em tal grau que as interações entre as pessoas tendem a ser reduzidas a uma interface entre sistemas, os mitos da economia – o crescimento, a acumulação etc. – se inscrevem ciberneticamente e configuram uma topografia mental e um enquadramento que submete a vida a seus moldes, havendo uma programação tecno-linguística na qual há uma auto-submissão às intenções previamente configuradas nos sistemas sociais através das ferramentas manipulativas. Isso tudo passa despercebido por Rosenberg e seus seguidores que oferecem a Comunicação Não-Violenta como consultoria empresarial: quando falamos em operar o limite entre o manipulativo e o convivial de maneira alguma entendemos que inscrevendo ferramentas organizacionais conviviais em sistemas manipulativos se transforma o caráter destes últimos, o que ocorre é o contrário. Não é surpresa que no ponto de vista das pessoas entrevistadas existam “duas CNVs”, no entanto, é preciso notar o papel do próprio Marshall Rosenberg na criação desta prática comercial que acarreta na corrupção de sua própria criação.

A partir da definição de ferramenta organizacional como liturgias ou procedimentos organizacionais que se configuram com maior ou menor intensidade dentro de rituais, entendemos que não é a Comunicação Não-Violenta propriamente dita que é enquadrada como ferramenta organizacional, senão que as diferentes expressões de práticas baseadas nela, sendo as expostas neste trabalho as escutas empáticas, a simulação com “anjo”, a “verdade” seguida de pedido, o *check-in* e os pares empáticos. **Os princípios de operação destas ferramentas não estão livres de um contexto.** A CNV é plenamente contingente e para que seja possível alcançá-la, o caráter informacional de uma organização **não pode antecê-la, sob pena de torná-la uma ferramenta manipulativa**, isto é, perder seu caráter convivial.

Entende-se que no grupo de estudos de CNV estudado foram dadas as condições para que as ferramentas organizacionais mantivessem seu caráter convivial. Isso suscitou entre as pessoas mais intensidade nos contatos, emergindo práticas afetivas e de amizade. A abertura à incerteza necessária à convivialidade do processo também se traduz no resgate à sensibilidade para a presença de outras pessoas e sua percepção com relação aos acontecimentos à sua volta.

Desenvolveram-se práticas para um intercâmbio harmonioso entre as pessoas e a capacidade de acolher aquilo que é estranho, além de pequenas práticas de reprodução da vida de maneira não-mercantil ao passo que se constrói cuidado mútuo entre as pessoas de maneira não profissional, criando um espaço que não separa as pessoas entre clientes e prestadores de serviço e busca-se encontrar meios de participação e realização do grupo desvinculados de pagamentos. Isto é um caminho, um início possível para o reconhecimento de limites, a recuperação do senso de proporção para a vida associada, para além do utilitarismo adaptativo e da administração técnica.

Reiterando que a proposta não é a supressão das dimensões utilitárias e da administração técnica, senão que uma menor proporção destes de forma que venham a servir os interesses autônomos das pessoas, que as ferramentas sirvam às pessoas e não o contrário. O enquadramento sistêmico e a submissão pessoal a sistemas manipulativos, dentro de limites preestabelecidos e respeitosos a um senso de proporção são úteis à medida que produzem bens necessários à reprodução da vida.

Estas são as respostas às nossas perguntas iniciais apresentadas no capítulo 4, ainda que um tanto incipientes. Os modos de interação suscitados aproximam-se da convivialidade conforme, por um lado, permitam interações incorporadas e o reconhecimento pleno entre as pessoas presentes e, por outro, seja possível estabelecer o caráter informacional a posteriori, por quem vier a utilizar a

ferramenta, para que expresse suas intenções e não apenas cumpra um papel definido remotamente. A postura entre parênteses de uma prática ritualística conforme discutido anteriormente e a ausência de distorções causadas pelo contexto ou ambiente no qual a ferramenta organizacional é utilizada permitiriam o uso convivial do que seria, do contrário, uma ferramenta manipulativa. Eis que as ferramentas organizacionais embasadas em Comunicação Não-Violenta podem ser tanto conviviais quanto manipulativas.

Foi apresentada uma aproximação inicial de Ivan Illich com a literatura sobre rituais em organizações. Entende-se, no entanto que maiores discussões seriam frutíferas, para um refinamento da abordagem na área a partir das contribuições illichianas, bem como sua aproximação com diferentes aspectos já abordados tratando de rituais e sua relação com cultura organizacional e institucionalização. A crítica illichiana permite, por óbvio, críticas à análise institucional e à análise de sistemas abertos, mas sobretudo parece interessante o desenvolvimento de futuras pesquisas em torno da ideia de *organizing*, pela compatibilidade do caráter fluído do organizar necessário à convivialidade.

Esta dissertação buscou expor o pensamento de Ivan Illich, buscando aproximá-lo dos Estudos Organizacionais. Alguns trabalhos utilizando os escritos do autor na área já existem, como os de Daher e Seifert (2018), Seifert e Vizeu (2015, 2015b) e Casagrande (2018), mas exposições detalhadas da obra do autor permanecem escassas em língua portuguesa, embora haja trabalhos disponíveis, como o de Leão Neto (2017). Vale ressaltar o quão recentes são estas obras, isto parece indicar que Agamben estava certo, é chegada a “hora de legibilidade” para a obra de Illich.

Percebe-se, ainda, paralelos com abordagens foucaultianas na obra de Illich. Tomemos o artigo de Hasselbladh e Kallinikos (2000), no qual se expõe o processo de institucionalização através de ideais, discursos e técnicas de controle, identificando um acompanhamento da linguagem enquanto forma de objetificação como linguagem oral (associada a ideais), linguagem escrita (associada aos discursos) e codificação formal (associada as técnicas de controle). Além disso os autores também chamam a atenção para uma contraparte subjetiva necessária à institucionalização. Ora, não por acaso Agamben, que desenvolve a ideia foucaultiana de biopoder, está entre os autores interessados na obra de Illich.

Os autores expõem ainda que “uma teoria da institucionalização deve [...] ser capaz de reportar as formas pelas quais objetos organizacionais, procedimentos e papéis desenvolvem-se e se tornam imbuídos nas organizações” (HASSELBLADH; KALLINIKOS, 2000, p. 703), o que expõe

que se chega a raciocínios muito similares dos expostos no presente documento. Futuras pesquisas poderiam explorar a relação das contribuições foucaultianas e de Agamben com as de Illich para os Estudos Organizacionais. Algumas questões vêm à mente: Qual a relação das ferramentas manipulativas com o biopoder? Quais as relações da desincorporação e do uso de ferramentas conviviais com o cuidado de si? Seria o procedimento um jogo, no sentido dado à palavra por Agamben?

Entende-se que é possível o uso convivial de determinadas ferramentas organizacionais, dadas as condições necessárias. A Comunicação Não-Violenta apresenta uma ambiguidade em seu procedimento que permite a operação do limite convivial-industrial, no entanto é preciso reconhecer que as janelas de abertura para tais experiências podem ser difíceis de encontrar ou perceber. A proposta da convivialidade e o pensamento de Ivan Illich fornecem conceitos para a o entendimento do mundo à nossa volta no século XXI, e permitem um escrutínio do que os diferentes arranjos e práticas organizacionais ensejam em nossas relações, caracterizando um referencial rico para os Estudos Organizacionais.

7. REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Introduzione. In: ILLICH, Ivan. **Gender**: Per una critica storica dell'uguaglianza. Vicenza: Neri Pozza, 2013.

AUGUSTO, Acácio. Juridicialização da vida: democracia e participação. Anarquia e o que resta. **Psicologia & Sociedade**, [s.l.], v. 24, n. , p.31-38, 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-71822012000400006>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24nspe/06.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

BAYON, D.; FLIPO F.; SCHNEIDER, F. **Decrecimiento**: 10 preguntas para comprenderlo y debatirlo. Mataró: Ediciones de intervención cultural/El Viejo Topo, 2011. 236 p. Traduzido do original em francês: La décroissance, 10 questions pour comprendre et en débattre. Paris: Éditions La Découverte, 2010. Tradução: Julia Calzadilla.

BERARDI, Franco Bifo. **Futurabilità**. Roma: Nero Editions, 2018.

BOLLIER, David. **The Quiet Realization of Ivan Illich's Ideas in the Contemporary Commons Movement**. 2013. Disponível em: <<http://www.bollier.org/blog/quiet-realization-ivan-illichs-ideas-contemporary-commons-movement>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

BOLSONARO, J.M. 'Os americanos têm o Vale do Silício, o Brasil precisa ter o Vale do Nióbio', afirma Bolsonaro. 2017. (4m12s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jdt2Biww0ds>>. Acesso em 3 mai. 2019.

BRADLEY, Karin. Bike Kitchens – Spaces for convivial tools. *Journal Of Cleaner Production*, [s.l.], p.1-8, set. 2016. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jclepro.2016.09.208>.

CASAGRANDE, Lucas. O Poliencantamento do Mundo por Meio das Organizações Imediatistas. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Administração – UFRGS, Porto Alegre, 2018.

CASTORIADIS, Cornelius; COHN-BENDIT, Daniel. **Da Ecologia à Autonomia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. 87 p. Tradução: Luiz Roberto Salinas Fortes.

CAYLEY, David; ILLICH, Ivan; KENNEDY, Paul. **Ideas**: Ivan Illich In Memoriam. 2003. Disponível em: <<https://www.davidcayley.com/s/Ivan-Illich-in-Memoriam.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

CAYLEY, David (Ed.). **The Rivers North of the Future**: The Testament of Ivan Illich as told to David Cayley. Toronto: House Of Anansi Press, 2005.

CLOSS, Daniéli. **Comunicação Não-Violenta nas Empresas**: Importância e Práticas da CNV. 2019. Disponível em: <<https://endomarketing.tv/comunicacao-nao-violenta-nas-empresas/>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

CONVIVIALISTAS, Os. O Manifesto Convivialista. In: CAILLÉ, Alain; VANDENBERGHE, Frédéric; VÉRAN, Jean-françois (Org.). **Manifesto Convivialista**: Declaração de Interdependência - Edição Brasileira Comentada. São Paulo: Annablume, 2016. p. 21-44.

COOPER, Robert. The Open Field. **Human Relations**, [s.l.], v. 29, n. 11, p.999-1017, nov. 1976. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/001872677602901101>.

COOPER, Robert. Un-timely Mediations: Questing Thought. **Ephemera: Critical Dialogues on Organization**, [s.l.], v. 1, n. 4, p.321-347, nov. 2001. Disponível em: <<http://ephemerajournal.org/sites/default/files/1-4cooper.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2019.

CROALL, Stephen; RANKIN, William. **Conheça Ecologia**. São Paulo: Proposta Editorial, 1981. 174 p.

DAHER, S.; SEIFERT, R. E.. Justiça de Gênero na Organização Convivencial: possibilidade de um espaço de redistribuição, reconhecimento e representação. In: V Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, 2018, Curitiba. Anais V CECEO - Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia** 1. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. 560 p. Tradução de Luiz B. L. Orlandi.

ESPEJO, Roberto. Humanismo radical, decrecimiento y energía: Una lectura de las ideas de Iván Illich. **Polis: Revista Latinoamericana**, [s.l.], v. 21, p.1-14, 2008. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/polis/2853>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

FOUCAULT, Michel. Sobre a Hermenêutica de Si: Curso no Dartmouth College, 1980. In: FOUCAULT, Michel; AVELINO, Nildo (org.). **Do Governo dos Vivos: Curso no Collège de France, 1979-1980 (excertos)**. São Paulo/Rio de Janeiro: CCS/Achiamé, 2011. 2ª ed. 186p.

FROMM, Erich. Introdução. In: ILLICH, Ivan. **Celebração da Consciência**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1976. 2ª ed. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. p. 5-7.

FUNDAÇÃO MAURÍCIO GRABOIS ET AL. **Unidade Para Reconstruir o Brasil**. 2018. Disponível em: <<https://t.co/xfDkDImxl8>>. Acesso em: 19 fev. 2018.

GARCIA, José Luís; JERÓNIMO, Helena Mateus; CARVALHO, Tiago Mesquita. Methodological Luddism: A concept for tying degrowth to the assessment and regulation of technologies. **Journal Of Cleaner Production**, [s.l.], v. 197, p.1647-1653, out. 2018. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jclepro.2017.03.184>.

GEORGESCU-ROEGEN, Nicholas. **The entropy law and the economic process**. Cambridge: Harvard University Press, 1971.

HASSELBLADH, Hans; KALLINIKOS, Jannis. The Project of Rationalization: A Critique and Reappraisal of Neo-Institutionalism in Organization Studies. **Organization Studies**, [s.l.], v. 21, n. 4, p.697-720, jul. 2000. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0170840600214002>.

HANKAMMER, Stephan; KLEER, Robin. Degrowth and collaborative value creation: Reflections on concepts and technologies. **Journal Of Cleaner Production**, [s.l.], p.1-8, mar. 2017. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jclepro.2017.03.046>.

HEIKKURINEN, Pasi et al. Organising in the Anthropocene: an ontological outline for ecocentric theorising. *Journal Of Cleaner Production*, [s.l.], v. 113, p.705-714, fev. 2016. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jclepro.2015.12.016>.

HOINACKI, Lee. Reading Ivan Illich. In: HOINACKI, L.; MITCHAM, C. (eds.). **The Challenges of Ivan Illich: A Collective Reflection**. Nova Iorque: State University of New York Press, 2002. p. 1-8.

HULBERT, Alastair. Don Quixote in the Contemporary Global Tragicomedy. In: HOINACKI, L.; MITCHAM, C. (eds.). **The Challenges of Ivan Illich: A Collective Reflection**. Nova Iorque: State University of New York Press, 2002. p. 163-174.

ILLICH, Ivan. **Tools For Conviviality**. Nova York: Harper & Row Publishers, 1973.

ILLICH, Ivan. **A Expropriação da Saúde: Nêmesis da Medicina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

ILLICH, Ivan. **Celebração da Consciência**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1976. 2ª ed. Tradução de Heloysa de Lima Dantas.

ILLICH, Ivan. A Eloquência do Silêncio. In: ILLICH, Ivan. **Celebração da Consciência**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1976b. 2ª ed. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. p. 35-42.

ILLICH, Ivan. **A Convivencialidade**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1976c.

ILLICH, Ivan. Useful Unemployment and its Professional Enemies. In: ILLICH, Ivan. **Toward a History of Needs**. Berkeley: Heyday Books, 1977.

ILLICH, Ivan. Outwitting Developed Nations. In: ILLICH, Ivan. **Toward a History of Needs**. Berkeley: Heyday Books, 1977b. p. 54-67.

ILLICH, Ivan. **O Direito ao Desemprego Criador: a decadência da idade profissional**. [s.l.]: Editorial Alhambra, 1978. Disponível em: <<https://bit.ly/2PJpmRM>>. Acesso em 29 ago. 2018.

ILLICH, Ivan. Introduction. In: ILLICH, Ivan. **Shadow Work**. Londres: Marion Boyars, 1981.

ILLICH, Ivan. **Gender**. Nova Iorque: Pantheon Books, 1982.

ILLICH, Ivan. **H₂O and the Waters of Forgetfulness: Reflections on the historicity of “stuff”**. Dallas: The Dallas Institute of Humanities and Culture, 1985.

ILLICH, Ivan. BODY HISTORY. **The Lancet**, [s.l.], v. 328, n. 8519, p.1325-1327, dez. 1986. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/s0140-6736\(86\)91446-7](http://dx.doi.org/10.1016/s0140-6736(86)91446-7).

ILLICH, Ivan. Na Ilha do Alfabeto. In: ILLICH et al. **Educação e Liberdade**. Imaginário, São Paulo, 1990. p. 11-36.

ILLICH, Ivan. Computer Literacy and the Cybernetic Dream. In: ILLICH, Ivan. **In the Mirror of the Past: Letters and Addresses 1978-1990**. Nova Iorque: Marion Boyars Publishers, 1992.

ILLICH, Ivan. **In The Vineyard of the Text: A Commentary to Hugh's Didascalion**. Chicago: The University Of Chicago Press, 1993.

ILLICH, Ivan. Death undefeated. **Bmj**, [s.l.], v. 311, n. 7021, p.1652-1653, 23 dez. 1995. BMJ. <http://dx.doi.org/10.1136/bmj.311.7021.1652>.

ILLICH, Ivan. Necesidades. In.: In: SACHS, Wolfgang (Ed.). **Diccionario del Desarrollo: Un guía del conocimiento como poder**. Lima: Pratec, 1996. p. 144-163. Disponível em: <<http://www.uv.mx/mie/files/2012/10/SESSION-6-Sachs-Diccionario-Del-Desarrollo.pdf>>. Acesso em 2 fev. 2018.

ILLICH, Ivan. The Wisdom of Leopold Kohr. **Bulletin Of Science, Technology & Society**, [s.l.], v. 17, n. 4, p.157-165, ago. 1997. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/027046769701700403>.

ILLICH, Ivan. The Cultivation of Conspiracy. In.: HOINACKI, L.; MITCHAM, C. (eds.). **The Challenges of Ivan Illich: A Collective Reflection**. Nova Iorque: State University of New York Press, 2002. p. 233-242.

ILLICH, Ivan. Energia e Equidade. In: LUDD, Ned (Org.). **Apocalipse Motorizado: A tirania do automóvel em um planeta poluído**. São Paulo: Conrad, 2005. p. 33-72.

ILLICH, Ivan. **Sociedade Sem Escolas**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2018. Tradução de: Lúcia Mathilde Endlich Orth

ILLICH, Ivan; SANDERS, Barry. **ABC: The Alphabetization of the Popular Mind**. San Francisco: North Point Press, 1988.

ISLAM, G. Rituals in Organizations: Rupture, Repetition and the Institutional Event. In: Mir, R.; Willmott, H.; Greenwood, M. (eds.). **The Routledge Companion to Philosophy in Organization Studies**. [s.l.]: Routledge, 2015. p. 542-549.

JOHNSON, Gerry et al. The Ritualization of Strategy Workshops. **Organization Studies**, [s.l.], v. 31, n. 12, p.1589-1618, 11 out. 2010. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0170840610376146>.

KALLIS, Giorgos; DEMARIA, Federico; D'ALISA, Giacomo. Introdução: Decrescimento. In: D'ALISA, Giacomo; DEMARIA, Federico; KALLIS, Giorgos (Org.). **Decrescimento: Vocabulário Para um Novo Mundo**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2016. p. 21-42.

KENT, Michael L.; SAFFER, Adam J.. A Delphi study of the future of new technology research in public relations. **Public Relations Review**, [s.l.], v. 40, n. 3, p.568-576, set. 2014. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.pubrev.2014.02.008>.

KENT, Michael L.; TAYLOR, Maureen. Building dialogic relationships through the World Wide Web. **Public Relations Review**, [s.l.], v. 3, n. 24, p.321-334, 1998.

KERSCHNER, Christian et al. Special volume: technology and Degrowth. **Journal Of Cleaner Production**, [s.l.], v. 108, p.31-33, dez. 2015. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jclepro.2015.06.107>.

KERSCHNER, Christian et al. Degrowth and Technology: Towards feasible, viable, appropriate and convivial imaginaries. **Journal Of Cleaner Production**, [s.l.], p.1-47, jul. 2018. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jclepro.2018.07.147>.

KRÜGER, Oscar; BURKHART, Corinna. Automobility and Hospitality. **The International Journal Of Illich Studies**, [s.l.], v. 5, n. 1, p.25-43, 2016. Disponível em: <<https://journals.psu.edu/illichstudies/article/view/60119/60050>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

LATOUCHE, Serge. O Decrescimento como Condição de uma Sociedade Convivial. **Cadernos IHU Ideias**, São Leopoldo, n. 56, ano 4, 2006.

LATOUCHE, Serge. **La Scomessa Della Decrescita**. 3. ed. Milão: Giangiacomo Feltrinelli Editore, 2008. (Serie Bianca Feltrinelli).

LEÃO NETO, Edson Pereira de Souza. **Ivan Illich**: uma aproximação com sua trajetória-obra (1926-1967). 2017. 117 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ecologia Aplicada, Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2017.

LLENA, Claude et al. **Desfazer o desenvolvimento para refazer o mundo**. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2009. 192 p. Trad. José Maria de Almeida.

LULA DA SILVA, L. I.. Entrevista com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. 2019. (7m46s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ogAiWhBVTQg>>. Acesso em: 3 mai. 2019.

MATTOS, Pedro Lincoln C. L. de. Análise de Entrevistas Não Estruturadas: da Formalização à Pragmática da Linguagem. In: SILVA, Anielson Barbosa da; GODÓI, Cristiane K.; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo (Ed.). **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais**: Paradigmas, Estratégias e Métodos. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2011. Cap. 12. p. 347-373.

MEADOWS, Donella H.; MEADOWS, Dennis L.; RANDERS, Jorgen; BEHRENS III, W. W. Limites do Crescimento: Um relatório para o projeto do Clube de Roma sobre o dilema da humanidade. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

MELVILLE, Herman. Bartleby, O Escrivão. In.: AGAMBEN, Giorgio. **Bartleby**: Escrita da Potência. Lisboa: Assírio e Alvim, 2008. p. 73-115.

MORGAN, Gareth. **Imagens da Organização**. São Paulo: Atlas, 2006. 2ª ed. Tradução de: Geni G. Goldschmidt.

MOTTA, Fernando C. Prestes. Tecnoburocracia e Educação Formal. **Educação & Sociedade**, [s.l.], v. 23, p.50-78, 1986. Disponível em: <<http://fernandoprestesmotta.com.br/doc/tecnoburocraciaeeducacao2.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

NUNES, Andrea dos Santos Pereira. **Você sabe o que é comunicação não violenta?**: Conheça 4 passos para uma comunicação empática e compassiva no ambiente de trabalho. 2019. Disponível em: <<https://www.blogsenacsp.com.br/comunicacao-nao-violenta/>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Editora Nacional, 2005. 29ª ed. 301p.

PORTAL PLANALTO, 2017. Temer: "Agora vamos para o desenvolvimento do nosso País". Disponível em <<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-planalto/noticias/2017/02/brasil-tera-crescimento-economico-com-o-fim-da-recessao-diz-temer>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

RAPLEY, Tim. Interviews. In: SEALE, Clive et al (Ed.). **Qualitative Research Practice**. Londres: Sage, 2007. Cap. 1. p. 15-33.

REED-DANAHAY, Deborah E.. Introduction. In: REED-DANAHAY, Deborah E. (Ed.). **Auto/Ethnography.: Rewriting the Self and the Social**. Nova Iorque: Berg, 1997. Cap. 1. p. 1-20. Disponível em: <http://lib1.org/_ads/7AFB277B87C1AD1A88232EEBEED00231>. Acesso em: 14 out. 2018.

ROSENBERG, Marshall B.. **Comunicação Não-Violenta: Técnicas para Aprimorar Relacionamentos Pessoais e Profissionais**. São Paulo: Editora Ágora, 2006. Tradução de Mário Vilela.

ROSENBERG, Marshall. The Purpose of Nonviolent Communication. 2016. (13m07s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Lr8j5hTg7xY>>. Acesso em 10 abr. 2019.

ROSENBERG, Marshall. Dinheiro: Uma Abordagem Radical. 2018. (25m26s). Disponível em: <<https://vimeo.com/257389038>>. Acesso em 30 abr. 2019.

SAMERSKI, Silja. Tools for degrowth? Ivan Illich's critique of technology revisited. **Journal Of Cleaner Production**, [s.l.], p.1-10, out. 2016. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jclepro.2016.10.039>.

SCHUMACHER, E.F. **O Negócio é Ser Pequeno: Um estudo sobre economia que leva em conta as pessoas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. 261 p. Tradução de: Otávio Alves Velho.

SEIFERT, Rene Eugenio; VIZEU, Fabio. Crescimento organizacional: uma ideologia gerencial? RAC-Revista de Administração Contemporânea, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, v. 19, n. 1, 2015.

SEIFERT, Rene Eugenio; VIZEU, Fabio. Tréplica - davi e golias: Possibilidades de ruptura ao gigantismo em estudos organizacionais e de gestão. RAC-Revista de Administração Contemporânea, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, v. 19, n. 1, 2015b.

SILVA, Juremir Machado da (Porto Alegre) (Ed.). Entrevista/Thomas Piketty: : Lições de Literatura, História e Economia. Correio do Povo. Porto Alegre, 30 set. 2017. Caderno de Sábado, p. 02-02. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/wp-content/uploads/2017/09/30CADERNO_SABADO02.jpg>. Acesso em: 03 out. 2017.

SOMMERFELDT, Erich J.; KENT, Michael L.; TAYLOR, Maureen. Activist practitioner perspectives of website public relations: Why aren't activist websites fulfilling the dialogic promise?. **Public Relations Review**, [s.l.], v. 38, n. 2, p.303-312, jun. 2012. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.pubrev.2012.01.001>.

SPRY, Tami. Performing Autoethnography: An Embodied Methodological Praxis. **Qualitative Inquiry**, [s.l.], v. 7, n. 6, p.706-732, dez. 2001. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/107780040100700605>.

SMITH, Aaron C. T.; STEWART, Bob. Organizational Rituals: Features, Functions and Mechanisms. **International Journal Of Management Reviews**, [s.l.], v. 13, n. 2, p.113-133, 19 jul. 2010. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1468-2370.2010.00288.x>.

THE CENTER FOR NONVIOLENT COMMUNICATION. **What is NVC**. 2014. Disponível em: <<https://www.cnvc.org/about/what-is-nvc.html>>. Acesso em 14 out. 2018.

VALENTIM, M.A.. Fascismo, a Política Oficial do Antropoceno. 2018. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7484-fascismo-a-politica-oficial-do-antropoceno>>. Acesso em: 03 maio 2019.

VÉRAN, Jean-françois; VANDENBERGHE, Frédéric. Introdução: Mais um Manifesto? In.: CAILLÉ, Alain; VANDENBERGHE, Frédéric; VÉRAN, Jean-françois (Org.). **Manifesto Convivialista: Declaração de Interdependência - Edição Brasileira Comentada**. São Paulo: Annablume, 2016. p. 9-18.

VETTER, Andrea. The Matrix of Convivial Technology – Assessing technologies for degrowth. **Journal Of Cleaner Production**, [s.l.], p.1-9, mar. 2017. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jclepro.2017.02.195>.

WENTWORTH, Bob. **Roles of the Four Components of NVC**. [20--]. Disponível em: <<http://capitalnvc.net/bobrolesofcomponents>>. Acesso em: 10 out. 2018.

ZALDÍVAR, Jon Igelmo. La Universidad de la Tierra en México.: Una Propuesta de Aprendizaje Convivencial. In: HUERTA, J.I. Hernandez; BLANCO, L. Sanchez; MIRANDA, I. Pérez (Ed.). **La Infancia Ayer y Hoy**. [s.l.]: Globalia Salamanca, 2009. p. 285-298. Disponível em: <http://www.academia.edu/download/32030126/II_004.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2018.

8. ANEXO I: MATRIZ DE TECNOLOGIAS CONVIVIAIS

Dimensões // níveis – Considerações sobre níveis –	Materiais		Produção		Uso		Infraestrutura	
	Coleta, processamento e descarte de matéria-prima	Montagem de matéria-prima e produtos	Montagem de matéria-prima e produtos	Consecução da tarefa para o qual foi construído	Consecução da tarefa para o qual foi construído	Consecução da tarefa para o qual foi construído	Consecução da tarefa para o qual foi construído	Consecução da tarefa para o qual foi construído
Relação O que suscita entre pessoas?	Processo fixo Conceitos de mundo fixos Orientação para o mercado Controle de cima para baixo Organização centralizada Implementação alienada	direto a uso criativo Aprendizagem de diferentes fontes Orientação por necessidades Controle de baixo para cima Organização distribuída Respeita tradições locais	Promove confiança Cria distância Orientação para o mercado Controle de baixo para cima Organização centralizada Processo fixo Cria fronteiras Implementação alienada Cria coisas sem sentido Cria feitura	Promove confiança Apóia a comunidade Permite criatividade Respeita tradições locais Simplifica o cuidado Cria beleza Cria arte Aprimoramento (ali) do corpo Autodeterminação Compulsório	Promove confiança Experiência conjunta Orientação por necessidades Controle de baixo para cima Organização distribuída Processo fixo Respeita tradições locais Cria arte Cria beleza	Promove confiança Apóia a comunidade Permite criatividade Respeita tradições locais Simplifica o cuidado Cria beleza Cria arte Aprimoramento (ali) do corpo Autodeterminação Compulsório	Promove confiança Conecta com eco-processos Orientação para o mercado Controle de baixo para cima Apóia a comunidade Cria arte Cria beleza Humanos como parte inferior de um sistema complexo Simplifica o cuidado	Promove confiança Conecta com eco-processos Orientação para o mercado Controle de baixo para cima Apóia a comunidade Cria arte Cria beleza Humanos como parte inferior de um sistema complexo Simplifica o cuidado
Acessibilidade	Elitista Propriedade de investidor Alto custo Secreto ou patentado Necessita de expertise externa Processos especializados Dificulta a construção de habilidades Abstrato	Aberto a qualquer pessoa propriedade de produtor baixo custo Conhecimento livremente acessível Uso de conhecimento local Processos estandarizados Facilita construção de habilidades Compreensível	Elitista Propriedade de produtor Alto custo Secreto ou patentado Dificulta a construção de habilidades Necessita de expertise externa Abstrato	Utilizável por qualquer pessoa Controlado por investidores Alto custo Baixo custo Necessita de expertise externa Não é capaz de satisfazer necessidades Abstrato Repugnante Reforça limitações culturais	Utilizável por qualquer pessoa Aberto Baixo custo Uso de conhecimento local Satisfaz necessidades básicas Compreensível Atraente Transforma limitações culturais	Utilizável por qualquer pessoa Alto custo Abstrato Reforça limitações culturais Não é capaz de satisfazer necessidades Satisfaz necessidades básicas	Utilizável por qualquer pessoa Alto custo Abstrato Reforça limitações culturais Não é capaz de satisfazer necessidades Satisfaz necessidades básicas	Utilizável por qualquer pessoa Alto custo Compreensível Transforma limitações culturais Satisfaz necessidades básicas
Adaptabilidade Quão independente e conectável é?	Maginário especial Economia de grande escala Condições especiais Materiais especiais	Ferramentas comuns Economia de pequena escala Possível em qualquer lugar Materiais estandarizados	Fixo quando acabado Isolado Tamanho fixo Maginário especial Economia de grande escala Heterógeno Processos de via única Condições especiais Uma peça	Permanente mutável Interoperável Escalável Multifuncional Uso independente possível Reparável por experts Necessita de pesquisa próxima Monolítico Intercambiável Encoraja diversidade Modular	Permanente mutável Interoperável Escalável Multifuncional Uso independente possível Reparável por pessoas hábeis Necessita de pesquisa próxima Autoregulado Intercambiável Encoraja diversidade Modular	Fixo quando acabado Isolado Tamanho fixo Unidimensional Centralizado Uma solução para todos Compulsório Sistemas lineares Reparável por experts Operável apenas de longe	Permanente mutável Interoperável Escalável Multifuncional Distribuído Encoraja diversidade Voluntário Sistemas não-lineares Reparável por pessoas hábeis Operável localmente	
Bio-Interação Como interage com organismos vivos?	Doença/morte Deteriora o solo Polui água Polui o ar Violento Potencialmente danoso Lixo tóxico Apaga processos orgânicos	Promove saúde Melhora o solo Melhora qualidade da água Limpa o ar Não-violento Comprovadamente seguro Biodegradável Permite co-productividade	Doença/morte Deteriora o solo Polui água Polui o ar Violento Potencialmente danoso Lixo tóxico Apaga processos orgânicos	Promove saúde Melhora o solo Melhora qualidade da água Limpa o ar Não-violento Comprovadamente seguro Biodegradável Permite co-productividade	Promove saúde Melhora o solo Melhora qualidade da água Limpa o ar Não-violento Comprovadamente seguro Biodegradável Permite co-productividade	Doença/morte Deteriora o solo Polui água Polui o ar Violento Potencialmente danoso Lixo tóxico Apaga processos orgânicos	Doença/morte Deteriora o solo Polui água Polui o ar Violento Potencialmente danoso Lixo tóxico Apaga processos orgânicos	Promove saúde Melhora o solo Melhora qualidade da água Limpa o ar Não-violento Comprovadamente seguro Biodegradável Permite co-productividade
Apropriação Qual a relação entre resumo e produto considerando o contexto?	Não-renovável Distante Novo Não-reciclável Não-durável Requer trabalho penoso Energia fóssil	Renovável Disponível localmente Reutilizado Facilmente reciclável Durável Permite trabalho agradável Energia renovável	Uso de material perdurário Ferramentas especiais Contraria instalações locais Requer trabalho penoso Cria rejeitos	Sustenta suficiência Reutilizado Durável Utiliza configurações locais Permite tempo agradável Energia renovável Subprodutos são utilizados	Sustenta suficiência Reutilizado Durável Utiliza configurações locais Permite tempo agradável Energia renovável Subprodutos são utilizados	Uso de material perdurário Encoraja desperdício Novo Não-durável Contra configurações locais Precisa de tempo doloroso Energia fóssil Cria rejeitos	Uso de material perdurário Encoraja desperdício Novo Não-durável Contra configurações locais Precisa de tempo doloroso Energia fóssil Cria rejeitos	Uso de material perdurário Sustenta suficiência Reutilizado Durável Utiliza configurações locais Permite tempo agradável Energia renovável Subprodutos são utilizados

Figura 3: Matriz de Tecnologias Conviviais. (VETTER, 2017). Tradução livre

9. ANEXO II: ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTAS

1. Como conheceu a CNV? Em que ocasião teve envolvimento com ela pela primeira vez?

2. Quais experiências com a CNV já participaste? Quais foram em Porto Alegre?

(fale sobre estas experiências) – descreva as atividades, como os grupos são formados, como estão estruturados etc.

3. O que te atrai na CNV?

4. Você utiliza CNV? Quando, como?

5. Cite um exercício de CNV que tenha lhe trazido grande impacto emocional. Poderia descrever como foi esta experiência?

10. ANEXO III: TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

As falas do entrevistador estão em negrito e as das(os) entrevistadas(os) em formatação normal.

10.1 ENTREVISTA I

P. Entrevista I. [Out. 2018]. Entrevistador: N. de Freitas. Porto Alegre, 2018. 1 arquivo .mp3 (58min).

Como conheceu a CNV? Em que ocasião teve envolvimento com ela pela primeira vez?

Eu tava fazendo um curso chamado Educação Gaia, em 2009, porque naquela época eu tava bem envolvido com a Ecovila Arca Verde e a Educação Gaia é importante pra Arca Verde porque dá a estrutura que inspirou. Em 2009 eu tinha me formado na “psico”, eu me formei em Janeiro de 2009, em Março começou o curso e o Educação Gaia via sustentabilidade em 4 aspectos: social, ecológico, econômico e visão de mundo. E daí ele começou com o módulo social e a gente teve aula com o Dominic [Barter]. Não foi a primeira vez que eu ouvi falar sobre CNV mas foi a primeira vez que eu ouvi e mantive consciência. A primeira vez que eu ouvi falar um amigo me entregou um DVD de uma aula do Marshall e eu achei que aquilo era muito auto-ajuda, nem me interessei assim, eu tentei começar a ver o DVD, mas assim, ele começa cantando uma música, ele pega uns fantoches... Eu não escutei, eu não vi. Eu só olhei de longe mesmo e achei que era bobagem.

E aí, quando eu conheci o Dominic, foram dois turnos com ele, uma tarde de um dia e a manhã do outro. Fiquei muito impressionado, porque naquela época eu tava estudando... Naquela época eu já atuava como terapeuta corporal, tava estudando as terapias corporais porque eu tava bem desacreditado das terapias faladas. E eu vi no Dominic um cara que ajudava as pessoas a acessar as suas emoções – aquele encontro foi muito poderoso, assim, as pessoas choraram... As pessoas que fizeram práticas com ele conectaram muito profundamente com coisas importantes pra elas e tudo que ele tava fazendo era tá ali, fazendo umas perguntas. Aquilo me tocou muito, assim, eu comecei a seguir ele, naquele ano e no próximo ele veio muito pra Porto Alegre chamado pela OAB, umas coisas pra falar sobre mediação. Eu fui em todas. Foi esse o primeiro contato.

Quais experiências com a CNV já participaste? Quais foram em Porto Alegre? Descrever como eram as atividades, como eram os grupos, como se estruturavam, como a CNV veio para cá?

Eu comecei a acompanhar as vindas do Dominic em 2009. Mas ele já tinha vindo pra cá antes. Conto as duas histórias? Em 2009 foram essas vezes, da OAB, que eram tipo palestras, eram mais do que palestras, eram encontros de um turno inteiro, as vezes, eram 3 ou 4 horas de encontro em que ele falava, aconteciam lá num prédio da OAB, do lado da ACM ali no centro, que é um auditório com as cadeiras fixas, não é um modelo que o Dominic mais gosta, assim, mas ele vinha, falava sobre diferentes temáticas, cada encontro ele abordava, de certa forma um aspecto, assim, e aí ele falava um tanto a respeito, as pessoas faziam perguntas e aí sempre tinha uma prática, que é aquelas práticas normais que a gente faz assim, as pessoas se escutam, ter um terceiro pra mediar, ter um anjo, dependendo da temática do dia a gente fazia um exercício diferente. E depois eu fiz um curso de mediação da OAB em que as primeiras e as últimas aulas foram com o Dominic também. Que aí ele focou mais a CNV para mediação. Não tinha, naquela época, grupos de prática. A gente até tentou – algumas pessoas envolvidas nesse curso de mediação, a gente tentou fazer um grupo entre nós, a gente teve três encontros eu acho, grupo de estudos na real... Mas não tinha, assim, que eu saiba, nenhum grupo de práticas, orbitava mais ao redor das vindas do Dominic. E aí em 2012 eu e a M[...] organizamos uma introdução com ele aqui, que acho que foi o primeiro evento aberto... Não, os da OAB eram abertos também, mas assim, independente. Foi bem mal organizado, assim, por a gente, não entendia bem como era o processo, mas rolou e nesse evento o J[...] teve presente, e ele foi meu colega na Educação Gaia, então ele conhecia o Dominic da Educação Gaia, e teve presente nesse evento também e aí ele puxou uma organização de novas introduções. E aí ele reuniu umas pessoas que começou um contato com o Dominic e têm organizado, com variação de quem participa, mas esse foi o núcleo de novas introduções com o Dominic aqui. Mas nesse meio tempo começaram a acontecer algumas coisas também, né, começou, ahm, algumas pessoas autonomamente começaram a puxar grupos de práticas. O T[...] B[...] veio pra Porto Alegre, acho que ele fez alguns encontros com o Dominic, daí ele estudou e começou a puxar grupos de práticas sem contato direto e com o tempo a gente começou a ver outras pessoas fazendo isso também. Então essa é a história que eu acompanhei, assim... Mas a primeira vinda de CNV pra Porto Alegre que eu conheço foi também via o Dominic e aí eu não sei que ano foi isso, 2007, talvez, que 2007 teve... não, 2006 teve um Fórum Social Mundial, foi o 3º, então não sei se foi 2006 ou foi um dos anteriores, e o Marshall veio, o Dominic trouxe o Marshall e eles deram algumas apresentações de CNV no Fórum Social Mundial. Algumas pessoas se ligaram já nessa história, ali. E o Dominic tem esse trabalho com os ciclos restaurativos. A metodologia dos ciclos restaurativos foi a metodologia usada em dois dos três projetos pilotos de Justiça Restaurativa no Brasil. Eles rodaram em Porto Alegre, em São Paulo e em Brasília. Só que em Brasília eles usaram uma outra metodologia, eles usaram a mediação. E em Porto Alegre e São Paulo usaram os ciclos restaurativos. E nessa dos

ciclos restaurativos foi quando o Dominic veio mais pra Porto Alegre acho que assim, 2007, 2008, não sei que anos foram isso, mas acho que foi além do Fórum Social Mundial, foi o começo das vindas dele pra cá e pelo que e eu entendo foram os primeiros eventos de CNV.

E esses grupos de práticas ou estudos que aparecem, como é a relação deles com a vinda do Dominic ou de outra pessoa pra cá? Se encoraja que se faça isso, eles aparecem espontaneamente, como que...?

Eu acho que é meio misto assim... Tem um encorajamento por parte do Dominic que as pessoas se encontrem e estudem e pratiquem juntas. O que eu vejo acontecer muito nos grupos de prática é grupos facilitados por uma pessoa. Então, não necessariamente o encorajamento é pra isso. Quer dizer, a facilitação por uma pessoa não tem o menor problema, né? O se colocar como um especialista na coisa é que talvez não seja tão concreto assim, né? Mas com certeza tem um encorajamento pras pessoas se encontrarem e estudarem e praticarem. É... Eu não sei exatamente a relação entre as vindas do Dominic e o surgimento desses encontros mas eu suspeito que tenha uma relação sim, porque eu acho que as pessoas que começaram a puxar grupos souberam da CNV pelo Dominic, mas a partir que começam a rolar muitos grupos – T[...] foi um que fez um monte de grupos – algumas pessoas começam a puxar grupos a partir das vivências com o T[...]. Que é uma vivência bem particular, assim, porque ele começou a puxar grupos bem pouco tempo depois de eu ficar sabendo sobre CNV, então... Isso é um padrão que a gente vê... Porque a CNV tem diferentes maneiras de ser... De se espalhar. Uma delas é bem autônoma, as pessoas pesquisam pela internet, veem vídeos, leem o livro, outra delas é um padrão de cursos de CNV que eles se configuraram assim muito quando a CNV se expandiu a partir do trabalho do Marshall e chegou na Europa, principalmente na Alemanha, e o Marshall não tinha mais pernas pra puxar, porque antes ele fazia um desenvolvimento da coisa de uma maneira muito mais direta, de pessoa a pessoa. Que o acompanhamento mais artesanal, assim. Então era uma coisa mais direta do que cada pessoa tava praticando, levando pra prática. Então é um trabalho bem... E aí quando chega na Alemanha ele não tinha mais condições de acompanhar as pessoas que “tavam” se interessando. E aí o modelo que se assumiu foi um modelo de cursos. Que alguém vem falar sobre aquilo pras outras pessoas seguirem praticando. E aí o que o Dominic fala que começou a ver – e o que eu acho que, que eu vejo no Brasil como paralelo, assim – é que as pessoas, elas mais falam sobre do que praticam, do que buscam práticas baseadas em. Os exemplos que as pessoas trazem, ou eles são muito superficiais, ou eles são os exemplos do livro, os exemplos do Marshall, os exemplos do Dominic, não são exemplos das próprias pessoas, eles são bem configurados pelo passo a passo do livro, que antes do

livro não existia esse passo a passo, ele é uma sistematização procurando uma visão didática, assim como durante grandes períodos CNV não teve um nome, foi uma prática de pesquisa de procurar conexão e procurar não-violência na atuação das pessoas então essas coisas foram sistematizando e a sistematização ganhou a cara da coisa. Então muitas vezes a gente vê pessoas que compartilham via cursos, pessoas que – porque no Brasil a gente não teve até agora certificação pra cursos – agora a gente começou a ter. As pessoas têm um padrão de mais falar sobre do que praticar. Tô falando bem na generalização assim, pra ter uma diferença que também é didática, não sei se ela se efetua sempre, mas tem pessoas que elas confundem, entendem que CNV é a técnica, não que a técnica é uma sistematização possível que tenta estimular e dar base pra práticas que vão se...

Não sei se entendi essa última parte. A distinção da técnica e a técnica como uma sistematização de uma tentativa de buscar...

Que tu pegue qualquer aspecto técnico como uma estrutura básica para as pessoas terem uma prática didática, ou seja, pras pessoas estudarem aquilo, e para as pessoas descobrirem qual é a melhor coisa que elas podem fazer em cada situação, isso não é uma aplicação direta da técnica, aquilo é uma sistematização pra ajudar as pessoas a descobrirem aquilo que elas podem fazer. E aí elas vão estar pesquisando aquilo a cada momento. Se tu entende que a CNV é a técnica, então o que tu tem que fazer pra aplicar a CNV é aplicar a técnica. E aí tu tem limitações muito grandes com relação a isso. O que eu vejo acontecer é que não funciona. É muito limitado. E aí o mais comum é as pessoas dizerem que as outras estão erradas, e não que a técnica é limitada. Ou então elas largam a CNV e vão procurar outras coisas, acham muito rígida... Da onde a gente olha, a gente vê de uma forma ou de outra. Então, as pessoas que multiplicam a CNV desse lugar de professores... seja o formato que tiver, eu vejo uma tendência grande de usar a forma certa, a forma errada, a forma técnica mais do que estar em um lugar de pesquisa compartilhada. Mas eu também vejo a outra coisa acontecendo. Nos grupos... E outra coisa, com o tempo tu vê que as pessoas começam a trazer outros elementos. Por exemplo, os grupos do T[...] ficaram bastante espiritualizados, não sei de uma espiritualização específica, mas ele começou a usar objeto da palavra, uma mitologia hindu, ou dos Orixás, trazer elementos espirituais que... parece que é preencher com alguma coisa com a qual se possa falar a respeito. Parece que tem essas distinções assim, uma é falar sobre que, ao falar sobre tu tá falando sobre o que? Coisas que tu experimentou e que tu sabe como é que é, então sistematizações a partir do que tu experimentou, que é como surgiu a experiência do Marshall com várias pessoas com quem ele experimentava, ou tu vai falar sobre o que tu leu, as sistematizações feitas por outras pessoas, as experiências de outras pessoas então o

nível de proximidade com a origem e prática da coisa é diferente. E se tu vai praticar, procurar praticar, como é que é essa prática? Ela se dá por exercícios em lugares didáticos, que é bem legal assim, né, as pessoas praticarem em lugares seguros, lugares em que a gente tá acordando aqui em fazer um exercício, isso seria uma coisa. Uma outra coisa é elas estão praticando nas suas vidas sem falar sobre CNV mas assim, “aqui eu conscientemente vou tentar fazer algo baseado nesses princípios.” A pessoa com quem eu to lidando não sabe que eu to lidando com CNV, eu to ali tentando escutar a pessoa melhor, né. E aí isso é um lugar de prática, de cotidiano, de levar pro real, assim... que tu volta pros lugares seguros pra ter ajuda pra fazer isso, então são diferentes formatos que a gente vê acontecendo.

Eu queria perguntar sobre os propósitos da utilização da CNV. Talvez... Se tu quiser trazer da tua experiência, ou dos grupos, mas quando e como é utilizada a CNV e para quais propósitos

[pausa] Tô pensando em uma resposta que eu acredite. Eu acho que o princípio disso é quando a gente procura agir ou ser... Agir, né? De uma forma não-violenta. Talvez a chave pra essa resposta é uma exploração do que é não-violência, não o que é CNV. Porque a CNV é uma tentativa de aplicação da não-violência nas nossas interações. E o que é não-violência é uma coisa que eu tento entender, patino nesse entendimento várias vezes, eu diria que eu consigo entender mais em termos racionais do que corporais, muitas vezes. Do que de fato, né. No meu comportamento, assim. Mas do que eu entendo não-violência é uma perspectiva de eu estar no mundo procurando ter uma fidelidade em relação ao que é importante pra mim, buscando persistir nisso que é importante pra mim me deparando com as pessoas e com as coisas, persistindo nisso que é importante pra mim e para as pessoas. Querendo integrar essas coisas então eu não quero ceder em relação ao que é importante pra mim nessa procura – eu posso adiar mas eu não quero perder a conexão com o que é importante pra mim, e nessa busca eu quero tá buscando conectar com o que é importante pras pessoas. Na tentativa de encontrar o que é importante pra nós. Pra hipótese de que o que é importante pra mim e é importante pra outra pessoa é um reflexo do que é importante pra nós enquanto comunidade, enquanto um sistema mais amplo do que os indivíduos, ou melhor os indivíduos como parte desse sistema mais amplo, então se a gente entende não-violência como isso, não como deixar de fazer algo mas como fazer algo orientado por uma visão mais ampla de união, mais ampla do que as pessoas tão sentindo no momento, certamente mais ampla do que as pessoas tão fazendo no momento. Tipo, eu quero mudança, ou eu quero expressão, ou eu quero acolher as outras pessoas, ou eu quero brigar com as outras pessoas, tudo isso de um lugar que busca uma

conexão maior. Eu quero que as coisas mudem, eu quero que as pessoas me entendam e eu quero entender as pessoas e tudo isso ao mesmo tempo, eu não quero ao entender as pessoas deixar com que as coisas... deixar de querer que as coisas mudem. Talvez eu não vá querer da mesma forma, talvez eu não vá querer as mesmas mudanças, mas eu continuo procurando um lugar onde todo mundo seja cuidado. Eu diria assim, cuidado verdadeiramente, cuidado de uma forma profunda. Cuidado não no que a pessoa tá expressando que ela quer mas numa pesquisa constante de descobrir como que a gente vai cuidar de todo mundo junto. Necessariamente é sair do lugar que a gente tá agora. Então essa seria, no meu entendimento a busca de uma aplicação de não-violência nas relações, na comunicação. É quando a gente tá... O Dominic fala muito didaticamente que ela serve pra quando a gente quer fortalecer conexão onde essa conexão existe, onde a gente quer reestabelecer conexão onde essa conexão se perdeu e onde a gente quer criar conexão quando essa conexão não existe. Então... Tipo, pra mim ela acaba sendo uma base interessante, para uma busca em todas as relações. A relação minha comigo mesmo, a relação com outras pessoas, e uma relação social, assim, mais sistêmica. Então assim... Onde que dá pra aplicar? Sempre. Onde que a gente tem condições de aplicar, as vezes sim, as vezes não. Não-violência não significa o contrário de violência. Uma vez o Dominic me falou isso, e pra mim isso foi muito impressionante. Tipo assim, eu não abri mão da violência. A violência ainda é um recurso. Eu to estudando que outras formas eu posso procurar mudança, acolhimento, expressão, acolher sem precisar recorrer a formas violentas mas não necessariamente eu não penso em usá-las ou elas não estão lá. Como uma disponibilidade. Ele coloca a não-violência como contrário da passividade. De não querer mudar as coisas, ou, ah, não vou querer mudar isso aqui e aí vou engolir sapo ou uma outra forma de ser passivo é a gente ir no automático social, e sei lá, como homem eu vou colocar a minha voz mais alta, simplesmente ir no automatismo da violência sistêmica. Isso também é uma forma de passividade, de certa forma, na verdade. Eu acho. Tô pensando isso agora, na verdade, nunca tinha pensado nesses termos.

Pensei também de te perguntar sobre a formação do grupo do antigo G[...], como que veio a acontecer isso?

Eu já ajudei a criar três grupos. E aí acho que é importante falar destes três porque o grupo do G[...] foi meio que um... foi informada pelas outras experiências. O primeiro deles foi na P[...] e aí quando a gente foi sugerir a criação do grupo da P[...], uma coisa que tava batendo pra mim – isso não foi uma composição só minha, não foi só minha, eu só consigo mapear o que eu sentia no momento, mas tinha outras pessoas, o G[...] tava junto, o Z[...] tava junto... E aí com o tempo chegou o F[...], chegou a M[...]. Ali que a gente conheceu ele [o F.]. Na P[...], a gente queria

experimentar um grupo que não viesse a partir de pressupostos, de predeterminações de pessoas específicas. Ou seja, nossa, né. A gente tava propondo o grupo, a gente não queria conduzir um caminho preestabelecido, a gente queria criar um grupo em que a prática da CNV, ou seja a busca de uma escuta, de tá escutando as pessoas, de tá descobrindo qual é a melhor coisa que a gente pode fazer hoje, ela tivesse no próprio formato do grupo, então, o jeito que rolou a P[...], ele foi muito das pessoas fazerem uma rodada de como as pessoas tão se sentindo e daí a gente buscar alguma coisa pra fazer a partir dessa rodada. E ele teve limitações muito grandes, porque as pessoas que começaram a ir mais com frequência, entendiam o processo, as pessoas que não vinham não entendiam muito o processo, as vezes essa primeira rodada... O grupo era todo em cima dessa primeira rodada... Foi um processo meio perdido, assim... Então, ele foi bem interessante, eu acho, mas eu não sei se não foi muito aéreo. Portanto, talvez menos didático, sei lá. Aí depois o pessoal da Escola E[...], quando a Escola E[...] ainda era em Porto Alegre, pediu uma ajuda pra criar uma prática lá. E aí eu fui propor um grupo – esse eu comecei propondo sozinho – em que no primeiro encontro a gente fez uma cocriação mesmo. No grupo da P[...] eu não queria assumir o lugar de especialista, pelo menos não de uma forma a deixar o grupo menos autônomo. Então no primeiro encontro a gente fez um levantamento de valores, meu papel foi de falar muito pouco, eu mais anotei as coisas, naquele primeiro encontro. Foi bonito, assim, porque foi... Como eu trouxe uma proposta de roteiro, de forma de criar... Eu fiz perguntas, eu anotei coisas – eu não trouxe uma proposta de como funcionar, eu trouxe uma proposta de como pensar esse funcionamento a partir dos valores mesmo, a partir do reconhecimento do que era importante pras pessoas.

Quando tu fala “os valores”, é a noção de necessidade [do Marshall]?

Isso. É, a gente fez um levantamento das coisas que eram importantes para as pessoas, então ele tinha uma meta... Ele era formado pelos próprios conceitos acho que... eu considero conceito-chave da CNV, né. Essas distinções aí que o Marshall chegou, que no livro se tornaram passos né, mas no início eram só distinções, como ele tinha outras distinções e como a gente faz distinções a medida que a gente vai pesquisando... É... Então, no grupo da Escola E[...] ele começou assim e logo depois ele já assumiu uma forma um pouco mais parecida com o grupo da P[...], é... Em que muitas vezes as pessoas perguntavam e eu trazia coisas mas eu tentava sustentar, me esquivar de um lugar de tomar responsabilidade pelo processo do grupo, deixar a responsabilidade pelo processo do grupo para o próprio grupo. E nossa, eu lembro que foi um tempo sustentando esse lugar, sentindo que a gente tava patinando, fazia sempre exercícios, era legal, as pessoas meio incomodadas, mas continuavam indo e lá pelas tantas teve um conflito no grupo. E aí a gente trabalhou esse conflito como um laboratório de escuta. E aquilo ali – ali eu senti

uma diferença de qualidade bem grande, no processo do grupo. E ali eu senti que o grupo pode assumir mais responsabilidade no próprio processo, porque a gente praticou alguma coisa, veio à tona uma verdade que tava ali sendo escondida, alguns desconfortos e a gente trabalhou esses desconfortos no próprio grupo. Então ali eu comecei a ir menos, por exemplo. Mesmo assim o grupo da Escola E[...] também teve essa questão de como é que a gente cuida das pessoas que tão chegando. Aí, o início do grupo, que agora é o grupo da [rua], antes era o grupo do G[...], [O arquivo de áudio foi extraviado com a transcrição feita até os 29m48s].

10.2 ENTREVISTA II

C. Entrevista II. [Out. 2018]. Entrevistador: N. de Freitas. Porto Alegre, 2018. 1 arquivo .mp3 (42min).

Como conheceu a CNV? Em que ocasião teve envolvimento com ela pela primeira vez?

A primeira vez que eu ouvi falar de CNV foi quando a gente tava organizando o Fórum Mundial da Bicicleta aqui em Porto Alegre, a gente não tinha noção de como ia acontecer o fórum e a gente começou a inventar atividades e alguém sabia que um amigo nosso tinha contato com isso e queria que fizesse uma palestra sobre CNV e o trânsito, ou CNV no trânsito.

Em 2012, isso?

Em 2012. É lógico que quem falou isso nunca tinha tido contato com CNV... E aí, foi uma correria o fórum, acabei que... Nem sei se chegou a ter essa atividade no fórum mas começou a ser pensado a possibilidade de ter contato com essa ideia, assim... Aí depois teve uma atividade no B[...] que eu também não pude ir, mas eu fiquei com aquele negócio na cabeça, assim... E sempre lembrando que, tá, eu tenho um amigo que tem contato com essa ferramenta e que parece ser interessante. Aí em 2014 foi a primeira vez que eu fui numa intro[dução sobre CNV] do Dominic. Na real, a primeira não era *intro*, era aquela “parada” que ele faz que é de três horas, assim... Que é uma apresentação, acho que se chama apresentação, alguma coisa assim. E aí, tipo, eu fui lá, achei muito massa, “pô, que legal, cara, bacana”... Vou participar de um grupo! Aí eu fui em um encontro em um grupo que foi quando o F[...] tava começando a ir lá na P[...]. Foi um dos encontros que teve na P[...] e eu fui pra participar, fui eu e o D[...].

Sabe onde foi o encontro com o Dominic?

O primeiro... Eu não lembro onde foi o primeiro encontro que eu fui dele, desses pequenos... Se não me engano foi lá na P[...] F[...], também. Na P[...] F[...], na [rua], se não me

engano foi lá. Eu lembro que, assim, fui no encontro, nessa fala, foi legal, disse “quero participar”, aí fui em um grupo, só que só consegui ir uma vez no grupo, depois não voltei mais, na sequência teve uma *intro* e aí tinha aquele formulário, tinha que falar coisas das suas práticas e tal e eu não sabia de nada, mas... Não tinha prática, achei que não ia poder fazer, até fui falar com P[...], “Putz, P[...], eu vi lá umas perguntas complexas, eu não tenho esse contato, não sei se é o melhor lugar pra eu ir”, e ele “não, não, pode ir tranquilo.” daí eu fui... Tinha umas atividades com pessoas que já tinham ido em várias intros, me senti um pouco perdido em alguns exercícios, mas achei muito massa, e depois disso eu comecei a buscar mais, tipo, ah, ir assistir os vídeos do Marshall, é... tentar pegar alguns exercícios e fazer com quem eu convivia... E aí eu comecei, tipo, não tinha um grupo de prática, mas meio que ia tentando fazer algumas coisas assim e muito... tentando mesmo, assim, vendo o que acontece. É... E era massa que, como o Dominic às vezes fala, “você pega a ferramenta, você tenta usar, para o que você acha que vale”, né, eu me senti bem desprendido se estou fazendo certo ou não estou fazendo certo, eu vou fazendo, assim... Acabei até criando um conceito meio equivocado, assim... Do que seria uma prática de CNV, ou, enfim, o que eu ia fazendo por lá (?) e tal...

E, enfim, a gente organizou mais algumas atividades com o P[...] em outros espaços, que tinham a ver com CNV, fizemos na V[...] E aí rolou essa história em 2015, eu fui, eu saí do trabalho que eu tinha há muito tempo, assim, e comecei a me envolver com vários projetos diferentes, e isso gerou uma aproximação com P[...], que tinha mais contato, assim, com a CNV e eu fui trabalhar com ele num projeto de Círculos Restaurativos, na verdade a nossa parte era planejamento, com umas oficinas de Dragon Dreaming, para planejamento, mas era em Círculos Restaurativos. E aí a gente fez a formação de facilitadores pra saber do que que se tratava e entender melhor no que tava participando, né...

Vocês fizeram formação de facilitador em...?

Círculos Restaurativos. E aí... Só que aí, o que acontece? Tipo, esse universo do Círculo Restaurativo, ele tem um... possibilidades de conexão com a CNV, tipo, muito legais, assim, muito fortes, tipo, acho que a maioria da galera da CNV acabou entrando em contato – tipo, tem algum contato com Círculo Restaurativo, mas nem todo mundo do universo dos Círculos Restaurativos têm contato com a CNV. E isso é um negócio que chamou um pouco a minha atenção, assim, eu pensei, tá, “como que eu posso fazer pra tentar fortalecer isso?”, assim... E aí tava começando... O G[...] tava se organizando aqui, eu tava envolvido com umas coisas com a população em situação de rua também, e via uma necessidade muito grande de mudar a maneira como se conversava com as pessoas, tipo, era muito gritante, quando tava com a galera da rua, ver os apoiadores conversando

com eles e querendo falar, tipo, de um lugar completamente diferente de onde as pessoas vivem, o que elas deveriam fazer nas situações que elas se encontravam, assim, e aí isso começou a chamar a minha atenção em relação à CNV. E aí veio a ideia de montar um grupo de estudos aqui no G[...], a ideia inicial inclusive é que não seria um grupo aberto para pessoas de fora, mas seria um grupo para a galera do coletivo poder criar e fortalecer ferramentas para cuidar do grupo, e não colocar essa responsabilidade em uma pessoa, seja de dentro do coletivo ou de fora, né... E eu meio que me intrometi nisso, de participar junto de um espaço que teoricamente seria das pessoas daqui, aí conversamos sobre a possibilidade de outras pessoas que não fossem daqui, aí acabou que o grupo passou a acontecer no espaço que hoje é o A[...], que na época era o G[...], e de uma forma que poucas pessoas do coletivo em si participavam mas passou a ser um grupo de práticas de CNV. E isso, durante esse período de 2015 pra cá eu tentei participar do maior número de intros e de oportunidades com o Dominic que eu pude, então, eu fui em várias atividades dessas de horas ou introduções, e depois também fui ler o livro – na real eu acho que eu li o livro só esse ano.

Mais cedo tu falou que pegou uma ideia errada do que era a CNV. Por que tu acha isso? [inaudível]

Não sei se a palavra certa é “errada”, né. Mas tipo, a minha sensação é que a CNV era como se fosse uma metodologia pra levar as pessoas para o resultado que eu queria. Tipo, tá, eu vou... Como se fosse uma técnica de comunicação que eu vou empatizar com a pessoa, daí eu vou criar confiança e aí eu vou colocar uma verdade e que isso é o resultado final que eu quero. Então, durante um tempo... Eu meio que às vezes ficava frustrado, porque a pessoa não aceitava o que eu falava depois de entender ela tão bem... Eu ficava muito feliz, porque essa técnica funcionava muito bem em fazer as pessoas concordarem comigo. E... Depois de um tempo, eu me dei conta que na real não era isso. Isso não é uma técnica de persuasão. Tipo... é uma ferramenta de comunicação, é a gente se entender... O se entender seja a gente chegar num lugar comum ou se entender seja simplesmente eu entender que pra pessoa seja importante uma coisa que é diferente do que é importante pra mim, ou que, sei lá, entender o que é importante para aquela pessoa, entender o que é importante pra mim e aceitar que a gente não vai conseguir chegar em que a maneira de pensar o que é importante para cada um é a mesma.

O que te atrai na CNV? Se lembrar de uma situação em específico [por favor falar sobre ela].

O que me atrai na CNV é que eu me dei conta de que nós somos muito bons nas coisas que nós nos propomos a fazer mas a maior parte das nossas dificuldades está nos relacionamentos, né, tá na maneira como a gente interage. E... De verdade, cada dia que passa, a gente tá chegando em um momento em que isso tá mais gritante ainda, né... Eu vejo que essa é a ferramenta que eu

conheci mais potente pra ter um mundo mais próximo do que eu imagino, assim... E... Eu acho que a CNV tem uma relação com o respeito, com liberdade, com acolhimento, com... são práticas, né, não é simplesmente o conceito, são práticas que fazem as coisas mudarem. Acho que uma experiência que me marcou, que foi interessante... Parece até boba, né, mas que é super factível, assim, palpável: nós fomos em um encontro uma vez, eu e a N[...], que é minha companheira, com o Dominic no C[...], que é um desses encontros de poucas horas, assim... E aí nesse encontro de poucas horas ele faz uma fala mais ou menos bacana e tal – ele sabe fazer isso, né... e propõe um exercício ou dois exercícios bem rápido... E ele propôs um exercício que era pra você separar o julgamento do fato. E ele fez esse exercício, ele dava um exemplo pras pessoas, as pessoas assistiam, e depois você fazia com outra pessoa. E aquilo foi interessante, assim, [...]

Nós voltamos, conversamos sobre as coisas que aconteceram, no dia seguinte de manhã – isso foi num sábado, aí no domingo eu saí pra pedalar, cedo, né, porque eu treinava um pouco, ainda, e aí eu saí tipo 5h da manhã e a N[...] acordou as oito da manhã. Quando eu saí eu disse “Putz, são cinco horas da manhã, né, eu não vou acordar ela no domingo... Deixa ela dormir tranquila”. E aí ela acordou e me procurou na cama e ela ficou brava porque eu tinha saído, nem tinha dado tchau e tinha deixado ela sozinha. E ela ficou brava, né meu? Sentiu raiva. E aí ela lembrou do exercício do dia anterior e ela se perguntava: “O que que o C[...] fez?”... Saiu para pedalar. Todas as outras coisas são o meu julgamento em relação àquilo, assim... E aí quando eu voltei ela tava rindo e contando a história. Foi muito legal porque, tipo, eu já passei por muitos momentos parecidos com isso e quando você se dá conta que as vezes, tipo, vários problemas menores da sua vida são a sua interpretação das coisas e não o que aconteceu de fato é interessante, mas é muito legal quando você compartilha isso com outras pessoas, então essa experiência que é uma experiência que não é totalmente minha, é uma parte minha e uma parte dela, de certa forma nas relações elas se dão nessa maneira constantemente, né... E... eu tenho acreditado muito que... não adianta eu treinar muito e virar um mestre *jedi*, que domina completamente a Comunicação Não-Violenta, que não vai ser possível eu pegar e ligar a chavezinha de Comunicação Não-Violenta em todas as pessoas, sabe? Eu acho que esse... Eu to perdendo essa ingenuidade de achar que seria possível algo assim, tenho pensado muito mais em como poder fazer para construir isso de uma maneira mais ampla com as pessoas com quem eu vivo para que seja possível cada um... Não ser todo mundo *jedi* mas conseguir que mais pessoas pensem minimamente instrumentando isso, o resultado talvez seja potencializado, sabe?

E como tu acha que se pode espalhar isso? Por que meio?

A minha sensação é que como é uma ferramenta que traz benefícios reais para as pessoas, tipo, toda a vez que se planta uma sementinha, em que a pessoa escuta e tem a oportunidade de experienciar de que certa forma isso vai acontecendo, assim... aos pouquinhos. Que... E eu acho que tentar colocar isso como prática diária nas oportunidades que a gente tem é já uma oportunidade de plantar uma “sementezinha”, assim, tem muita gente... Ainda não é um negócio automático na minha vida, muitas vezes eu tenho que parar e pensar, tipo, “Não, ‘perai’... O que importa é o que essa pessoa tá te dizendo, não é o que você tem a dizer sobre isso”, né, tipo... presta atenção no que é importante pra ela, ali. E sempre que eu faço isso, não importa o quão próximo eu tô da pessoa, tipo, isso vai gerando um interesse. E esse interesse às vezes é... vai de falar tipo, “ó, isso aqui não é que eu sou assim. Isso não é uma virtude minha. Tipo, isso é uma tentativa de fazer uma comunicação diferente”. E aí isso gera oportunidade de falar sobre o que é, a pessoa ter uma... tipo, mandar um vídeo, ver alguma coisa, tal, e ir fazendo assim. Eu acho que a prática é... Eu acredito muito, que a melhor coisa que você pode fazer é o exemplo, né.

Quais foram as experiências de CNV que já participaste e quais foram em Porto Alegre?

Bom, eu falei bastante sobre esse negócio dos encontros, né, mas tem uma outra coisa que eu não falei que pra mim é curioso falar, como CNV, que é a parada da A[...] M[...], né. Então, tipo, além de ter participado destes... do grupo do A[...] e desse... Acho que posso falar um pouquinho do grupo do A[...] também, já, então, só pra complementar o que eu tinha falado antes, quando começou a ideia era pra ser um grupo das pessoas do coletivo, e com algumas pessoas de fora facilitando, que no caso era o F[...] e o P[...], isso mudou, transformando em outra coisa, aberto pra receber pessoas, durante uma parte desse período a gente não tinha... O P[...] e o F[...] que eram os facilitadores não eram tão frequentes no grupo, várias vezes tinha ou eu ou o D[...] passamos a tentar organizar ou facilitar as práticas mesmo não sentindo ter prática o suficiente pra isso e tal, mas a gente achou que era importante manter o espaço, e aí teve um terceiro – o que eu considero um terceiro momento que é a chegada do C[...] que é uma outra pessoa que teve bastante contato, que teve experiência em mais grupos, que sentia energia e segurança de propor atividades e chegar com as práticas montadas e aí isso deu uma dinâmica completamente diferente pro grupo que vinha quinzenalmente e isso deu uma dinâmica muito diferente para as práticas onde ele estava, antes tinha muito mais debate e depois passou a ter muito mais prática mesmo e foi o espaço... E agora ele não tá vindo por um tempo, vamos ver como será o ano que vem, mas acho que mudou a experiência e mesmo nos encontros em que ele não estava ou que ele não está deu uma agilizada e uma dinamizada, gerou mais práticas. Bom, aí tem então... Do A[...] acho que é isso que eu queria complementar.

E em relação ao A[...] M[...], a agente entendeu que... tentou começar vários grupos com pessoas em situação de rua e com a população em situação de rua e espaços diferentes a gente sentia que tinha uma demanda muito grande das pessoas falarem sobre seus problemas e contarem sobre suas demandas e outros projetos que a gente conhecia e projetos e coletivos, eles não geravam – não tinham um espaço próprio pra isso. E aí a gente imaginou criar, num projeto que é de geração de renda, um espaço que pudesse acolher as demandas das pessoas e tentar... Tipo, tentar plantar essa “sementezinha” de uma outra maneira de se comunicar pras pessoas envolvidas no projeto, com esperança que isso se espalhe também pras pessoas com quem elas convivem. A ideia inicial é que... formar uma rede de apoio, em que tivesse uma pessoa oferecer escuta pra cada pessoa da rua e uma pessoa disponível pra oferecer escuta pra aquela pessoa que ouviu quem tava em situação de rua. Então pra cada pessoa em situação de rua que fizesse parte do projeto, a gente precisaria de duas pessoas, a ideia era começar com dez pessoas em situação de rua e vinte pessoas com experiência em CNV. A primeira coisa que aconteceu é que a gente não tinha vinte pessoas com experiência em CNV dispostas a participar do projeto ou com disponibilidade de horário pra estar nesse rolê e aí apareceram psicólogos... Sei lá, monte de gente querendo participar desses encontros ou de dar um apoio posterior e isso gerou a possibilidade de experimentar várias ferramentas e várias coisas. Os encontros de escuta não tinham uma cara de prática... Não chegaram a... Até chegou a ter alguns exercícios de *check-in*. Mas eles não ficaram presos a modelos que a gente tava em contato durante esse período. Os encontros continuam acontecendo, acabei de vir de um agora, em que rolou um pouco de escuta, digamos, mas ele já tem um formato diferente e o que eu achei legal de comentar sobre isso é: primeiro, que eu ainda vejo a necessidade de fortalecer uma rede e de ter mais pessoas dispostas a encarar processos como esses, eu acho que Porto Alegre tem muita gente e muito potencial e eu acho que seria possível a gente fazer coisas fantásticas com uma rede maior e segundo porque eu também achei muito massa todas as experimentações que a gente fez e também tentar criar meios de acesso a... De solicitar escuta, de tentar já falar que vai ter encontro pra sugerir pras pessoas que vão nesse encontro falarem que vão pra que outras pessoas possam procurá-las, contando com a possibilidade que elas não vão acessar ou pedir esse apoio...

Tu ainda tá falando da A[...] M[...]?

Ainda a A[...] M[...], sim. Eu acho que tiveram várias experiências super interessantes e ricas, assim. Claro que não são conclusivas, né, não é um trabalho científico, mas são experiências que a gente tentou fazer que eu acho que são super legais e que tão dentro do universo da Comunicação Não-Violenta.

Fale sobre as suas experiências, como os grupos são formados, como estão estruturados

Então, com relação aos grupos, ao grupo do A[...], eu acho que ele foi sendo construído a partir da rede de amigos... Algumas pessoas chegaram por conta de atividades relacionadas à CNV, sei lá, a L[...] que a gente conheceu nas intros passou a participar, eu acho que também teve essa história da A[...] M[...] que atraiu várias pessoas que de repente passaram por aqui e pessoas daqui que foram pra lá, enfim... Não tem uma pré-seleção pra participar. É um grupo praticamente composto por pessoas com um nível superior completo ou em fase de conclusão com um acesso a uma série de recursos, acho que é um público de classe média.

Mas isso ocorreu porque as amizades eram essas, né? Não se exigiu isso

Não, só tô falando um pouco sobre como é a composição nesse momento. Não é [um pré-requisito]. Só tô fazendo uma constatação. Eu acho que as vezes também é válido a gente olhar, até onde a gente tá conseguindo chegar. E, pô, é um espaço que se propôs, por exemplo, a inclusive ter uma caixinha pra quem não tem como chegar aqui pra... por passagem por exemplo, poder pegar esse recurso na caixinha, então acho que tem uma preocupação pra ser acessível, né.

Deixa eu ver o que mais que tinha da A[...] M[...], se faltou alguma coisa... Ah, em relação a estrutura sempre foi muito aberto, nunca teve ninguém responsável por alguma coisa específica, assim, tirando essa predisposição do C[...] de organizar os encontros é... Os exercícios, mas em nenhum momento, se alguém falasse “olha, quero organizar”, ou “quero colocar um exercício”, nunca seria impedido de acontecer, né.

Em relação à A[...] M[...], o grupo é formado por pessoas em situação de rua ou que estiveram em situação de rua e por pessoas que a gente chama de apoiadores, né, a ideia é que... Tivemos uma preocupação em relação à paridade, durante as... Como compor a galera que faz parte da A[...] M[...], que tem esse histórico de situação de rua, há uma preocupação com paridade – isso nem sempre se reflete nos encontros porque às vezes pode ser que venham só as gurias, às vezes pode ser que venham só os caras.

Ah! Paridade de gênero.

De gênero.

Eu tava achando que era de gente em situação de rua pra quem não é.

Não. Nesse caso, a nossa ideia inicial é que fosse um pra um pra propiciar as escutas e a gente viu que não tinha sentido, desencanamos dessa ideia e aí os apoiadores vão quando podem, como podem e beleza. É... Não tem uma estrutura fixa de como funciona esse encontro, a nossa –

uma parte importante da nossa proposta é tentar fazer com que as pessoas que estão nessa condição de vulnerabilidade possam fazer o que elas acham importante pra elas, isso faz com que talvez possa ser que um encontro seja muito diferente do outro e que a gente não possa explorar tanto a CNV quanto gostaríamos, mas ao mesmo tempo a proposta inicial desse espaço é fortalecer essas pessoas, né, e acho também que dar a oportunidade pra elas poderem seguir e tá lá pra dar apoio pra isso é mais importante do que desenvolver determinada ferramenta.

Como e quando você utiliza a CNV?

Acho que essa é uma pergunta que é super importante, né? E que de certa forma eu dei uma pincelada mais curta. Eu tento utilizar a CNV sempre que eu posso, pra mim é um desafio tentar – aquilo que eu tinha falado que é tentar lembrar o que é importante é o que essa pessoa tá falando, o importante é tentar encontrar o que é importante pra ela. E aí isso se dá praticamente o tempo todo, as vezes a gente tem que ser propositivo e tocar as coisas que sei lá... profissionalmente falando e tal, não é só receber, mas a gente tem que colocar também, mas pra mim é justamente esse ponto que é o maior desafio na CNV – que é tipo, isso não me impede de ser propositivo, de colocar a opinião, isso não faz com que você não possa usar a CNV pra isso, assim, acho que hoje esse é o meu maior desafio. Eu sempre uso bastante quando eu chego pra uma pessoa e a pessoa faz uma expressão de tipo “putz, tá ruim”, isso me liga a chave. E aí eu posso pegar e escutar e empatizar e acolher e isso é massa, mas quando são questões mais práticas eu acho que falta um pouco de utilizar e a outra coisa que eu acho que é muito importante, o que pra mim é o que realmente vai fazer diferença na nossa vida coletivamente é que... É a CNV como uma rede, como um sistema de apoio, mais que a rede. Porque a a rede a gente tem. Mas como que a gente acessa isso, como que... Com que frequência, como que a gente ativa isso, pra que não seja simplesmente uma coleção de alguma coisa guardada no armário.

Tu diz uma rede de apoio no sentido que a gente usa de... “Tô numa situação que tá muito quente, assim assim, tô precisando de uma escuta”, e aí poder acessar essa rede pra poder realizar a escuta, é isso?

Acho que é um pouco isso, sim, mas acho que vai além, né... Acho que tipo, aquela história que um dia talvez a gente conviveu com tão poucas pessoas que quando a gente perguntava “tudo bem?” a gente realmente queria saber o que a pessoa tinha pra dizer, né. E agora a gente vive nessas cidades em que passa por um monte de gente o tempo todo e isso não faz muito sentido. Eu acho que essa rede, ela não precisa ser necessariamente um remédio. Ela pode também ser uma prevenção. Ela pode ser algo que a gente pode entrar em contato com as pessoas pra saber se...

Como tão indo as coisas, saber se elas tão bem, fazer com que elas se sintam acolhidas e de repente inclusive diminua a possibilidade de que ela chegue no ponto de dizer “olha só, fui no trabalho, rolou tal parada, eu tô ficando maluco com aquilo e não sei o que fazer – tô sentindo muita raiva porque tal pessoa falou de tal jeito”. Talvez a gente... fosse possível a partir de um sistema bacana que a pessoa chegasse mais tranquila, assim, quando ouvisse aquilo já não fosse tão difícil quanto seria uma escuta antes e aí uma coisa que eu acho que é super importante é que, quando eu falo de sistema é porque acaba que a gente cria algumas relações que são fortes o suficiente pra gente colocar essas demandas dentro delas e geram pesos desnecessários... numa relação de companheiros [amorosa/sexual], faz com que a pessoa sinta mais dependência daquela pessoa que dá o apoio, por exemplo, e aquela pessoa tem que ficar carregando o fardo um do outro de uma maneira desnecessária. Eu acho que essa... Isso segue também pra um grupo menor de amigos e quando você consegue expandir, fica mais leve, fica melhor, e eu vejo que a CNV, ela tem como ferramenta um potencial enorme, mas também eu vejo um potencial enorme de só saber esse conceito e ter que ir construindo essa ideia de atenção e de cuidado e de acolhimento pra mais pessoas, parece um instrumento de transformar a sociedade enorme, mesmo que eu não trabalho bem as formas que eu não desenvolve muito bem a presença e a escuta – estar disposto a exercer esse papel e a compartilhar as responsabilidades de cuidado com mais pessoas, pra mim é uma coisa que transforma a sociedade.

Quer acrescentar alguma coisa?

Acho que é isso, acho que a gente tá falando de uma coisa que é super empírica, super investigativa e acho que a gente precisa tentar muita coisa atualmente.

10.3 ENTREVISTA III

V. Entrevista III. [Out. 2018]. Entrevistador: N. de Freitas. Porto Alegre, 2018. 1 arquivo .mp3 (42min).

Como conheceu a CNV? Em que ocasião teve envolvimento com ela pela primeira vez?

A CNV chegou pra mim, eu acho que foi numa... Eu não consigo lembrar, na verdade. Não tenho certeza, eu acho que eu já ouvia falar... Não, lembrei! Tem uma pessoa... Eu já tinha ouvido falar muitas vezes sobre a CNV, era uma coisa que eu queria muito participar de grupos, sabia que tinha um grupo que acontecia no CEBB, de um guri que eu conheci há muitos anos atrás que sempre que eu encontrava com ele ele me convidava pra ir, o Z[...]. E eu conheci ele de uma história de muito t... Década atrás, assim. E aí, eu sempre que encontrava ele, ele reforçava e eu reforçava a minha intenção e nunca fui, até que quando comecei a me relacionar com o D[...] a

gente começou a praticar isso de uma forma muito afetiva e sem... não era bem isso, mas era bem parecido com isso, era uma forma totalmente diferente de se comunicar, assim... E na sequencia disso teve uma introdução com o Dominic, que o primeiro contato “oficial” assim, que eu tive, foi a introdução. E daí fez muito sentido, foi muito impressionante, nesse momento. Uma introdução, mas eu já flertava com isso há no mínimo uns três, cinco anos. Eu sabia que ia ser muito legal, que um dia talvez eu entraria mais a fundo.

O que te atrai na CNV?

Foi com a CNV que eu aprendi que todas as pessoas do mundo têm as mesmas necessidades e os mesmos valores. Que isso pode mudar, como a gente vê na intro, né, isso pode mudar de ordem, sei lá, pra uns a família vem antes da amizade, enfim... Pode mudar a ordem dos valores mas talvez tenha uma... Um laço, assim, meu laço com a CNV seja esse laço afetivo das coisas que eu aprendi estudando CNV e praticando CNV que são coisas muito fundamentais, assim, como que nunca ninguém tinha me dito ou ninguém tinha proposto, assim... E se todo mundo tem as mesmas necessidades? Só que algumas querem resolver a segurança votando no Bolsonaro, outras querem resolver a segurança criando menos desigualdade social... Sei lá, mas “e se?”, sabe? Essa proposta, e se as coisas são do jeito que as coisas são propostas na CNV é a forma que eu tenho entendido que eu consigo ver as outras pessoas que são muito diferentes de mim com as quais eu trataria com algum tipo de violência ou com um mínimo de violência, por mais sensível e sutil que ela fosse, ignorando ou diminuindo outra pessoa, eu consigo entender que as pessoas têm as mesmas necessidades do que eu e isso é uma das coisas mais incríveis, assim... Qual é a pergunta mesmo, de novo? O que me atrai na CNV... tá. Outra coisa que me atrai é essa capacidade de, enfim, como tá no nome né, de comunicar, de entender, tanto de eu comunicar, que é uma coisa que eu consigo muito melhor do que eu ouvir, acho que eu tenho muito [mais] uma dificuldade de ouvir empaticamente do que de comunicar empaticamente, mas de qualquer modo eu entendo que... enfim, é o que eu consigo ter até agora, assim. Treinar a minha capacidade de fala pra que ela seja mais clara e fazendo isso eu tenho passado por um processo de autoconhecimento gigantesco. Percebendo o que eu sinto, quando eu sinto, por que que eu sinto e o que tá por trás desse sentimento. Então... Eu não sei, talvez as vezes eu esteja até fugindo um pouco do que a CNV é, dentro do que o livro, que eu não li até o fim... Eu nem li o livro, na verdade, eu li pedaços do livro, não é que eu não li até o fim, eu li o início do livro... Mas enfim, pode ser que eu não esteja, né, fazendo a coisa exatamente como ela foi desenhada lá na origem, mas eu aprendi muitas coisas que tão me dando ferramentas pra viver a vida, pra viver a vida de uma forma que faz muito sentido.

Quais experiências com a CNV já participaste? Quais foram em Porto Alegre? (fale sobre estas experiências) – descreva as atividades, como os grupos são formados, como estão estruturados etc.

Hm.... Então, eu já fiz duas ou três introduções, apresentações com o Dominic... Ah, eu acho que eu não preciso explicar como funciona. (risos)

É um turno e depois a manhã do dia seguinte, né?

Tu nunca foi? Tá, mas o C[...], o D[...] já explicaram como é... Mas assim, é importante a minha visão sobre como é?

As intros até [que] não, mas assim como tem o grupo do G[...], tem algum outro?

Não... tá mas então eu não vou falar desses que são os que a gente meio que compartilha ou que já falaram... Pra não ser repetitivo, que acho que não faz sentido. O que que eu fiz pra além disso? Eu tive pares empáticos, então eu não sei se isso entra, mas pra mim entra. Então vou falar sobre isso. Eu tive uma par empática que foi a M[...], a gente começou a ser par a mais ou menos um ano atrás, e a gente estabeleceu que a gente se encontrava uma vez por semana, a gente se encontrava por mais ou menos uma hora, a gente tentava que os encontros fossem presenciais, ahm... E nesse encontro a gente falava por quinze minutos, fazia uma checagem de sete a quinze minutos depois a outra falava por quinze minutos, fazia a checagem. A gente começou isso e isso foi se tornando numa coisa muito interessante, assim, quando virou o ano, quando foi, sei lá, ali por março, a gente já tava fazendo o encontro fazia uns cinco ou seis meses, não sei direito, a gente começou a perceber que a gente tava muito afim de fazer outras coisas juntas também, e que por causa que ela já não tava muito disponível de tempo, ela já não tava morando na cidade, todas as vezes que a gente se encontrava eram vezes que a gente se encontrava só pra fazer o par. Então a gente não tinha muito tempo pra além disso, porque ela tinha várias coisas pra fazer, enfim... E a gente começou a pensar, “Bah, e se a gente parasse de fazer o par dessa forma que a gente faz e resolvesse fazer isso de uma outra forma? Porque a verdade é que agora eu quero curtir essa amizade!” Sabe, que se formou e que não existia, a gente não se conhecia... E foi muito interessante, curioso, não tá muito bem entendido ainda emocionalmente pra mim, porque eu gostava muito do espaço que a gente criava juntas de escuta, a gente praticamente parou, assim, de fazer as escutas entre nós e a gente começou a fazer outras coisas juntas que tem sido sempre incrível... Mas não é mais dentro desse espaço controlado de tempo, de compromisso e tal. E assim nasceu a primeira relação que eu tenho que parte de um espaço de par que é muito... É muito diferente de todas as outras relações que eu já tive na vida. Porque é uma relação de muita

intimidade, de muita intimidade de fala mas de corpo também, de, sabe, de sentir que a pessoa compreende muito aquilo que eu sinto, sabe? De sentir uma cumplicidade... Eu não sei se é bem essa a palavra, porque eu tenho pensado sobre ela, mas de sentir, assim, um apoio fortíssimo, assim, dela, sabe? Ela passou dois meses fora e a sensação é tipo assim, SAUDADE, sabe? Como se fosse uma coisa de anos e anos e anos, então acho que tem um elo assim, uma coisa que a gente construiu que foi muito bonito e é muito incrível de olhar pra isso... Enfim, eu celebro muito essa amizade e ao mesmo tempo eu sinto um pouco de falta e aí aconteceram algumas coisas nesse meio do caminho, que aí eu vou contar e depois eu volto pra M[...]. Quando ela foi viajar, e ela passou dois meses fora e agora ela recém voltou, ela... Eu sabia que eu ia ficar... Foi quando a gente meio que decidiu, tipo, tá, agora não vamos mais fazer par, isso é definitivo assim, tipo, vamos de fato seguir assim, porque eu não ia nem mais ter como ver ela assim, eu não ia ter como falar, né, mesmo informalmente sobre o que tava rolando, o que tava quente pra mim. Eu não ia poder ter esse espaço. E aí a gente não sabia como que ia ser os processos dela lá [onde ela iria], enfim, talvez fosse difícil pra ela conectar e a gente decidiu que a gente ia deixar isso molho assim, mesmo, a própria relação da gente se juntar ia ser muito mais difícil, e nesse momento eu pensei: eu tô passando por um momento que eu vou precisar de apoio pra mim, fazer o par empático tem sido muito importante, tem sido o lugar onde eu mais... Onde eu mais aprendo sobre coisas que realmente são muito importantes pra mim, é muito especial ficar tentando ouvir a outra pessoa, sabe, tentando chutar e tentando fazer. É muito interessante esse momento de estar – pra mim tem sido incrível, eu queria muito ter isso, eu não queria perder esse momento enquanto ela tivesse fora. E aí eu falei com a B[...]. A B[...] eu conheci na última intro que eu fui, tipo, essa apresentação, né, com o Dominic. Eu pensei, não, eu já encontrei ela lá, ela tem um projeto meio parecido, meio... complementar, assim, com [projeto no qual a entrevistada trabalha], ela é uma amiga super massa, ela tem várias histórias, eu super admiro ela, ela super admira o nosso trabalho também, e a gente se encontrou numa intro, ela tava lá sozinha, não conhecia ninguém, mas ela tava sentindo vontade de fazer, a gente trocou - fez duas escutas lá no início do ano – e aí quando a M[...] foi viajar eu reativei o contato com ela e disse “Eu quero muito voltar. Eu quero te fazer uma proposta e se tu tiver interessada em ouvir a gente pode se encontrar pra falar sobre isso”. E foi muito legal porque a gente se encontrou ao vivo e aí eu falei tudo que eu queria pra ela, só que eu não fui indireta, assim, eu pensei “o que que eu preciso?” Eu preciso de uma pessoa que eu possa encontrar todas as semanas, num mesmo horário – se for num horário fixo é muito mais fácil, porque várias vezes com a M[...] a gente ficava revisando o horário e não sei o que – se é um horário fixo pra mim funciona muito melhor daí a gente definiu que... Eu disse “ó, eu preciso que seja um horário fixo, se a gente não pode naquele horário a gente deixa pra semana que vem” e a gente tem liberdade de trocar, que

a gente não vai poder numa semana ou na outra, que pra mim seria super difícil ficar dizendo que, ah, que essa semana eu não quero, não posso... Em fim, tipo, a gente já meio que se liberou da culpa futura, sabe? Tipo, não vai ter culpa... A gente já definiu várias coisas sobre se a gente ia falar sobre pessoas que a gente conhecia ou não, a gente não definiu, mas a gente falou sobre isso, sabe? A gente falou: faz sentido? Se não faz sentido vamos deixar pra quando começar a rolar de ter alguma coisa, algum conflito que eu tenho com pessoas que tu também conhece, como que a gente vai fazer isso e tal... Porque isso já tinha vindo desde uma história que tinha acontecido comigo de uma pessoa fazer uma esc... Fazer um desabafo, assim, muito sem tá acordado que aquele desabafo ia acontecer e era um desabafo que tava relacionado com uma pessoa que eu também sabia quem era. De uma história que eu não conhecia e enfim... Rolou meio que um conflito, assim, eu preferia não ter ouvido aquele desabafo, não ter sabido daquela história, não ter ouvido aquela coisa através daquela pessoa que chegou pra mim do nada e me disse coisas. Então eu percebi um lugar meio bizarro que a CNV pode chegar, assim... quando não tem acordos. Quando não tem acordos com relação em como é que a gente, por exemplo, tu tá me contando uma história sobre alguém que a gente conhece, como é que tu cuida de mim, que tô ouvindo, sabe? Porque em geral, claro que o movimento de cuidado é muito mais de quem ouve pra quem fala, né, mas como é que tu também pode cuidar quando tu, por exemplo, não fala mal de alguém que tu sabe que eu gosto muito, né? Ou quando tu mede melhor a tua palavra, quando tu faz já uma escuta, uma prévia escuta pra falar um pouco menos ácido, sei lá, sabe, então com base nessa experiência, tinha sido meio estranha assim, que eu tive, eu quis já trazer essas coisas pra ela e a gente meio que definiu vários acordos, assim, de como que a gente ia fazer, e foi muito metódico, assim, sabe, e a gente tem feito o par desde então, ahm... Pulando algumas semanas que a gente não pode, voltando as outras semanas, tem sido uma coisa regular e que me dá uma sensação de estabilidade, de apoio... pra várias coisas, assim, então isso tá fazendo muito sentido pra mim. Ahm... E aí, voltou a M[...], a gente conseguiu fazer algumas escutas, daí a gente fez mais escutas mesmo nesses últimos tempos, a gente fez tipo três escutas, mas aí agora a gente tá um pouco mais equilibrada, tipo, escuta, convivência, amizade, tipo, tá tudo junto assim... E a proposta que a gente têm eu e a M[...] que eu entendo é tipo isso, a gente construir uma relação que tem a CNV muito próxima, tipo, tá, com carinho a gente guarda a CNV, assim, aqui do nosso lado como uma referência, ah... mas ao mesmo tempo existe um outro espaço que a gente tá criando que é um espaço mais criativo de convivência. Total. Mas tipo, sempre com essa... com essa referência da C... Tipo, não sei se extrapola no sentido que se perde da, entende? É extrapola é mais, porque a CNV tá como base, assim... Ah! Acho que é isso!

Eu queria que tu lembrasse, citasse um exercício da CNV – exercício que eu digo, é uma pratica da – que tenha te trazido um impacto emocional grande.

Muitas... Acho que a CNV tem essa capacidade de me causar impactos emocionais grandes. No primeiro momento é difícil de achar um e no segundo momento me veio uma história, que foi uma história que eu tava fazendo uma escuta num dia que foi só eu e o C[...] pra o encontro lá no A[...], e a gente... Eu expus uma situação onde eu tava falando uma coisa com uma pessoa, daí ele tava ouvindo... Não, no *check-in* eu contei a minha história, daí ele contou a história dele, e aí a gente fez uma coisa de tentar... Ele representar a história que tava quente pra mim, né, a pessoa com quem eu tava tendo um conflito e eu representar depois a pessoa com quem ele tava tendo um conflito, e aconteceu que a gente chegou à conclusão de que os lugares e os papéis com quem a gente – que a gente tava interpretando, cada um no seu momento, eram muito parecidos, histórias completamente diferentes, mas a gente conseguiu chegar num ponto de observar uma relação de poder, assim. Que no caso era dele em relação àquela outra pessoa e que no caso era o meu menos poder – como eu tava colocando uma situação de menos poder na relação com quem eu tava tendo um conflito... Que no caso era meu pai. Então, tipo, a gente meio que foi um negócio muito doido porque aconteceu uma coisa meio... Eu vou dizer mágica, agora, sabe, mas tipo, não é isso, mas é isso, assim, rolou uma sincronia tão incrível, assim, porque em algum momento da história a gente começou, a gente... Eu tinha feito a escuta pra ele, tipo, eu tava fingindo que era fulana, ele tinha feito fingindo que era fulano também e tipo, rolou que a gente pensou “então a gente não precisa mais fazer o teu exercício e o meu”, porque parece que é o mesmo, sabe, é o mesmo brinquedo, assim. Ahm... E eu percebi coisas de relação de poder, assim, e eu nem sei se isso é CNV, assim, mas eu nem tô! Não tô preocupada se é, entendeu? Cheguei num lugar muito importante pra mim, de perceber a relação de poder que meu pai tem em relação a mim, como eu me coloco no lugar de... de... Menos do que ele, quando eu faço uma decisão. Então, tipo, isso foi super forte, sabe? Ahm... Eu acho que todas as vezes que acontece uma escuta da escuta, sabe, que a coisa meio que se desenrola de um lugar mais improvável, assim... é... é interessante. Eu não consigo pensar num exemplo, agora. Teve também um episódio que tu tava junto que foi o episódio daquela menina que chegou no grupo e aquilo foi super marcante pra mim... Porque, o que que aquilo... O que que houve, o que que aquilo significa pra mim? Tem a ver com quando tu estuda... Sei lá, to estudando, tentando entender uma coisa, que eu não conheço tão bem, que é muito... é muito mais profundo, é muito profundo, é uma coisa que não é fácil de entender, ahm... E como de repente uma outra linha de estudos dessa mesma coisa pode vir... Sabe, outras referências podem não ser construtivas, dependendo da forma como tu coloca elas. Ahm... Acho que tem a ver muito, assim, com essa coisa de ter referências diferentes e quando elas se juntam tem que ter algum tipo de cuidado pra fazer

essa junção.... Esse encontro, assim. Ahm... Ah, milhares de vezes, teve uma vez agora no início do ano... No início do ano não, fazem uns dois, três meses, que eu fiz um pedido pro D[...], bem o “deseinho” assim do pedido da CNV, eu nunca nem estudei muito bem a história do pedido mas eu pensei, tá, eu vou fazer um pedido de algo que eu preciso. Eu passei meses elaborando o pedido, sabe, era algo que eu queria pedir pra ele desde que ele morava lá em casa, fazia nove meses que ele tava morando lá em casa, eu fiz um pedido... E tipo, desenhei o pedido, escrevi o pedido, pensei “tá, agora preciso só falar pra ele”, daí eu fui falar pra ele e comecei a chorar incessantemente! Tipo, eu não sabia que eu tinha que chorar pra fazer um pedido, sabe? Que eu ia chorar pra fazer aquele pedido ridículo, sabe? Ahm... E só funcionou, sabe? Só foi incrível, eu chorei porque eu precisava liberar uma dor, uma culpa, sei lá, um lugar que eu tava achando, tava me julgando de tá fazendo aquele pedido, mas tipo, é isso, sabe? Foi uma dissolução de uma coisa, então têm sido experiências de ver que funciona muito, têm sido experiências de ver que é um caminho pra encontrar coisas muito preciosas, assim, de compreensão do mundo, de compreensão das minhas relações, de compreensão de dinâmicas que existem... Então... Não sei, acho que é isso.

A próxima coisa que eu ia perguntar... Tu já falou disso, mas, que é: para quais propósitos, quando tu usa [a CNV]?

É, eu acho que tem... Eu... Eu acho que... Vou tentar falar com outras palavras e tentar elaborar um pouco melhor, assim... Eu acho que eu tenho conseguido usar de uma forma que seja mais pra conseguir me expressar melhor e conseguir entender melhor o que que eu tô sentindo, eu acho que isso tem sido a coisa que eu mais consigo fazer e eu lamento um pouco porque é óbvio que eu queria também conseguir ouvir melhor, mas de vez em quando eu consigo... Quando realmente tá muito difícil de entender, de conectar com uma loucura, sabe com uma pessoa muito doida, com uma pessoa muito surreal e tal, tipo, ahm... Sei lá, é um recurso que eu tenho, entendeu? E é uma coisa que por mais que eu veja diferença – eu passei um mês e pouco fora e eu percebi a minha dificuldade de fazer escuta quando eu voltei, porque eu passei esse tempo sem praticar, assim, ahm... É um recurso que eu tenho, não vou... Não é algo que podem tirar de mim, sabe? É... é uma inteligência, sabe, é uma ferramenta muito muito foda, muito maravilhosa, muito potente, assim... Com um potencial absurdo, assim, e eu sinto que ter essa ferramenta comigo vai me ajudar em tudo na vida, assim, vai me ajudar a entender o mundo, vai me ajudar a me relacionar com as pessoas, vai me ajudar a me relacionar comigo e, tipo, é isso, sabe? São as três esferas possíveis, todas elas nenhuma mais importante que a outra, mas todas elas importantíssimas, assim... Mas é isso, o lugar onde a minha vida tem andado nesses últimos anos e o lugar onde eu entendo que... Sei lá, com relação ao que que eu tô fazendo aqui nesse mundo, ainda, e tal, tem

muita relação com isso. Primeiro eu preciso saber quem eu sou e que que eu tenho. Quem eu sou e que que eu tô fazendo, sabe? Tipo, eu preciso me conhecer. Preciso. Se eu não me conhecer eu não vou ter nada pra dar. Não vou achar que eu tenho nada pra dar e eu não vou ter nada pra dar, sabe? Não vai rolar relações, não vai rolar trocas, não vai rolar nada, assim. Então, tanto para o meu autoconhecimento quanto pra falar sobre autoconhecimento pra outras pessoas, a CNV é muito incrível, acho que cada vez mais que a CNV chegou pra mim mais eu tenho conseguido – não sei se isso tem a ver com a pergunta, mas mais eu tenho conseguido expressar coisas muito íntimas, assim... “Publicamente”, em grupos de pessoas que eu não conheço, não interessa, sabe? Eu tenho entendido que é muito importante falar porque eu não tenho muita vergonha, assim, de falar as coisas... Eu já tive muita vergonha de quem eu era... E como hoje eu não tenho mais, porque eu acho que... Faz parte, enfim... Claro né, das coisas que eu lembro agora, de repente tem coisas bloqueadas lá, enfim, mas não é o caso! A história é tipo, eu acho que é importante, eu acho que é um tipo de militância, assim, que eu faço, quando eu tô num grupo de pessoas que eu não conheço, falar sobre uma coisa muito íntima minha, dependendo das circunstâncias, das possibilidades, sabe? Mas assim, eu me expor, sabe? E eu me expor é no sentido de mostrar ahm... Que... De dizer que é... Que essa coisa, esse conflito que eu tô mostrando, que eu tive, sei lá, não é as coisas boas, tipo, pô, eu tive um conflito fodido em relação à essa história aqui, e eu acho que isso é uma coisa super... Quando eu ouvia pessoas falarem desse jeito, quando eu não tinha coragem de falar sobre mim, de me expor... Era assim, “caramba, essa pessoa também...” tipo, outra pessoa também passa por conflitos internos! Sabe? E acho que isso gera uma... não sei se empatia, mas tipo, conexão, assim... Então tipo, esse também é um lugar que eu gosto de usar a CNV, sabe. Perceber, ah, que eu tô me sentindo assim, to precisando de tal, tal coisa aconteceu... Tipo, é uma forma também de eu espalhar assim a humanidade que tem em mim pras pessoas reconhecerem a humanidade que tem nelas e reconhecerem que a gente é mais parecida do que a gente parece, só que a gente não fala sobre as coisas. A gente só fica tipo, fingindo que tá todo mundo bem, sabe?

É uma forma de encontrar forças.

De encontrar e de juntar forças. De se conectar com outras pessoas, assim... É isso...

Eu não tenho mais perguntas. Mas se tu tiver mais respostas...

(risos) Não sei... Eu acho que tem... é um momento muito impressionante, assim... Acho que tem uma questão de autorresponsabilidade, de responsabilidade de si, que ela traz que é muito forte, assim... Muito presente, mesmo. Eu sou responsável pelas minhas... Pelos meus sentimentos. Eu sou responsável pela minha reação em relação ao que o outro faz, o outro diz, o outro age. E é

isso assim, tem uma outra coisa que foi – tá sendo – bem importante estudar e entender, assim, a diferença de tu ver como tu tá te sentindo e não fazer a relação disso com... E não... Ao invés de dizer como que o outro fez tu te sentir, sabe? Ah... “me senti julgada”, “me senti culpada”... Não, eu tô me sentindo culpada, sabe? Se eu tô sentindo culpa por alguma coisa, que é uma merda, tipo, quem tá sentindo sou eu, não que alguém fez eu me sentir, sabe? Fez eu me sentir feia... Não, espera aí, sabe? Fez eu me sentir mal... Não, sabe? De pensar em tomar a responsabilidade dos meus sentimentos pra mim. Eu acho que isso é... Não sei, tem esse... É o conceito de maturidade emocional, assim. Que eu acho que a CNV traz. E é bem... sei lá, tipo aquelas coisas, quando tu fica muito maravilhada com alguma coisa na vida, tu acha que aquilo é a solução pra tudo! Sabe... “Se todo mundo fizesse isso, o mundo seria um lugar muito melhor!”, e a CNV é uma dessas coisas que eu consigo ver essa utopia – ah, imagina se todo mundo praticasse a CNV! Sabe? Seria muito incrível, porque as pessoas iam... Não iam cometer crimes! Sabe, tipo... Não iam fazer coisas que elas fazem, tipo... Enfim, não crimes passionais, assim, né... Tô pensando em mulheres mortas, tipo... Né, óbvio que a gente tem a desigualdade social. Mas tipo a história é, as pessoas não iam fazer merda, sabe! As pessoas iam se dar conta do espaço que elas têm de barganha consigo mesmas e com os outros e agir pra isso, né... pra fazer e pra criar situações de mais harmonia, assim... Sei lá, e daí pensando, já que falei em desigualdade social, daí me inspira muito assim, pensar nas pessoas que inspiraram esse cara a criar a CNV e daí pensar, será que as pessoas não iam se tornar mais responsáveis pela sociedade onde elas vivem e fazer também manifestações não-violentas? Seria lindo! (risos) Tipo... Seria incrível, sabe? Porque daí tu desenvolve um senso crítico... Nossa... Incrível, de maturidade mesmo.

10.4 ENTREVISTA IV

D. Entrevista IV. [Out. 2018]. Entrevistador: N. de Freitas. Porto Alegre, 2018. 1 arquivo .mp3 (34min).

Como conheceu a CNV? Em que ocasião teve envolvimento com ela pela primeira vez?

Eu conheci a CNV quando eu tava lá no B[...] e deu aquela crise existencial lá entre os núcleos ali que tu bem sabe como é que foi e... Agora não lembro se foi, assim, a primeira experiência real com a CNV [?] foi essa, sim. Mas eu lembro que se não me engano foi eu mesmo quem sugeri – não que seja importante do ponto de vista de paternidade, só que pra fazer a conexão com a primeira experiência real – sugeri que a gente tentasse reunir com o P[...] pra tentar resolver algumas coisas. E aí o P[...], o P[...] almoçava direto lá e foi conversar com a gente e nessa mesma época o C[...] tava começando a... Já tinha tido um contato com a CNV, tava começando e eu ele estávamos começando a ficar mais próximos. E aí o P[...] foi numa... Fez um encontro

coletivo no B[...] onde a gente fez uma dinâmica de Dragon Dreaming, que é a dinâmica do sonho. Só que diante da dinâmica do sonho, de tudo que se expôs e tal, o que a gente viu na verdade é que mais do que criar um sonho coletivo, na verdade é necessário resolver alguns conflitos, e aí que entrou a CNV. Daí o P[...] começou a fazer algumas escutas individuais e tal e começou uma tentativa desse processo de resolver conflitos. Porque essa já é uma segunda – talvez uma segunda etapa da CNV. Que é a resolução de conflitos. Se a gente fosse separar em níveis, provavelmente começa com um grupo, né, e tal, depois tu entende ela sistematicamente como uma possibilidade de fazer mediações e resolver conflitos. Mas no caso, já... A primeira vez que eu experimentei ela já foi diretamente nesse viés, assim... Viés de escuta em consequência de um espaço pra resolver conflitos. E nesse processo eu fui muito espectador, assim... Porque eu, de certa forma, tava meio cego de que eu tinha conflito com alguém e as pessoas também, em geral, não que elas não tivessem conflito comigo, mas o conflito maior que elas tinham com outra pessoa fez com que elas apontassem pra esse conflito maior, e não pra possíveis conflitos menores que elas tivessem tido. Depois disso eu fui participar de alguns encontros com o Dominic, umas palestras de um dia e tal e outras coisas que o P[...] fez... E tinha o grupo da P[...], eu fui em alguns encontros... Depois eu e o C[...], nessa mesma época a gente tinha o [projeto] com a T[...] e dentro desse mesmo processo a gente também se valia de possibilidades da CNV pra encaminhar alguma coisa, pra resolver alguma coisa. Basicamente foi isso, foi assim que começou. Se alguma parte da resposta não te contemplar, tu...

Não, tudo bem. Tu lembra onde foram esses encontros com o Dominic?

Lembro, foi no Vila Flores, acho que... Dois no Vila Flores, esses primeiros é no Vila Flores. E tinha um outro lugar lá na Doutor Timóteo, que eu posso resgatar depois o lugar, que teve também um encontro lá. E aí as introduções sempre foram ali na Escola Municipal Paulo Freire. Né, são encontros de dois dias.

Antes de seguir acho que seria interessante entrar nisso que tu falou, de primeiro ter um grupo e depois resolver conflitos... Como que é essa...?

Pelo que eu vi, né... Isso é uma impressão totalmente individual. O cara ouve falar sobre Comunicação Não-Violenta por alguma maneira e geralmente é nesse viés de resolver conflitos. Sei lá, quando tu vai na introdução a maioria das pessoas ou são da área da educação ou são da área da justiça. Porque na área da justiça elas ouviram falar em Comunicação Não-Violenta por causa das súmulas dos... e dos embriões de processos de justiça restaurativa que tem principalmente aqui em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul... E... Só que eu acho que pra entender esse processo de círculo restaurativo, assim, de resolução de conflito, tu precisa entender o que tá antes disso que é

esse processo de escuta empática, né. Então... E aí, te traz direto pro teu dia-a-dia. Traz pra tua relação com a tua companheira, com teu companheiro, traz pra tua relação com teu chefe, com a tua família, em fim... E me parece que, pela minha experiência, que o primeiro gatilho assim, que a gente apresenta pra uma pessoa é a possibilidade de fazer uma escuta e fala sobre a escuta empática. Depois desse conceito da escuta propriamente dita com esse processo de checagem e tal, a coisa vai andando pra um exercício de anjo, que também é uma escuta, depois tem a mediação descalça, depois o círculo restaurativo tem outros elementos que nem sempre nos grupos são trabalhados. E aí as pessoas começam a participar dos grupos. Algumas começam a ver vídeos e a ler livros e acham... E aí tem um monte de informação que acaba sendo torta, e acham que praticam Comunicação Não-Violenta. Esses dias saiu no programa da Fátima Bernardes... Teve um exercício de Comunicação Não-Violenta no programa da Fátima Bernardes, uma aberração, que uma das propostas era como você... Em vez de falar “você é um idiota”, a alternativa no programa da Fátima Bernardes era “você está errado, deveria se informar mais sobre isso”... (risos).

Então, tem esse processo de cooptação da CNV, né. Até falo que tem duas CNVs, né. A linha que segue o Marshall e tenta manter radicalmente o que ele traz através do Dominic e das pessoas em torno disso e tem uma CNV autoajuda – entendendo autoajuda como algo estereotipado e cooptado, assim... Superficialmente, que é o que acaba indo pra TV ou tem grupos aqui de Porto Alegre mesmo que seguem essa linha... Ou que isso vira técnicas pra... O próprio livro tem isso, no subtítulo, que não é consenso sobre técnicas de comunicação ou técnicas pra mais sucesso... Ou pra fazer... Como se a Comunicação Não-Violenta fosse capaz de gerar convencimento no outro. Como algo estratégico... Eu não sei se é bem isso, que o Marshall quis...

Tu falou de mediação descalça... O que é mediação descalça?

Mediação descalça é um exercício que a gente faz na introdução à Comunicação Não-Violenta que... é... instrumentalizado do processo de escuta de dois opostos, tu faz checagens entre um e outros e essas pessoas te têm como mediador, então nada mais é do que a pessoa fala uma coisa pra outra, e você checa – o que você ouviu que ela disse? E aí começa uma espécie de telefone sem fio, assim, porque as pessoas nunca ouvem o que a gente quis dizer. O que a gente disse de maneira torta. Então a pessoa começa a se sentir ofendida e aí começa a rolar uma série de checagens entre o que você entendeu que a pessoa falou, o que você ouviu, “foi isso que você quis dizer?” “Não, não foi isso que eu quis dizer...” até que chega num consenso de que tipo, sim, foi isso que eu quis dizer, finalmente essa pessoa escutou o que eu quis dizer, sim, foi isso que eu ouvi – e aí vai pra resposta, assim... E aí o Dominic nesses encontros ele defende que, ele fala que esse processo de mediação é uma mediação descalça porque ela não precisa de nenhuma... Não existe

um pré-requisito pra você poder fazer uma mediação descalça. Não precisa ser um *expert* em escuta, só precisa ter boa vontade e, lógico, ter uma prática de checagem e de boa escuta. Mas você dá pros dois opostos a possibilidade deles se explicarem diante do outro e não você refazer a frase dele.

O que te atrai na CNV?

Cara, eu não... Tirando uma conexão orgânica de amor entre as pessoas que é muito rara mas que acho que a gente pode reconhecer ao longo da vida em algumas relações que a gente tem ou se a gente tiver aberto pra isso... Então, tirando essa conexão amorosa que aceita e acolhe o outro e que a partir dessa aceitação e desse acolhimento gera um espaço de conforto e consequentemente de apoio, tirando essa sensação orgânica estando explicada como eu tô fazendo, pra mim a Comunicação Não-Violenta é o processo, o instrumento, sei lá, que eu me deparei na vida com maior potencial transformador. De salvar as nossas relações e dar um pouco mais de saúde. E a partir desse resultado concreto que eu tive nas minhas experiências eu acredito nisso com muita convicção... Então é isso que me motiva. Não teve um outro instrumento que eu tive acesso até hoje que com o tempo causa o mesmo impacto do que uma relação baseada em CNV ou processo baseado em CNV.

Quais as experiências de CNV tu já participou, quais foram em Porto Alegre? Se tu puder descrever as atividades, a formação dos grupos, como se estruturam os grupos...

Todas as experiências que eu tive foram em Porto Alegre. Ou foram experiências de um grupo que não é específico pra viver CNV como o grupo da [endereço], por exemplo, que iniciou G[...]... Por exemplo, no [outro projeto], eu, a T[...] e o C[...], a gente faz outra coisa. Né, a gente faz projetos que tentam equilíbrio social, bababá e construção de rede de compartilhamento. A gente faz isso. Pra fazer isso, dentro das nossas... Dos nossos processos, a gente sentiu comumente que a gente ia usar instrumentos de Comunicação Não-Violenta. Então aquele espaço passa a ser um espaço de experiência em Comunicação Não-Violenta. Assim como é no relacionamento que eu tenho com a minha companheira. A gente decidiu que o nosso relacionamento ia ser baseado em Comunicação Não-Violenta. Daí isso se expande um pouco, com o tempo. Algumas relações de amizade que eu tenho... Então tem isso, que o objetivo, o fim não é praticar CNV mas viver CNV – e isso é uma tentativa que tu começa, que eu acho que o mais importante é: por que só com a V[...]? Por que só com o C[...]? Por que só com o Nilo, por que só com a M[...]? Porque eu tenho a capacidade de experimentar, mesmo que isso represente uma unilateralidade ao longo dos dias da minha vida, com as pessoas que eu encontro, acho que esse é o grande objetivo, né? Quando eu me

defronto com o meu pai, com a minha mãe, né, será que eu consigo ser Comunicação Não-Violenta? Uma forma desse processo de vida, na prática, em específico com os grupos pra fazer CNV, eu tive no grupo da P[...]... A gente fez alguma coisa direcionada na V[...]... Resolução de conflito, mas também foi um instrumento pra resolver um troço assim, como lá no B[...], bem parecido, e eu participei já de seis ou sete introduções na escola, participei de uns quatro ou cinco encontros de um turno desses que o Dominic dá, participei de uns dois encontros com o P[...], sobre CNV, o grupo da P[...]... Estabeleci pares empáticos a partir dessas experiências de introdução de CNV, até que chegou na formação do grupo de CNV do G[...], são esses os espaços que eu experimentei.

Eu queria que tu citasse um exercício que tenha tido um impacto emocional grande, que tu descrevesse a experiência.

Tem duas coisas que pra mim fazem muita diferença. É a escuta sistematizada semanal, dos pares empáticos e dentro delas um... quando se trata de uma situação específica. Uma relação específica. Que tu forma um par empático pra falar cada um quinze minutos ou cada um vinte minutos ou livremente se vocês têm condição de tempo, sobre aquilo que tá quente em ti. E também tem a possibilidade de formar par empático em que tu vai representar uma relação específica. Então, eu tenho dificuldade de relação com a minha mãe – não é verdade, mas vamos dizer... Então toda semana eu vou trocar uma escuta contigo e daí a minha parte eu vou falar sobre essa relação. Isso faz bastante diferença. Consegue superar bem... Consegue superar de uma maneira... Não é rápida, mas... Tu vê concretamente a coisa, assim. O estado emocional, ele muda na relação, com essa outra pessoa. Principalmente se quem tá fazendo contigo a escuta, tá disposto a fazer uma checagem disposta, assim... Sem medo de errar, e tal. E a outra coisa que eu faço menos, mas que também tem um impacto muito grande, assim, é o exercício individual, assim... Da autoempatia. Pode ser feito tanto mentalmente, quanto usar papel e caneta, assim. Que é uma situação em que eu não to me ajudando muito bem ou tô me condenando e aí uma série de três a quatro perguntas de checagem ajudam a diluir essa sensação. Eu acho que essas duas coisas... Essas duas de maneira mais organizada. Mas, pra ser honesto, assim, acho que nada como ter uma rede que tu tá fodido e tu sabe que tu pode acessar aquelas pessoas, pra falar qualquer coisa. “Pode me ouvir?” “Posso”. “Pode me ouvir agora?” “Não”. Liga pra segunda [pessoa]. Tipo, dificilmente tu vai ter que entrar em contato com mais de três pessoas. Eu nunca precisei. No máximo na terceira aconteceu... E aí cara, tu joga tudo pra fora e vai ter alguém ali que tá te ouvindo e vai tá instrumentalizado de te fazer uma pergunta que faz com que tu... Sabe? Volte. E isso reduz muitos danos, assim... Tanto

eventuais de consequência quanto que seria se tu pegasse e jogasse isso no mundo de uma outra maneira.

Acho que também seria interessante ouvir tu falar sobre o grupo que se formou para ser o grupo do G[...]. De onde veio a ideia, como se organizou etc.

Então, tava sem grupos aqui em Porto Alegre, o grupo da P[...] tinha acabado, tinha uns outros grupos de um pessoal que a gente não conhecia, assim... Nessa outra linha que eu te falei. Isso eu tô falando pelo meu julgamento. Não o julgamento dos guris... A gente saía das introduções e “tá, e agora?”... E daí a gente praticava em alguns ambientes, mas não era uma coisa assim, sabe, que aprofundava. Tanto que até hoje tem um debate, um clamor assim, pra gente – pelo menos da minha parte, e eu sei que de alguns também, a gente falou com o P[...] sobre isso, e com o F[...], que é sobre aprofundar as ideias da Comunicação Não-Violenta num nível sistêmico. Que eu acho que acabou acontecendo alguma coisa com o grupo fechado lá com o C[...], eu não participei... Então assim, a gente se viu sem lugar pra praticar, viu que a gente ia pro grupo, pra introdução cada três, quatro meses que o Dominic vem, e que era massa, mas que – cara, só isso não é suficiente. No final dos encontros o Dominic fala, “ó, pra você aprofundar isso, você precisa ter um par empático semanal, você precisa praticar o exercício de autoempatia, você precisa... Tantas vezes...” Que não é assim, que é um pré-requisito, um currículo acadêmico... Mas que a gente sabe, né, se tu faz flexão todo dia, o corpo vai tá mais preparado pra flexão, se eu quero aprender uma nova linguagem, que é um pouco do termo que usam pra CNV, eu tenho que praticar ela o máximo possível. Eu não aprendo inglês sem praticar inglês. A gente não aprende a falar sem praticar a fala. E aí, nisso, o G[...] tava no seu primeiro meio ano, assim, e experimentamos CNV internamente, dentro das possibilidades coletivas, pra resolver conflitos, direcionar, e a gente achou que tinha um grupo em volta da [endereço], que estruturaria a existência do grupo de prática. Que é sempre um desafio manter ele vivo, né. Tu bem sabe, agora... Então, ah, são nove pessoas no coletivo, são dez pessoas na [outro coletivo], a gente fez uns links da rede de apoio, mais, aí, vinte pessoas na rede de apoio, mais algumas pessoas que tão afim... Vamos começar. Ah, segunda-feira, um dia que normalmente ninguém faz nada, praticamente, pode ser uma boa... E aí “vamos fazer? Vamos fazer!”. Começamos a conversar eu, o C[...], o F[...] e o P[...], por um grupo de *messenger* no *Facebook*, porque o F[...] não tinha nada além disso pra se comunicar, e ali a gente começou a tentar entender como que seria – seria um grupo de prática, seria um grupo de situações errais, num dos primeiros encontros teve algumas perguntas sobre isso – acho que tu tava [presente]. E aí depois o processo do grupo que se deu, assim. Veio dessa... Daquela perspectiva que eu tava falando antes da gente ter certeza que isso era o melhor que a gente podia fazer, sabe? A gente tava,

nossa, a gente olhava pro lado e via relações quebrando, as pessoas deixando de se falar, sei lá, desde tipo, entre nós mesmos, até absurdos como a V[...] não vai no G[...], o A[...] não bota os pés mais no B[...]... Sabe? Depois as coisas da V[...] também, quebrou, as gurias quebraram os pratos, e a gente não conseguia... E aí a gente falava – não, a gente precisa de mais prática no dia-a-dia pra quando essas coisas aparecerem, estar mais preparado e tal, bababá... E aí foi isso, foi essa a intenção. Eu não... Eu sou bem preguiçoso assim, pra qualquer tipo de estudo, né. Sou muito empírico, assim... Então eu tento focar a CNV durante os dias pra minha prática da minha rotina também compensar a minha falta de prática em lugares específicos pra isso. Eu sei que isso é um grande perigo e gera uma grande confusão e que quando não peço apoio, tu já foi testemunha disso, já presenciou, eu tô longe de ter atitudes baseadas no conceito de Comunicação Não-Violenta. Mas tá, é uma experimentação, né. Não vou ficar aqui me condenando agora, mas enfim, na segunda-feira eu começava o dia 7 da manhã e quando chegava 7 da noite, pós reunião do coletivo principalmente, chegou uma época que eu já não tinha mais... Começava a participar do grupo e eu “porra, não to conseguindo escutar essa pessoa. Não posso ficar aqui. Não é justo, não é honesto”. E aí eu parei de ficar e é isso.

Eu não tenho, a princípio, mais perguntas. Mas tu pode ter mais respostas.

Não, cara, eu acho que sei lá, dentro do monopólio radical da escola de doze anos, a CNV podia ser uma boa matéria (risos). Uma coisa que a gente chegou à conclusão assim, que... A gente pensava... Sempre ajuda né, por exemplo, no coletivo nós éramos em nove, depois ficamos em seis de novo, e eu tinha prática de Comunicação Não-Violenta em outros espaços, em outras relações, e só o fato de eu, embora ser o único ali, ter experiência, reverberava no resto. Isso é importante? É. A gente chegou nessa conclusão de que isso era importante, e tal. Mas não é o suficiente e nem é o que vai sustentar. Se as outras pessoas não se engajam nesse mesmo modelo, mediante uma turbulência maior, ou a falta de capacidade daquela única pessoa, porque tu acaba sendo parte daquilo também, sempre no papel do pêndulo (?), e isso não é saudável... Então, “quando um não quer, dois não brigam”... Não sei se esse ditado vale, mas em CNV é um pouco isso, assim. Ela funciona unilateralmente pra tu criar uma estabilidade emocional individual, e tal, compreender, acolher um pouco mais, mas dentro de um grupo, de uma relação, tem que tá todo mundo minimamente inserido nisso pra de fato se potencializar, sabe? Daí o troço vem com força, assim. Bah, daí é incrível, os lugares que tu chega. Incrível mesmo. Às vezes o meu eu mais julgador, assim, quando eu pego e me disseco e fico só com as partes podres que eu tenho... “Nossa, que porra é essa”, né, quem me olha assim – como se alguém me olhasse assim tanto quanto eu, que é uma mentira, mas a gente cria essas ilusões na cabeça - “bah quem me olha assim, quem me vê

assim deve se perguntar que que a V[...]... Como é que ele mantém uma relação com a V[...]”, né... E aí, nesse processo eu tô me iludindo com o pior de mim e o melhor dela. Porque eu preciso dessa posição de vítima pra me empoderar. Eu tô escancarando um processo ilusório aqui, da minha cabeça. E aí diante disso, assim, primeiro que eu tenho que sumir com esse processo, porque ele não é benéfico, mas tipo se eu continuo eu fico pensando... “É”, só que nessa relação o que a gente construiu através de acolhimento e escuta e acordos claros sobre as coisas e possibilidades de conversar sobre as coisas por mais inconscientes e travadas que elas estejam é impressionante, os lugares que a gente chega, assim... E aí tu passa a não querer abrir mão disso, assim... Eu penso em ter uma casinha no campo, com outras pessoas, talvez dividir uma terra e tal, mas se essa ação não tiver um espaço de escuta confortável e segura e a gente ter acordos claros, baseados em CNV, eu não acredito que vá funcionar. Mas se tiver, eu vejo... Mas eu não posso impor a minha intenção nos outros, então vem aquela coisa de tu esperar. Talvez algum dia tenha pessoas com essa intenção o suficiente pra tu criar esse espaço. Não sei se é assim que funciona... Mas em fim, deu até saudade agora... Pensar um pouco mais sobre isso.